

a granja

A REVISTA
DO LÍDER RURAL

PORTE PAGO

DR/RS

ISR-49-0399/81



**Los brasileños invaden
la República Oriental del Uruguay**

COLUMBIA VORTEX

TODOS OS VENTOS A FAVOR DA SUA PRODUTIVIDADE

A Columbia Vortex chegou para você ganhar em dobro. Na qualidade e na pulverização feita no momento certo que a planta exige. Sem se preocupar se está ventando ou não. A Turbo Barra Vortex produz uma cortina de ar direcionada que minimiza a deriva e proporciona uma excelente cobertura. Com a Vortex você ganha tempo, garante o crescimento saudável da lavoura e protege sua lucratividade.



jacto

Sempre ao lado do agricultor

Dr. Luís Miranda, 1650
Caixa Postal 35 - 17580 - Pompeia - SP
Fone (0144) 52-1811 - Fax (0144) 52-1916 Telex (11)
19101 MAJA BR

Todos irão carregar o plano

Instruir o homem, alimentar o homem e prestigiar o homem são os principais objetivos do ministro José Eduardo de Andrade Vieira, que assumiu, no último dia 1º de janeiro, a pasta da Agricultura, do Abastecimento e Reforma Agrária, no governo FHC. Dois dias antes da posse, em 30 de dezembro, data em que completou 57 anos de idade, Andrade Vieira teve seu nome confirmado pela equipe do novo presidente. "Foi uma espécie de presente de aniversário", confidenciou aos amigos, amenizando o episódio de sua auto-indicação, e que custou o afastamento do nome originalmente cotado para o cargo, João Elísio, a ele ligado através da Bamerindus Seguros.

Na cerimônia, no Palácio do Planalto, as prioridades do ministro foram anunciadas, ao receber o lugar que pertencia ao ex-governador gaúcho, Synval Guazzelli até o fim de 94, e de onde, há pouco tempo, o próprio Andrade Vieira já comandou os destinos da área agrícola nacio-

nal, na condição de interino. Durante a transmissão do cargo, o novo ocupante da pasta também deixou claro que, na sua administração, as responsabilidades serão divididas com os municípios e que a desregulamentação das normas será uma bandeira. Na posse, os convidados dividiam-se entre banqueiros, parlamentares e presidentes de entidades rurais, presenças que identificavam a origem de Andrade Vieira: neto de imigrantes libaneses, que se tornou banqueiro e aprendeu as especificidades do meio rural ao mesmo tempo em

que trabalhava com as linhas agrícolas do Banco Mercantil, depois transformado em Bamerindus, do qual é proprietário. Paralelamente, indicavam sua carreira na política nacional, exercendo o mandato de senador paranaense pelo PTB, depois eleito, por unanimidade, líder da bancada no Congresso. A seguir, em entrevista concedida à revista **A Granja**, as principais metas de Andrade Vieira para desenvolver e apoiar o setor agropecuário brasileiro.



Ministro da Agricultura, Andrade Vieira:
os municípios terão de cumprir a sua parte, com a ajuda dos produtores

A Granja — Ao assumir como ministro, o senhor banalizou alguns de seus objetivos à frente do Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária, indicando que deve ser feito um trabalho em parceria com o Congresso Nacional, além de reformas conjunturais que conta-

riam com a participação dos governos locais. Como o senhor pretende viabilizar esse projeto?

Andrade Vieira — Sabemos que o setor passa por sérios problemas de caráter conjuntural, estrutural e institucional que precisam ser urgentemente enfrentados. Esse enfrentamento não é ta-

refa única do governo federal, mas, sim, uma ação conjunta, que implica a participação do Congresso Nacional, das Secretarias Estaduais da Agricultura e das Prefeituras Municipais. É necessário descentralizar a administração pública, repassando aos municípios responsabilidades que, com certeza, eles poderão

executar em perfeita parceria com as entidades de representação dos produtores.

Como ministro, farei o possível para ter o mais profícuo diálogo com os secretários estaduais e os prefeitos. Sabemos que as prefeituras são as principais vítimas da escassez de produção e dos baixos níveis de produtividade, apesar dos elevados investimentos em tecnologia agropecuária praticados em diversas regiões do Brasil. Cabe a este ministério, com a ajuda das secretarias e das prefeituras, se preocupar com a distribuição dos alimentos produzidos e o gerenciamento da safra, que são aspectos conjunturais da função e que costumam monopolizar grande parte do tempo e das atenções dos administradores e da opinião pública. Não são poucas as caravanas de produtores que têm se dirigido à Brasília, com o objetivo de reivindicar melhores preços para a safra e mais incentivos. Há muito vemos a reedição desse quadro. Espero reverter essa situação.

Enquanto famílias passam fome, a boiada se refestela nas pastagens

P — Para que a meta seja atingida, é necessário que haja empenho de todos os segmentos envolvidos, e não apenas a vontade do governo. Como envolver diretamente o produtor nessa questão, principalmente o pequeno, que tem pouco acesso à informação?

R — A agricultura moderna exige conhecimento científico e tecnológico. Mas esse conhecimento pode até correr o risco de se tornar inútil, se não houver, na base, o homem preparado para levá-lo. Quando senador da República, sempre afirmei, em meus discursos no Congresso, que a primeira verba pública deve ser destinada para a educação. A segunda também. E, se sobrar algum recurso, esse ainda deve ser utilizado para educar o homem. Eu estou falando da educação profissionalizante para o agricultor.

Nas reuniões que venho mantendo com o presidente Fernando Henrique Cardoso e, antes mesmo, durante o período da campanha eleitoral, sempre disse que o melhor ministro da Agricultura será aquele que conseguir confinar o boi e “desconfinar” o homem. Ou seja, pretendo fazer tudo que estiver ao

meu alcance, para produzir o novillo precoce, de 18 meses a 24 meses, pronto para o abate, do mesmo modo que o ministério irá trabalhar para reduzir a miséria no campo. Digo isso porque, infelizmente, estou habituado a ver centenas de famílias passando fome na beira das estradas, enquanto as boiadas se refestelam em suas amplas e verdes pastagens.

P — O senhor tangenciou um ponto importante e bastante crítico, que tem preocupado seus antecessores: a reforma agrária. Durante a campanha eleitoral, o então candidato Fernando Henrique Cardoso prometia assentar 100 mil famílias em quatro anos. Essa é uma questão diretamente relacionada com sua pasta. Como o senhor pretende enfrentá-la?

R — O tema é polêmico, sem dúvida. O Ministério da Agricultura precisa ser parceiro do Congresso Nacional na atualização de leis e normas referentes a questões como essa. A reforma agrária deve ser vista em termos práticos, não mais como um tabu ou uma reivindicação de cunho meramente ideológico. Ambos os lados dessa questão precisam desarmar os espíritos, para que haja o encontro de uma paz plena.

Políticas adequadas de emprego e de aumento de salários, assim como contratos de arrendamento, são algumas das soluções que podem ser adotadas para conter o êxodo rural, se contrapondo, em alguns casos, à necessidade da reforma agrária, porque não podemos mais conviver com assentamentos e invasões. De qualquer modo, o assunto precisa ser muito bem discutido, reunindo todas as partes envolvidas. Em muitos casos, sabemos que, onde foi feita reforma agrária, quem ganhou a terra não ficou nela nem seis meses.

Também estamos estudando a possibilidade de adquirir terras, para fins de reforma agrária, em vez de desapropriá-las. É uma política nova, que pretendemos experimentar. Já existe uma experiência nesse sentido: o ex-governador de Santa Catarina, Antônio Carlos Konder Reis, adquiriu, no final do ano passado, 228 hectares da Fazenda Santa

Rosa III, pagando à vista R\$ 125 mil, para assentar 20 famílias de colonos sem-terra. Assim, Konder conseguiu resolver uma pendência jurídica que se arrastava há sete anos.

Primeiro, o pecuarista precisa investir, para depois usufruir

P — O senhor já ocupou a pasta da Agricultura, durante alguns meses em 1993, e reúne diversas outras experiências profissionais. São atividades que podem contribuir nas metas planejadas para a sua administração. Como o senhor encara esse fato?

R — Estou retornando a esse ministério, depois de uma passagem — mesmo que rápida —, com uma noção muito clara das dificuldades existentes, das responsabilidades que me esperam e da ampla dimensão da tarefa. Estou empenhado em contemplar as expectativas do empresário rural e da população. Para tanto, usarei toda a experiência que tive a sorte de adquirir ao longo da minha vida profissional e de homem do campo, a fim de corresponder aos anseios de toda a Nação, trabalhando duramente e procurando na realidade dos problemas a necessária inspiração para encontrar as soluções acertadas para as dificuldades vividas pelo setor.

Vamos a um exemplo que podemos equacionar em pouco tempo: dos 22 milhões de cabeças de gado abatidas anualmente no Brasil 64% são de machos e apenas 800 mil são de bois confinados. Ou seja, apenas 4% dos machos abatidos são confinados. Trata-se de uma porcentagem irrisória. O pecuarista precisa investir em tecnologia, obrigando-se a pagar, de início, o custo da aprendizagem, para, depois, receber os dividendos de seu investimento e ainda ajudar o Brasil a crescer, gerando mais empregos para o trabalhador. Da mesma forma, é preciso desenvolver um amplo programa de erradicação da aftosa e da brucelose e criar um sistema de qualificação de carcaças, para valorizar a pecuária brasileira no mercado externo.

P — O senhor reconhece a necessidade de profissionalização do homem do campo e os inúmeros problemas decorrentes da falta de uma política adequada de reforma agrária. Essas questões não atrapalham as metas de exportação do Brasil?

R — O Brasil tem tudo para vir a ser

o grande parceiro do mundo na produção, comercialização e distribuição dos alimentos necessários a uma população crescente e com renda também crescente. É uma questão de vocação e eu tenho na minha própria família o exemplo.

Meu avô, o libanês Miguel Antun, se estabeleceu como comerciante em Tomazina, no norte do Paraná, mas logo entendeu que o riquíssimo solo daquela região era o caminho para a construção de um sólido patrimônio familiar. Meu pai, Avelino Antônio Vieira, também dedicou seus esforços na ampliação desse patrimônio agrícola. Meus irmãos e eu sempre demos valor à terra e ao homem encarregado de tirar dela o sustento. O destino também me levou para a administração de indústrias e de empresas financeiras. Mas sou, sobretudo, um homem da terra, um agricultor e me orgulho disso.

Posso dizer que, com os conhecimentos que reuni e com a colaboração de gente do ramo, sou a favor da isenção de impostos para produtos da cesta básica — vou me empenhar pessoalmente junto aos parlamentares federais para conseguir a aprovação da emenda constitucional que concede imunidade de impostos para estes produtos, insumos, máquinas, tratores e equipamentos agrícolas, assim como a volta dos créditos para investimentos, como forma de garantir o aumento da produção via aumento da produtividade. As imunidades fiscais as quais me referi também precisam ser estendidas aos insumos e a todas as máquinas de produção.

Embora a questão fiscal seja importante, não basta desonerar o agricultor dos impostos. Cabe a este ministério ainda investir o máximo que puder na qualificação da mão-de-obra e na extensão rural, que merece ganhar do governo federal um programa muito ambicioso.

O Confaz é uma excrecência e precisa ser eliminada na Revisão

P — Como o senhor pretende administrar um orçamento de R\$ 8 bilhões no financiamento da safra? Haverá prioridades para algumas culturas?

R — Metade, ou mais, da agricultura brasileira é de subsistência, e essa parte, responsável pela produção de alimentos, precisa de uma política agrícola di-

ferenciada da outra parte, que é auto-suficiente e tem condições de competir no mercado externo.

Um de nossos objetivos é a desregulamentação. Nosso esforço será feito no sentido de reduzir as normas burocráticas e aumentar o controle de qualidade. O outro é a descentralização, à qual já fizemos referência. O que puder ser feito no local será feito.

Como o café, no passado, há culturas que sempre prosperaram em solo brasileiro, sem a ajuda do governo e, muitas vezes, tendo até mesmo de enfrentar obstáculos erguidos pelas autoridades. A soja, a laranja, e, até certo ponto, a pecuária, nunca dependeram de ajuda oficial, para crescer e prosperar, mas continuam, até hoje, precisando da compreensão do governo, a fim de exercer o seu papel em plenitude na economia brasileira.

É preciso diferenciar bem um tipo de agricultura do outro. Semear e colher milho, arroz, feijão e outros gêneros de alimentos, consumidos no mercado interno, exigem políticas diferenciadas de amparo oficial, técnico e creditício, e isso é praticado em qualquer país do mundo. Sabemos dos elevados subsídios do governo japonês a seus produtores de arroz. Infelizmente, no Brasil tem sido adotada uma política única, de forma equivocada, para quaisquer produtos agrícolas, e isso resulta em distorções, como, por exemplo, a cobrança de impostos, principalmente o ICMS dos Estados, para a produção de gêneros alimentícios que compõem a cesta básica.

Nesse sentido, também é importante falar sobre o Confaz. Entendo que este Conselho de Secretários Estaduais de Fazenda, órgão que determina a política fiscal dos Estados, é uma excrecência, um entulho autoritário, que precisa ser eliminado na Revisão Constitucional, pois os impostos estaduais são assuntos da alçada do Senado Federal. Outra questão importante é a reestruturação da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), que herdou uma superestrutura da Companhia de Financiamento da Produção, da Cibrazém e da Cobal e não teve seu papel bem definido.

A Conab não precisa intervir em muita coisa, mas, sim, garantir a normalidade do abastecimento. Outro ponto importante que precisamos equacionar é o do endividamento, passível de aumentar a crise do setor, caso o Executivo não consiga acabar com o descompasso entre o congelamento dos preços mínimos e o reajuste dos financiamentos agrícolas pela TR.

Chegou a hora de implantar a agricultura intensiva em nosso país

P — Em relação a produtividade, quais os planos para aumentá-la?

R — Meus ancestrais acreditavam na agricultura extensiva, como forma de aumentar a produção, através da ampliação da área plantada. Mas já chegou a hora do Brasil implantar a agricultura intensiva, isto é, conseguir o aumento da produção pela produtividade, sem aumentar a área plantada, até mesmo reduzindo-a, se for o caso. É possível obter maior produtividade tanto pelo aumento do volume de produção por área, que se conquista com pesquisas de melhores sementes e tratos mais adequados do solo, quanto pela redução dos custos, que são elevados demais no Brasil.

A escolha de melhores sementes, o trato técnico adequado do solo, a irrigação e a colheita feitas de forma racional ainda são estágios que precisam ser cuidados com muita atenção pelo produtor rural e pela autoridade pública responsável pelo setor. Ao mesmo tempo, devemos perseguir a verticalização da agropecuária brasileira.

É preciso cuidar também de armazenagem, vias de transportes, instalações e atividades portuárias. Parte considerável da atividade agrícola ainda se volta para a produção de alimentos. Mas outra parte, também considerável, é um negócio muito importante e, como tal, precisa ser tratada. Isso explica a expressão "agribusiness", hoje na moda.

A agricultura não se resume ao que ocorre da fazenda para dentro. Ao contrário. No mundo moderno, particularmente depois da Terceira Revolução Industrial, a agricultura não é apenas uma atividade econômica primária, meramente extrativa. Ela se tornou um verdadeiro complexo, envolvendo vários setores de diversas atividades. ■

NESTA EDIÇÃO

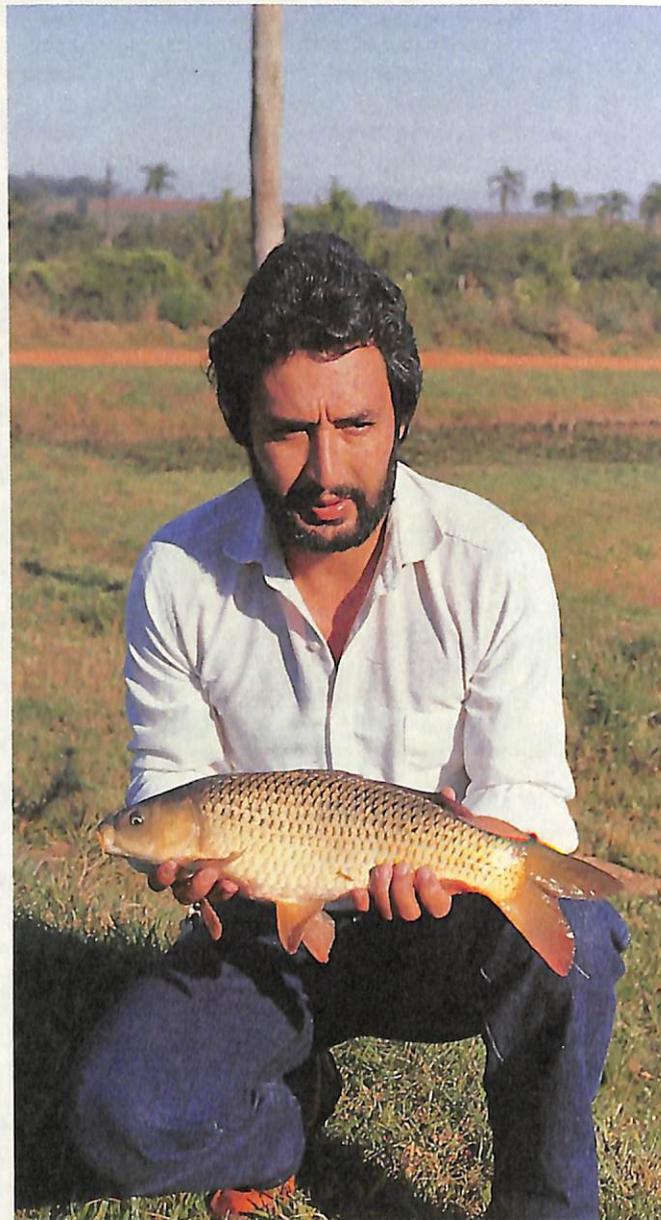
12 Brasileiros que mudaram o perfil da produção uruguaia

25 Clima castiga o feijão da Bahia

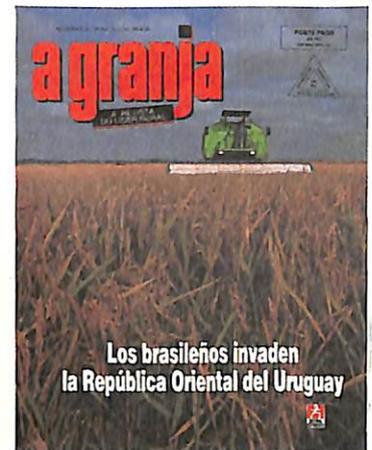
27 É hora de deixar sua colhedeira nos trinques

34 Preservar dá dinheiro

37 Joint-venture rural: todos saem ganhando



NOSSA CAPA



A invasão de brasileiros no Uruguai está modificando o perfil agroeconômico daquele país. As terras férteis e baratas fazem com que o aporte tecnológico multiplique, em muitas vezes, o potencial produtivo da região, com benefícios gerais para todos

SEÇÕES

- Aconteceu 7
- Caixa Postal 2890 8
- Aqui Está a Solução 9
- Eduardo Almeida Reis 10
- Porteira Aberta 11
- Agribusiness 41
- Flash 42
- Mundo da Criação 44
- Mundo da Lavoura 45
- A Granja Leilões 46
- Novidades no Mercado 47
- Trator/Colhedeira 48
- Ponto de Vista 50



Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann
Diretor de expansão:
Léo I. Stürmer
Diretora comercial:
Leoni Zaveruska

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

GERÊNCIA

Eduardo Hoffmann.

REDAÇÃO

Jomar de Freitas Martins (editor), João Paulo Uriart (chefe de reportagem), Iara Salin Gonçalves (revisora), Rosana Ribeiro da Silva (secretária). Colaboradores: Márcia Turcato, Antônio Sanches, João Gonçalves, Carolina Bahia, Maria Lúcia Badejo, João Larocca, Thiago Santana, Celso Oliveira, Ana Paula Dames, Cássia Cristina da Silva.

COMPOSIÇÃO

Renato Fachel (supervisor), Jair Marmet e Paulo Nobre (composição).

CIRCULAÇÃO

Antônio Correa Martins (supervisor de assi-

naturas), Amélia Severino Bueno (coordenadora).

PUBLICIDADE SUCURSAL DE SÃO PAULO

Praça da República, 473, 10º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, fax (011) 220-0686, CEP 01045-001, São Paulo/SP. Gerente: Alexandre Ortiz.

RIO GRANDE DO SUL

Av. Getúlio Vargas, 1556/58 - fone/fax (051) 233-1822 - Cx. Postal 2890 - CEP 90150-004 - Porto Alegre/RS. Contato: Fábio Amorim Torcato.

Representantes/Publicidade
PARANÁ - DPC - Direção de Produção e Comercialização de Publicidade Ltda., Av. Cândido de Abreu, 427, conj. 306, fone (041)

253-3137, fax (041) 254-3348, CEP 80530-000, Curitiba/PR.

RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e Marketing Ltda., Rua Siqueira Campos, 43, 8º andar, conj. 834, fone (021) 256-8724, CEP 22031-070, Rio de Janeiro/RJ.
MINAS GERAIS - José Maria Neves - Av. do Contorno, 8.000 conj. 1.107, fone (031) 337-1842, fax (031) 337-1846. CEP 30110-120, Belo Horizonte/MG.
Outros Estados, ligue para o fone/fax abaixo.

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone/fax (051) 233-1822, DDG (051) 800-2106, Cx. Postal 2890, CEP 90150-004, Porto Alegre/RS. Exemplar atrasado: 4,50 reais.

Paulada

Pois o governo que prometeu ser transparente aprontou uma boa antes de assumir. Na véspera do último dia do ano, quando o ânimo e as atenções estavam voltados para as férias e festas, de maneira autoritária, traiçoeira, arremessou uma flecha envenenada, cujo alvo foi o setor produtivo brasileiro. Medida Provisória 812 é seu nome. Entre outras preciosidades, que preenchem duas páginas inteiras de jornal standard, corpo 6, diz que, daqui para a frente, o imposto de renda é calculado pela receita e pago antecipadamente mês a mês. As multas por eventuais atrasos são cavalares, e o governo espera, com isso, arrecadar cinco vezes o IPMF, que antes era distribuído por toda a sociedade e, agora, vai no lombo das empresas privadas, que, é claro, serão obrigadas a repassar esse custo adicional para o preço final de seus produtos e serviços.

Mas o que o produtor rural tem a ver com isso? Muito. Afinal, dentro do moderno conceito de agribusiness, até mesmo o mais modesto agricultor depende de ferramentas, da boa semente, do adubo, do calcário, do arado e até mesmo de algum crédito no banco ou na cooperativa. Seguramente, todos esses produtos estarão onerados pelo novo imposto, que surgiu sem consulta a quem quer que seja.

Mas o clima é de otimismo

No campo, apesar do torpedo, o clima, objetiva e subjetivamente, é de otimismo, em termos gerais e genéricos. A pecuária vai bem, obrigado, apesar do eterno e não resolvido problema da aftosa (estamos bricando com fogo), e os agricultores esperam colher excelente safra de grãos neste verão/95. O estado de espírito, com a mudança de governo, é extremamente favorável e, de repente, todo o mundo acha que 1995 vai ser um grande ano. A auto-estima do

brasileiro voltou, o que não deixa de ser extremamente positivo. Mas não para largar foguetes antes da hora.

Graças a Deus, o setor está a mil. Vendendo tratores, implementos agrícolas, caminhões, fertilizantes, cal e, conseqüentemente, os produtos primários que produz.

O novo ministro da Agricultura

O novo ministro da Agricultura, senador e banqueiro José Eduardo Vieira, que assumiu com algumas reservas por parte da classe de produtores rurais, tem tudo para dar certo. Tem personalidade, cacife econômico e político. Está em início de governo e, ao que tudo indica, é leitor assíduo de **A Granja**, pois, em seu discurso de posse, atacou corajosamente premissas de há muito defendidas nesta página, que reflete o posicionamento editorial da revista.

Assim, Andrade Vieira quer o fim do Confaz, assunto insistentemente abordado nesta página. Também quer a abolição da TR, aliás uma unanimidade em todo o setor. E mais, defende a total isenção de impostos para os produtos da cesta básica, igualmente pauta repetitiva de opinião de **A Granja**.

Todo o discurso do ministro foi norteado pela idéia e objetivos do novo ruralismo, buscando e delineando os caminhos de uma agricultura que precisa ser cada vez mais competitiva e menos dependente da ação e intervenção do governo. Aliás, nesse sentido, novamente com o nosso aplauso, afirmou: "A Embrapa — Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — será a menina dos meus olhos".

A gauchada chiou sem razão

Queriam Odacir Klein na Agricultura. E ele bateu no Ministério dos Transportes, que entre

outras coisas, cuida das estradas (rodovias e ferrovias) e portos. Pois, aqui, a contribuição de Klein pode ser maior. Portos e estradas sucateadas fazem um mal enorme para todo o setor.

Criar porcos deixou de ser porcaria

Já faz algum tempo que o preço da carne de porco é maior que o da carne de boi ou ave. É óbvio, isso significa que tem gente ganhando um bom dinheiro num segmento de atividade rural, que, nos últimos vinte anos, tinha mais frustrações do que alegrias.

Daqui para a frente, deve-se pensar seriamente na ampla possibilidade de desenvolvimento deste segmento da atividade rural, pelo emprego da tecnologia, tanto no manejo quanto na sanidade. O caminho do desenvolvimento sustentado, tudo leva a crer, será o mesmo já percorrido pela avicultura: a integração indústria—produtor.

A suinocultura integrada poderá vir a ser uma extraordinária ferramenta para alavancar a pequena propriedade rural.

Felizmente, erramos

Aqui, neste canto de página, logo que Itamar Franco assumiu a Presidência da República, muita farsa, ironia e desesperança constituíram a tônica de nossos comentários. Afinal, sem dúvida nenhuma, trata-se de um homem com um pequeno retardo mental. Isso está na cara. Pois não é que o nosso Forrest Gump tupiniquim deu certo? O que, por outro lado, vem a confirmar nossa tese, também várias vezes expressa: no Brasil não vale o raciocínio socrático ou a lógica cartesiana. Aqui, muitas vezes, dois e dois não é quatro. Às vezes, dá três ou cinco. E, quase sempre, vinte e dois. ■

Sem perigo na cebola

“As informações da nota intitulada ‘Cebola a perigo’, na edição de novembro, referiam-se à safra iniciada em abril/94, e não à safra deste ano, como foi veiculado. A situação para a safra 95, segundo fontes das áreas de produção do Rio Grande do Sul, é totalmente inversa, havendo excesso de sementes, e não falta.”

*Carlos A. M. Tavares (Asgrow Sem.)
Campinas/SP*

Posse no jersey

“Comunicamos a posse, em janeiro último, da diretoria da Associação de Criadores de Gado Jersey do Rio Grande do Sul, para o período 1995/96. O presidente é Carlos Guilherme Rheingantz, com os seguintes vice-presidentes: Apes Roberto Falcão Perera, Geraldo Brossard Correa de Mello e José Carlos P. de Souza. Informações sobre os conselhos técnico e fiscal podem ser obtidas na sede da entidade, que permanece no mesmo local e com o mesmo telefone. O endereço é Avenida Fernando Osório, 1.754, Caixa Postal 316, CEP 96060-000, Pelotas/RS, fone (0532) 23-3919.”

*Carlos Guilherme Rheingantz
Pelotas/RS*

Mercado americano

“Gostaria de representar, aqui nos Estados Unidos, empresas brasileiras da área de agropecuária. Fui criado na região agrícola de Illinois, falo fluentemente o português e sou casado com uma brasileira. Meu currículo inclui mestrado em economia agrícola e bacharelado em ciência da agricultura, ambos pela Universidade do Estado de Illinois. Durante dez anos fui sócio-proprietário e gerente-geral da Internacional Equipamentos Agrícolas Ltda., de Mato Grosso do Sul, além de ter trabalhado em várias tarefas como produtor rural em Dourados. Atualmente, sou gerente da firma Jacto Western Corp, im-

portante importador e distribuidor dos produtos Jacto (de Pompéia/SP), para o Oeste Americano. As empresas interessadas em mandar propostas devem se dirigir ao seguinte endereço: 2316 E. Vermont Ave. / Fresno-CA / 93720-3941 U.S.A. O fax é (209) 233-9315.”

*Ray Richardson
Fresno/CA*

Cursos à distância

“Sugiro que editem matérias sobre cursos de especialização por tutoria à distância, para profissionais de ciências agrárias. Peço ainda a divulgação do DDG de um serviço muito importante, no Ministério da Agricultura: é o Grupo de Erradicação de Doenças Exóticas — Gede, que atende pelo fone (061) 800-4805.”

*Carlos Eduardo de Castro Serra
Cruzeiro/DF*

Casa do crioulo

“Queremos comunicar aos crioulistas que a sede do Núcleo dos Criadores de Cavalos Crioulos da Sexta Região passa a funcionar na Rua Coronel Bordini, 1.339, CEP 90440-001, em Porto Alegre, junto ao escritório do atual presidente. O telefone/fax *passou a ser* (051) 330-1457.”

*Péricles Druck
Porto Alegre/RS*

Te cuida, Jô!

“Confesso que nunca fui chegada à leitura das crônicas publicadas nas revistas que costumo ler (com exceção do Jô, da *Veja*) e que sempre as achei dispensáveis. Mas, na penúltima *A Granja* que recebi, resolvi ‘devorar’ toda a revista e logo cheguei à crônica do senhor Eduardo Almeida Reis. Resultado: fui procurá-lo em todas as edições passadas que tenho em casa. E me surpreendi ao ver sua coluna publicada na edição de março de 82 (a primeira que comprei, aos 11 anos

de idade). Quero aproveitar para parabenizá-lo pelas bem-humoradas e inteligentes crônicas que escreve e dizer-lhe que, agora, é a primeira coisa que leio quando recebo a revista. E ainda: sua coluna é tão ótima (às vezes até melhor) quanto às do Jô.”

*Nayla Marinho
Curitiba/PR*

Quero trabalhar

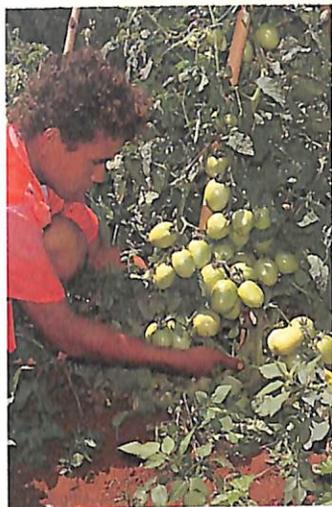
“Sou administrador agropecuário e possuo amplo conhecimento em manejo, alimentação de gado de corte e confinamento. Tenho cursos de administração rural, doma racional e inseminação artificial. Procuo trabalho em qualquer fazenda do Brasil. Contatos pelo telefone (0532) 51-1697, em horário comercial, ou enviando correspondência para Escola Agrícola Santa Isabel, Caixa Postal 011, CEP 96170-000, São Lourenço do Sul/RS.”

*Nede A. Goulart Nunes
São Lourenço do Sul/RS*

Olho neles...

“Agora que o novo governo está arregaçando as mangas para mostrar a que veio, quero lembrar à classe ruralista que devemos ficar atentos 24 horas. Embora o presidente Fernando Henrique Cardoso seja um homem responsável e com metas realistas na cabeça, parece que está se cercando de gente um pouco alheia ao assunto agro. Não que queiramos lobistas ou corporativistas no seio do governo, mas precisamos de mais gente identificada com o nosso fazer diário, totalmente diferente, diga-se de passagem, das atividades ditas urbanas. Afinal, não basta ficar importando gêneros alimentícios, para satisfazer o consumidor, pois este mesmo consumidor ficará entregue à sanha dos atravessadores, se, no futuro, os agricultores nacionais quebrarem em função de políticas econômicas de apêndice. Portanto, olho neles...”

*Luiz Carlos R. de Souza
Ribeirão Preto/SP*



Tomate procurado

“Lendo a edição de outubro, na seção ‘Hortas e Pomares’, encontrei uma nota sobre o tomate carmen. Solicito maiores informações a respeito.”

Flávio Luis Basso
Erechim/RS

R — O híbrido carmen é um lançamento da Agroflore S.A. Reflorestamento e Agropecuária, que pode enviar-lhe material sobre a hortaliça. O endereço é Rua Teodoro Sampaio, 2.550, CEP 05406-200, São Paulo/SP, telefone (011) 815-5155.

À procura da rã

“Tive conhecimento, em algum lugar, da existência de um sistema revolucionário na criação de rãs. Tal método, pelo que sei, dispensa a construção de grandes tanques no pátio. Peço que me ajudem a localizar essa tecnologia e seu criador.”

Fernando Salviano
Nilópolis/RJ

R — O leitor deve estar se referindo ao sistema vertical Ranabox, desenvolvido pela Ranamig Agropecuária Água Limpa, em que os tanques são substituídos por caixas modulares, que podem ser sobrepostas. Procure diretamente o seu idealizador, Haroldo Pinto de Aguiar, através do fone/fax (031) 398-1118, ou por correspondência, escrevendo para o seguinte endereço: Rua Bernardo Monteiro, 1.000, CEP 32017-170, Contagem/MG.

Tudo do feijão

“Onde posso conseguir manual ou livro completo sobre a cultura do feijão, incluindo tópicos como preparo da terra, plantio e recomendações sobre fungicidas, herbicidas e nematicidas?”

Charles Carvalho Echeberria
Uruguaiana/RS

R — Praticamente inexistente literatura específica sobre a cultura do feijão no Brasil, apesar da importância econômica e social dessa leguminosa em todo o País. Entretanto, há dois trabalhos, já esgotados, do professor Clibas Vieira, da Universidade Federal de Viçosa/MG, que são considerados os mais completos na área, e que podem ser obtidos através de reprodução. Procure as cópias na biblioteca da UFV, escrevendo para Universidade Federal de Viçosa, CEP 36570-000, Viçosa/MG, ou telefone para (031) 899-2242, 2243 e 2245. Outro órgão que pode fornecer publicações sobre feijão é o Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão (CNPAP), da Embrapa. Escreva para a Caixa Postal 179, Goiânia/GO, CEP 74001-970. O telefone é (062) 261-3022, e o fax, 261-3880.



Abelhas “calientes”

“Onde obter mais informações sobre apicultura em clima tropical?”

Angélica Innig
Santa Cruz do Rio Pardo/SP

R — Procure o Centro de Apicultura

Tropical (CAT), na Avenida Manoel Cesar Ribeiro, 1.920, CEP 12400-000, Pindamonhangaba/SP, fone/fax (0122) 42-7822, onde são ministrados cursos periodicamente.

Peixe gosta de água filtrada



“Servimo-nos da presente para solicitar a V. S^a o endereço do Sr. Haroldo Pinto de Aguiar, autor do sistema de filtragem biológica, em Belo Horizonte, para fins de assessoramento técnico.”

Luiz Quatrin
Tangará da Serra/MT

“Na penúltima edição, li um assunto que me interessa muito, que é a filtragem biológica da água na criação de peixes. Por esse motivo, gostaria de ver publicadas respostas para as seguintes dú-

vidas: qual a quantidade de carvão aditivado, qual a quantidade de pedra brita e quanto de elementos plásticos devem ser utilizados para cada metro cúbico de água que entra no açude, e como é construído esse filtro.”

Nelci Angelo Recalcati
Três de Maio/RS

R — O idealizador do sistema de filtragem biológica de água, engenheiro Haroldo Pinto de Aguiar, responde que a técnica não serve para açudes, e sim para tanques. Por essa razão, ele se propõe a dar mais esclarecimentos aos leitores, no que diz respeito ao filtro, sua construção e usos. O endereço e o telefone de Aguiar estão citados nesta mesma página, no tópico sobre rãs.

Faturamento

Tempos atrás, pintou na aldeia um menino magrelo e sardento, natural de Vermont, estado chique e frio da costa leste americana, mandado ao Brasil sob os auspícios de um destes organismos de intercâmbio internacional, salvo engano o American Field Service.

Convidado por minhas filhas, o menino veio passar um feriadão aqui na roça: “Sem parecer mal-educado, gostaria de perguntar se tem luz”, disse ele, na viagem para cá. Não sei o porquê de sua preocupação com a falta de luz. Tranquilizei-o, contando que a região conta com uma usina hidrelétrica muito anterior às primeiras instaladas em seu Vermont natal.

Ainda assim, não deixei de lhe dar um susto, quando embiquei o carro para o rancho de uns pescadores, na beira do rio, casebre feito a sopapo, no meio do mato, parecendo barraco da mais pobre e suja das favelas. Posso calcular o desespero de qualquer pessoa medianamente civilizada, na perspectiva de passar feriadão de quatro dias num barraco daqueles.

Nos passeios a cavalo, dei ao menino um mestiço de campolina com puro sangue inglês, cavalo manso e forte, de bom cômodo, que sabe até marchar, se o sujeito for bom de rédea. Mas é animal que só anda bem amadrinhado, no meio da tropa. Quando sozinho, ou à frente de outros cavalos, se assusta com qualquer coisa e gira nos pés. Se o cavaleiro não estiver prevenido, sai pelo pescoço, isto é, por onde havia um pescoço, pois o propriamente dito já tomou o caminho de volta.

Apesar de avisado, o menino vivia disparando pelos caminhos dessas seras. Não chegava a ser bom cavaleiro, mas tinha a ousadia dos inocentes. E o certo é que andava tão depressa, que o cavalo nem teve tempo de se assustar. Com isso, o americano voltou para Vermont sem passar pela experiência, que presumo fascinante, de conhecer a CTI de um hospital da Zona da Mata mineira.

Ao final das tardes, no alpendre aqui da roça, o menino contou que seu pa-

drasto é riquíssimo, explorando o lixo de três cidades de Vermont. Recicla o material aproveitável e produz gás com o resto, para abastecer diversas indústrias: tem carros importados, avião, mansão espetacular, empregados domésticos, tudo por conta do lixo reciclado.

Lembrei-me do americano e da espantosa capacidade de certas pessoas e organizações, para transformar em dinheiro coisas aparentemente sem valor, diante das declarações do professor José Goldemberg, ex-reitor da USP, à revista *ISTOÉ*. Sob o título “A indústria da miséria”, a matéria fala das ONGs que proliferam no Brasil, por conta dos problemas sociais e ambientais que prometem combater. É depoimento impressionante, pelo peso moral e intelectual de Goldemberg, mas não chega a ser novidade para ninguém. Aqui mesmo, em *A Granja*, nesta página, tenho denunciado a picaretagem da esmagadora maioria das ONGs, e não é de hoje.

Cálculos officiosos indicam que o Brasil tem mais de 5.000 ONGs. Só pelos caminhos legais, os cofres do Banco Central, entram no País, por ano, mais de US\$ 400 milhões, mandados pelas entidades internacionais para as ONGs tupiniquins, que se alimentam da pobreza e da miséria, na tarefa meio vaga da “defesa das causas sociais”, como explica a revista.

José Goldemberg se reporta ao depoimento de um ex-juiz de menores do Rio, segundo o qual há naquela cidade quase tantas ONGs quanto meninos de rua. Se cada uma delas tomasse conta de dois ou três meninos, o problema diminuiria muito. Mas acabaria também com a prin-

cipal fonte de renda de todas elas.

Montar uma ONG é a coisa mais fácil do mundo: basta ir a um cartório de registro e formar uma organização para defender o lobo-guará ou o bicho-preguiça. O custo do registro é mínimo e os lucros são fabulosos, porque logo aparecerão entidades internacionais interessadíssimas no bicho-preguiça, aliás um animalzinho muito simpático, personagem do meu livro infanto-juvenil “O papagaio cibernético”. Se me fosse dado palpitar, o nobre bradipodídeo (mamíferos desdentados da família *Bradypodidae*, arborícolas, de corpo recoberto de pelagem muito espessa, membros muito longos, com unhas fortes e pontudas) seria transformado em animal-símbolo de um país grande e bobo, conhecido pelo número espantoso de feriados e dias santos de guarda.

Goldemberg estima que existam umas dez entidades que fazem bem o seu papel. As outras 4.990 vivem de picaretagem. Resolvido o problema dos meninos de rua, acaba sua fonte de receita. E os bocós lá de fora, sem exclusão de alguns aqui de dentro, entopem os picaretas de dinheiro, por dois motivos principais: primeiro, porque têm uma espécie de remorso, que pensam resolver com os donativos em dinheiro; depois, porque picareta é mesmo muito simpático. Chega a ser convincente...

Durante a Conferência Rio 92 sobre desenvolvimento e meio ambiente, a quantidade de organizações periféricas reunidas no tal Fórum Global, segundo Goldemberg, “era absolutamente inacreditável. Eram homossexuais, índios, etc”. Aliás, quando presidiu às reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o ilustre professor viu-se às voltas com uma associação de prostitutas que pleiteava uma sala para discutir seus problemas.

Goldemberg disse que arranjaría a sala para que um grupo de sociólogos, antropólogos ou cientistas sociais pudesse discutir o problema da prostituição, mas as profissionais do amor queriam porque queriam elas próprias discutir o problema. Quebrou o maior pau... 



Minhoca boa de bola

Uso de minhocas para recuperar a qualidade dos solos acaba de chegar aos gramados de futebol, num projeto inédito implantado pelo Grêmio, de Porto Alegre, com assessoria da bióloga e minhocultora Edenice Lima Severo. Segundo ela, o departamento de futebol do clube verificou, em setembro passado, que o campo do Estádio Olímpico estava desgastado por tantos carrinhos, travadas e chutes — muitos deles mais na grama do que propriamente na bola. Por essa razão, Edenice foi contratada para inocular minhocas brasileiras (*Pheretima*) e vermelhas-da-califórnia (*Eisenia phoetida*) no depauperado gramado, visando aumentar sua aeração e fortalecer o teor de matéria orgânica em seu substrato. “Que as minhocas vão afogar o gramado e enriquecê-lo de húmus não há dúvidas. Vamos agora torcer para que o trabalho delas colabore para os atletas jogarem melhor”, brincou a bióloga.

Vacinação via aérea

A raiva não é exclusiva do Terceiro Mundo. Na Europa, a doença tem se espalhado na zona rural, transmitida por nada menos do que raposas e outros animais selvagens, que vivem nas florestas da França, Espanha, Alemanha, Bélgica e Holanda. A partir destes animais, alertam as autoridades sanitárias

européias, a raiva pode disseminar-se para cães e outros animais domésticos, ameaçando as populações humanas envolvidas. E como é praticamente impossível capturar animais selvagens, para vaciná-los, o laboratório Virbac desenvolveu iscas mastigáveis impregnadas com um tipo de vacina anti-rábica especial. O mais inédito, porém, é a forma de distribuição das iscas: elas são despejadas de helicópteros em locais predeterminados, ao alcance das raposas, que as devoram e assim ficam imunes à doença.

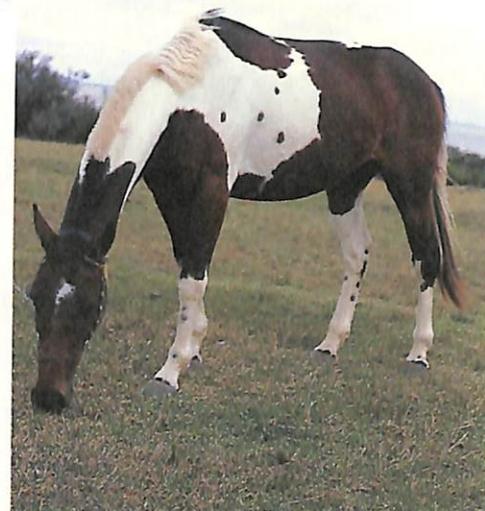
Caçadores da colhedeira perdida

Alguém já notou como as colhedei-
ras, de qualquer marca, são pintadas com cores vivas que chegam a beirar o escandaloso? Amarelo, verde e amarelo, vermelho enfeitam as lavouras e chamam a atenção pelo brilho das máquinas novas. Entretanto, para o assistente-técnico da New Holland, Mario José Pino, de Curitiba/PR, existe um motivo ainda mais importante para a escolha das cores: assim, multicoloridas, elas não se perdem no meio do campo e podem ser encontradas com facilidade.

Parece impossível que se extravie um equipamento de R\$ 100.000,00 entre uma safra e outra, mas Pino afirma que o descuido de certos produtores é tão grande que a máquina passa todo o período de invernada ao relento, no meio do mato. Nesse situação, a colhedeira acaba se tornando acolhedora para muitos animais, que constroem ninhos no seu interior. E quando chega o período da colheita, como encontrar a máquina? Aí entra a teoria do técnico da New Holland: pontos coloridos, nos campos, servem de pistas para os operadores.

O pampa, agora, é mais legal ainda

Seguindo os passos da raça americana paint horse, o cavalo pintado brasileiro passa a ter direito a registro, depois de se consagrar como opção de lazer nos sítios do centro do País. O pampa, ou tobiano, sai do anonimato pelas



mãos do criador mineiro Márcio de Andrade, que fundou e dirige a Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Pampa, localizada em Belo Horizonte/MG. Depois de registrados — o que vale para todas as raças — é que os animais passarão a ser controlados. Rezen-
de garante que, seguindo uma tendência americana, a grande beneficiada com isso será a indústria do lazer, onde esse cavalo goza de grande prestígio e aceitação.

União de doenças do Cone Sul

Em nível sanitário, o trânsito de bovinos no Mercosul parece que não está bem equacionado, pelo menos na cabeça dos brasileiros. Paulo Roehle, professor de Microbiologia da Universidade Federal do Rio grande do Sul acha que não basta um simples exame clínico no local de origem dos animais, mas, sim, exames laboratoriais. O objetivo, segundo ele, é evitar que entrem no Brasil animais com rinotraqueíte infecciosa, vulvovaginite pustular infecciosa e diarreia vírica dos bovinos, cujos agentes, em muitos casos, podem ser apenas latentes, vindo a se manifestar mais tarde. A transmissão nesse caso, se daria via contato direto ou até mesmo via sêmen congelado. O técnico também critica o Certificado Zoossanitário Internacional de Origem, documento que não exige, em nenhum momento, os tais exames laboratoriais. A “grita” vem no momento certo: Argentina e Uruguai se preparam para vender um grande número de touros ao Brasil. E os vírus, ao que se sabe, ainda não ganharam o passaporte do Mercosul.

MERCOSUL



A saga dos brasileiros

A equipe de A Granja percorreu 3.000 quilômetros no interior do país vizinho, acompanhando àqueles que já vinham se antecipando à integração regional



no Uruguai



João Paulo Uriart

A região já foi chamada de campos neutrais, fronteiras naturais, banda oriental, província cisplatina e até de “Suíça latino-americana”. Assistiu a guerras sangrentas entre as coroas portuguesa e espanhola, no século 18, numa interminável luta pela posse de suas coxilhas sempre verdes, que se perdem no horizonte. Já foi terra de índios charruas, que lhe deram o nome (“rio dos pássaros”), de contrabandistas, de militares e de piratas. Já foi terra de ninguém, abandonada à própria sorte, e já foi terra de heróis do continente, como Solís e Artigas.

Assim nasceu o Uruguai, fruto de intrincados acordos entre a Argentina e o Brasil, pertencendo ora a um, ora a outro, sob o patrocínio da diplomacia inglesa. Uma região de 176,2 mil quilômetros quadrados, historicamente destinados à exploração pecuária, por causa da excelência de seus campos. Um país diminuto (população de 3,15 milhões de habitantes, quase a metade na capital, Montevidéu), transformado numa grande estância, para suprir o mercado internacional de seus melhores produtos (lã, carne, arroz e lácteos) e com uma economia totalmente liberal, aberta ao mundo.

Pois é essa estância, estrategicamente encravada no centro do Mercosul, que vem atraindo cada vez mais os investimentos brasileiros, que esquadriham o continente atrás de oportunidades de lucro. Dono de um rebanho bovino de 8,1 milhões de cabeças, que rendem 184 mil toneladas de carne para o mercado interno e 133 mil toneladas para o exterior, além de 800 mil vacas leiteiras de qualidade, produtoras de mais de 1 milhão de toneladas de leite (60% exportado na forma de leite e derivados), o Uruguai sempre foi fornece-

dor de material genético e subprodutos aos brasileiros. O mesmo se observa no rebanho ovino, em que as 26 milhões de cabeças, quase todas lanares, produzem em torno de 100 mil toneladas anuais de lã. E outra vez vemos o Uruguai como repassador de matrizes e tecnologia para o Sul do Brasil.

A novidade, agora, é a cultura do arroz. Com mais de 50 anos de cultivo no país vizinho, o cereal sempre foi relegado a um posto secundário dentro da exportadora economia uruguaia. Nos últimos 30 anos, entretanto, lavoureiros tupiniquins, especialmente gaúchos, despertaram para as facilidades que o território plano e ainda barato oferecia às técnicas de irrigação. Não deu outra. O ministério de Ganaderia, Agricultura y Pesca calcula que um terço da área agrícola esteja, hoje, em mãos de estrangeiros (85% dos quais brasileiros), enquanto a poderosa Sociedade Rural Uruguaia (S.R.U.) revela que, nos últimos quatro anos, os únicos investimentos em terras foram feitos por brasileiros. A produção de arroz pulou rapidamente para as atuais 650 mil toneladas, quase que totalmente destinadas ao exterior, com primazia do Brasil.

A invasão silenciosa já começa a levantar protestos, mas, em geral, é vista com bons olhos, uma vez que dá empregos e move a economia de um país sem indústrias, e cujo último surto de desenvolvimento remonta à época das charqueadas, por volta de 1830, quando obteve sua independência do vice-reinado da Espanha, comandado por Buenos Aires. “Trata-se, em última análise, de uma integração real, iniciada muito antes de que o Mercosul começasse a ser discutido oficialmente”, afirma o corretor de fazendas uruguaio Leovigildo Da Silva.

Os uruguaio começaram a se desfazer de suas terras a partir de 80

Terras baratas — Bisneto de portugueses fixados no Brasil, Da Silva abandonou o curso de Agronomia, há 20 anos, para se dedicar a um filão pouco explorado na época: a intermediação na venda de propriedades rurais de seu país para brasileiros. Sua intuição não estava errada. No início da trajetória da corretora Da Silva Inmuebles Rurales S.A., sediada em Montevidéu, os negócios com brasileiros eram raros, mas a partir da década de 80, tomaram um forte impulso, e hoje respondem pela



Da Silva: terra quatro vezes mais barata

metade do faturamento da empresa, transformando-a na mais importante imobiliária a transacionar terras para brasileiros, no país vizinho.

Atualmente, o corretor se instala em Porto Alegre a cada dois meses, onde atende a interessados e futuros clientes. Com a calma e a amabilidade características dos “hermanos”, ele explica os motivos que levam os brasileiros a olhar o país da bandeira com sol e listras azuis como um bom lugar para aplicar capital.

“Endividados na década de 80 pela descapitalização promovida pelos militares, metade dos fazendeiros uruguaiois quebrou e passou a oferecer suas terras”, disse Da Silva, estimando que, a grosso modo, a crise comprometeu 9 dos 18 milhões de hectares do território do país. A grande oferta derrubou os preços para os atuais US\$ 550,00 a US\$ 600,00 por hectare, em média, na valorizada zona de fronteira com o Rio Grande do Sul, onde os campos estão sendo ocupados por arroteiros gaúchos. No Rio Grande, áreas para produzir arroz e criar gado valem quatro vezes mais.

“Os preços são ainda menores no interior do país”, informou o corretor, que efetua cerca de 15 negócios com fazendas uruguaiois ao ano, das quais quatro ou cinco para brasileiros. “As fazendas negociadas entre uruguaiois são menores e mais baratas do que as procuradas pelos investidores do Brasil, que buscam e compram propriedades de 2.000 hectares, em média, num valor que varia de US\$ 800 mil a US\$ 1 mi-

lhão”, esclareceu Da Silva.

Outros fatores que colaboraram para a invasão de brasileiros foram a forte seca dos anos 1989 e 1990, que complicou ainda mais a situação econômica dos produtores uruguaiois, e a queda do preço da lã na década de 90, em que o quilo, de US\$ 4,00, chegou a US\$ 1,30 no ano passado. “Assim, os produtores que esperavam se recuperar da crise, com as cotações internacionais da lã, enfrentaram mais uma dificuldade”, acrescentou o corretor.

Nos seus levantamentos, o comprador brasileiro é predominantemente gaúcho, atraído não só pelo baixo valor da terra, como também pela proximidade e porque o Uruguai oferece uma série de vantagens em relação ao Brasil. As terras são muito férteis, 80% ainda virgens, sem nunca terem sido lavradas, e isso implica em custos menores de produção, ante as já cansadas terras gaúchas, que exigem muitos defensivos e grandes quantidades de fertilizantes e corretivos.

“Paralelamente, trata-se de uma economia de mercado aberto, em que o investidor estrangeiro tem o mesmo tratamento do investidor nacional, não existe imposto de renda pessoal e respeita-se a origem dos recursos, sem questionar, assim como há total liberdade na remessa de lucros para o exterior”. Por último, continuou o especialista, o Banco da República do Uruguai disponibiliza farto financiamento para a aquisição de gado, terras, máquinas e crédito para a sementeira.

Brasileiros mudam o perfil tecnológico da produção primária uruguaia

“Os investimentos brasileiros estão mudando a fisionomia da zona rural uruguaia, pois trata-se, em última análise, de uma nova leva de imigrantes qualificados, que estão incorporando tecnologia ao setor primário e retomando a atividade econômica em áreas estagnadas”, disse Da Silva.

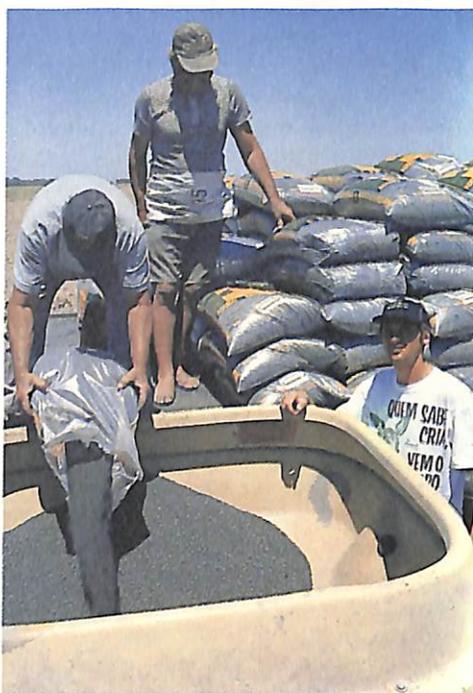
Em sua carteira de opções, o corretor possui cerca de 300 propriedades, das mais diferentes características e tamanhos, muitas das quais pretende comercializar para brasileiros a partir de agora, com a formalização do Mercosul. “Não tenho a menor dúvida que o mercado comum vai impulsionar a venda de terras no Uruguai, o que poderá dobrar ou até triplicar meus negócios por ano”, completou ele.

Arrozeiros do Brasil tomam a fronteira

Enslin, Schranck, Vencato, Raab. Com esses nomes, não parece que os pioneiros na conquista das terras de arroz do Uruguai sejam brasileiros, e, sim, europeus ou descendentes deles. Mas, na verdade, são famílias genuinamente verde-amarelas, de origem alemã ou italiana, que vêm, há mais de 30 anos, ocupando o país vizinho, num lento e silencioso movimento migratório, levando o arroz para zonas antes destinadas à pecuária extensiva e gerando riqueza em seu rastro.

“São colonizadores por natureza, cujos pais e avós já colonizaram o Brasil, e agora buscam novas oportunidades no Uruguai”, diz Geraldo Ferreira de Ferreira, presidente do Sindicato Rural de Jaguarão, cidade fronteiriça gaúcha, a 380 quilômetros de Porto Alegre, e de onde está se deslocando uma expressiva leva de agricultores rumo ao exterior, mais especificamente para os departamentos uruguaios de Cerro Largo e Trinta e Três. “Fenômeno semelhante vem ocorrendo no departamento de Rivera, a partir da cidade de Santana do Livramento e, em menor escala, em Artigas, proveniente da cidade gaúcha de Quaraí”, analisa Ferreira.

De fato, não são poucos os produtores que deixaram os minifúndios da região de Sertão Santana, a 50 quilôme-



Schranck (à direita): sem arrependimento, apesar do imposto

tros de Porto Alegre (área conhecida como “zona do vício”, por ser ocupada com lavouras de fumo e de cana-de-açúcar para aguardente), ou os sítios de fruticultura dos arredores de Pelotas, ou mesmo as lavouras de arroz de Cachoeira do Sul, e se mudaram para a zona fronteiriça uruguaia. É o caso do produtor José Marcos Schranck, 29 anos, já na segunda geração de “desbravadores” no Uruguai.

De arrendatário a dono — A apenas 12 quilômetros da fronteira do Brasil, na 3ª seção de Cerro Largo, Marcos administra o que seu pai, Arthêmio, começou a construir em 1965, proveniente de Sertão Santana. “Primeiro, ele veio e se fixou em Rincón, 70 quilômetros ao sul daqui, e iniciou uma lavoura, com dois sócios, em 200 hectares arrendados”, relata o administra-

dor, lembrando que a vocação arrozeira vem desde a época do avô, Guilherme.

Segundo ele, antes de sair do Brasil, Arthêmio chegou a procurar terras em duas localidades gaúchas (Canguçu e Santa Vitória do Palmar), não obtendo sucesso. “Na época, havia crédito fácil para a agricultura no Brasil, mas faltavam terras, e meu pai acabou cedendo ao convite de outros conhecidos que já estavam por aqui, os Vencato e os Raab, todos originários de Sertão Santana.”

Não houve arrependimentos com a decisão. Aos poucos, a família Schranck foi construindo a Arrozal Vitória, que igualmente começou com áreas arrendadas e hoje possui 4.200 hectares próprios. “Fomos comprando pequenas áreas e arrendando outras, e agora temos uma lavoura própria de 2.100 hectares e arrendamos mais 1.200 hectares de várzeas de vizinhos, além de outros 1.726 hectares para criar gado”, explicou o produtor.

Nas lavouras, os Schranck cultivam a variedade brasileira blue belle e as uruguaias el paso-144 e yerbal, um cultivar precoce (com 115 dias de ciclo) desenvolvido com tecnologia russa e lançado no ano passado. O plantio segue o sistema de pousio, com dois anos de cultivo e três de descanso, e a produção esperada para esta safra faz prever um rendimento de 5.500 quilos por hectare, ante os 5.000 quilos/hectare obtido em 94. A produção é toda entregue à unidade da Saman S.A. Molinos Arroceros Nacionales em Rio Branco.

No estabelecimento, trabalham 54 funcionários fixos (99% uruguaios) e há uma frota de 6 colhedeiças New Holland, 1 Deutz e 20 tratores Ford, Case e Müller, incluindo uma raridade John Deere 1960. A Arrozal Vitória também possui silos e secadores com capacidade para 25 mil sacos de arroz e, a partir deste ano, começa a ampliação, para chegar ao armazenamento de 90 mil sacos. A modernização da firma englobará ainda a informatização total de escritórios, silos e depósitos.

Impostos caros — Na exploração de terras uruguaias, entretanto, nem tudo são facilidades. Conforme o administrador, embora o Banco da República do Uruguai financie 60% da área de lavoura, com juros de 10% ao ano, em dólar — “no Brasil, teríamos juros impagáveis de 58% ao ano” —, a carga de impostos sobre o uso do solo chega a so-



mar, no caso da Arrozal Victória, de US\$ 15 mil a US\$ 20 mil por ano. “É uma forma de obrigar o sujeito a produzir, e produzir bem, evitando áreas ociosas ou subaproveitadas”, justifica o produtor. Do restante da lavoura 20% são financiados pela Saman e 20% plantados com recursos próprios. De acordo com Marcos, outro fator que encarece a produção no Uruguai é a mão-de-obra local, protegida por um aparato de benefícios trabalhistas e sociais que elevam seu custo em 50% a 70%, em relação aos encargos brasileiros.

“Mesmo assim, compensa, pois o banco é mais sério, emprestando dinheiro sempre — desde que se pague as contas —, o herbicida e as máquinas são mais baratos, e o próprio custo da terra é bem menor”, continua, estimando que, na sua região, o hectare ainda inexplorado com arroz vale entre US\$ 600,00 e US\$ 700,00. “No Brasil, não encontraríamos terras de arroz por menos de US\$ 1.200 o hectare.”

Não bastasse isso, acrescentou o administrador, “temos uma associação de arroseiros organizada e forte, que acaba de conseguir um financiamento do Banco Mundial, para arrumar as estradas do interior. Assim, onde ainda não existe asfalto, teremos estradas ensaiabradas de primeira qualidade, para escoar a safra”.

Saman é quem manda no arroz

Imagine um acordo em que a empresa entra com todo o apoio à produção, fornecendo insumos (adubo, herbicidas, sementes e até óleo diesel, dependendo do caso), propicia recursos para a safra e ainda oferece seu corpo técnico para acompanhar a lavoura.

Ela também seca e beneficia os grãos produzidos, se encarrega da venda do produto e, em algumas situações, empresta as máquinas para plantio e colheita. Pois esse é o sistema que a Saman S.A. Molinos Arroceros Nacionales — maior empresa na produção, beneficiamento e exportação de arroz do Uruguai — adota com seus quase 300 produtores integrados, em contratos negociados caso a caso, antes do plantio. Atuando há mais de 50 anos, essa gigante recebe, anualmente, cerca de 350 mil toneladas de arroz em casca (o que corresponde a mais da metade de todo o arroz uruguaio), e destina quase tudo ao mercado externo, com destaque para o Brasil, que contribui com 60% de suas vendas.



Só nesta safra, revelou o agrônomo Manuel Montes (foto), que atende a produtores da Saman no departamento de Rocha, o grupo vai ser responsável por 69 mil hectares de arroz, em todo o território uruguaio. Na sua zona de atuação, são 12 mil hectares, cultivados por 55 integrados, dos quais 4 brasileiros. Formado pela Universidade de Montevideu e há seis anos atuando na Saman, Montes garante que os produtores brasileiros são melhores de trabalhar do que os colegas uruguaio, “porque dominam mais as técnicas de drenagem da terra antes e depois da safra e também porque são mais audazes”.

Boi e arroz, uma dobradinha de sucesso

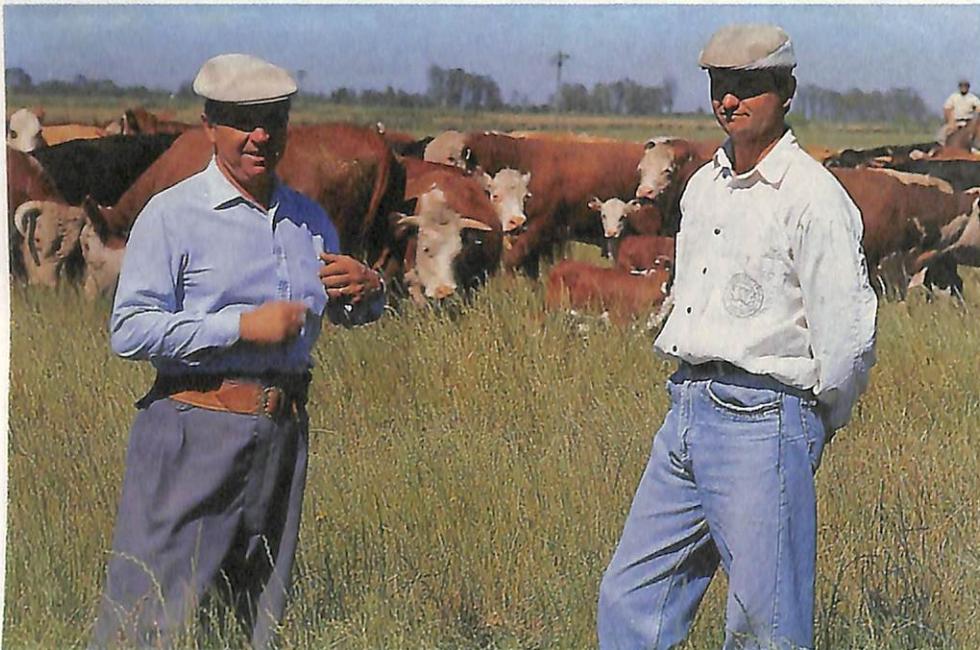
Brasil Central ou Uruguai? Terras de arroz ou campos para gado? Foi com essas dúvidas na cabeça que o agropecuarista gaúcho Cláudio Plácido Silva Ribeiro, de Camaquã, se lançou em busca de novas áreas para expandir suas

atividades, em 1986. Depois de visitar nove propriedades uruguaias e quase desistir de virar um empresário binacional, Ribeiro encontrou, finalmente, a fazenda desejada, a Estância La Glória, no departamento de Trinta e Três, com

solos aptos tanto para a produção orizícola como para a criação de gado.

“As vantagens aqui são muitas, a começar pela proximidade, pois estamos a apenas 400 quilômetros da sede, em Camaquã, enquanto, se tivéssemos optado pelo Brasil Central, estaríamos a mais de 2.000 quilômetros”, disse ele, tão satisfeito com a decisão que já passa no Uruguai quase o mesmo tempo que fica no Brasil.

Para chegar no estabelecimento procurado, o produtor baseou-se no conhecimento prévio que seu filho e administrador, o agrônomo Dorval, tinha da região. Em 1985, recém-formado pela Universidade Federal de Pelotas, Dorval fez um estágio sobre a rotação arroz x pastagens, na estação experimental do Instituto Nacional de Investigações Agropecuárias (INIA) de Trinta e Três. Porém, para decidir-se definitivamente



Os Ribeiro: novilhos de 400 quilos em pasto nativo

pelo local, ele ponderou o preço da terra. Na época, a proporção de preços era extremamente favorável ao Uruguai. “Com o valor que compramos 6 hectares aqui, compraríamos apenas 1 hectare em Camaquã; hoje, acho que a proporção caiu de dois para um”, contou.

Nos 2.750 hectares da La Glória (aos quais somam-se outros 650 hectares arrendados), Ribeiro e seu filho possuem 650 hectares de arroz (passando para 800 no ano que vem), 700 hectares de mato nativo, às margens do rio Cebollati, e o restante de campos (cornichão, azevém e trevo), onde pastam 700 vacas de cria hereford e cruzas hereford com nelore, devon e aberdeen angus.

Embora a produção anual, de 300 novilhos sobreano com média de 400 quilos, seja avidamente disputada pelos frigoríficos regionais em todo fim de ano, o principal ramo é mesmo o arroz, admite Ribeiro, que possui outras três propriedades no Brasil (fazendas Santa Isabel, Palmeira e Estrela), destinadas ao cereal, ao gado de corte e às cabanhas de devon e cavalos crioulos.

Engenho próprio — “As primeiras safras foram de arroz blue belle, que rendia 5.500 quilos por hectare, mas de-



Dorval: aqui se planta, aqui se beneficia

pois fomos mudando para o el paso-144, e passamos a ter mais de 7.000 quilos por hectare”, informou Dorval, ao lembrar que também a estrutura produtiva e de comercialização foi modificada. “Antes, produzíamos para os engenhos daqui, mas percebemos que poderíamos ter mais sucesso se tivéssemos uma estrutura própria, escapando do sistema integrado.”

Assim, foi elaborado um projeto industrial no valor de US\$ 400 mil (incluindo irrigação, armazenagem, estradas, cercas, formação de pastagens, as-

sistência técnica e aquisição de máquinas) em 1987, e quase automaticamente aprovado pelo Banco da República do Uruguai, permitindo que a família Ribeiro passasse a beneficiar e vender seu próprio arroz. O projeto teve o aval do Ministério de Ganaderia, Agricultura e Pesca uruguaio, dentro do Plano de Incentivos Agropecuários, com dois anos de carência mais quatro para pagar e juros de 9% ao ano, além da variação cambial. “Condições muito favoráveis, e se fizéssemos no Brasil não poderíamos pagar”, ressaltou Ribeiro. Foi criada a empresa Tospil S.A., com dois secadores, um engenho, quatro silos para 100 mil sacos (tudo importado do Brasil), produzindo e exportando para o mercado brasileiro cerca de 3.000 toneladas anuais de arroz branco tipo 1, com a marca Tospil. “Passamos de produtores integrados a produtores autônomos, e hoje concorremos com as quatro grandes empresas de exportação do Uruguai”, festejou Dorval. “É uma produção ainda pequena — cerca de 0,5% do que o país produz —, diante de uma gigante como a Saman, que responde por 60% da safra, mas um dia chegamos lá”, brincou.

BOELTER

O GRANDE NOME EM GRANELEIROS



Graneleiros e Silos Móveis para transporte, armazenamento intermediário e distribuição de grãos.

BOELTER
IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

QUEM USA BOELTER FAZ O MELHOR USO DA TERRA

SAMANO

BR 290 - Trevo de acesso a Gravataí - Fone/Fax (051) 488 3522 Telex 512151 - Cx. Postal 196 CEP 94.000-970 - Gravataí / RS.



Silos da La Glória: US\$ 400 mil de investimento

Além da estrutura industrial, as instalações da La Glória contam com uma bem cuidada sede, 10 quilômetros de estradas internas e um canal principal de irrigação de 15 quilômetros. A frota é composta de oito tratores, quatro colhedoras, dois caminhões, duas camionetes e um automóvel, e trabalham na propriedade 50 funcionários, 10 dos quais brasileiros. Na verdade, formou-se no lugar uma pequena vila rural, numa fazenda anteriormente ocupada por somente duas pessoas. “O arrozeiro modifica a região, dá empregos e desenvolve a economia”, sintetizou o proprietário, calculando que todo o estabelecimento deve consumir, em manutenção, 15% da receita anual. “Mas

para chegar nesse estágio, tivemos muito trabalho e chegamos a tomar algumas decisões equivocadas. Mas contamos também com a sorte, pois nossa área não sofre com falta d’água e também não tem enchente.”

Frete difícil — Ribeiro salientou, no entanto, que os serviços de apoio no Uruguai ainda são caros, em comparação ao Brasil. “Poderíamos alugar máquinas de preparo do solo por aqui mesmo, já que se trata de uma região com tradição no cultivo de arroz, mas é mais barato trazermos maquinário do Brasil, mesmo com todos os custos de internacionalização”, sustentou ele. “Outra dificuldade é a pequena rede de armazéns de locação. Há dois anos atrás, tivemos uma

safra muito maior que nossa capacidade de estoque e, por falta de espaço, fomos obrigados a tirar o avião do hangar, para colocar arroz.”

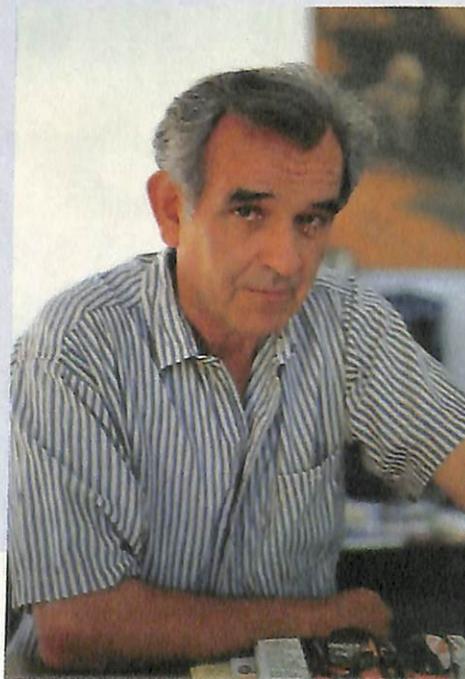
O grande problema, contudo, é o transporte da produção. Para que 1 tonelada de arroz trafegue de Trinta e Três a Camaquã, são gastos US\$ 19,00, excluindo todos os custos de trâmites internacionais, sem falar na demorada viagem e na complicada travessia de fronteiras, chegando a US\$ 25,00/tonelada, se incluir impostos. Por essa razão, a empresa avalia a possível formação de uma subsidiária, para atuar no transporte internacional, considerando também o acréscimo de movimento no Mercosul.

“Mas tirando os empecilhos, é muito melhor produzir aqui do que no Brasil”, ressaltou Dorval. No Uruguai, pode-se produzir sementes sem problemas, pois praticamente inexitem as invasoras arroz-vermelho e preto, além de outros inços. Pelos seus cálculos, as terras uruguaias possibilitam uma produção de 20% a 25% superior ao Brasil. Existem ainda incentivos fiscais para a exportação de grãos, com o “reintegrado” (devolução de impostos) de US\$ 0,35 por saco exportado. Ao mesmo tempo, o campo se credita do IVA (Imposto de Valor Agregado, o equivalente ao ICMS) na venda de sua produção, um mecanismo inexistente na complicada política agrícola brasileira e que estimula reinvestimentos na propriedade. “De uma forma geral, é válido dizer que o Uruguai apóia a produção primária, ao passo que o Brasil a desestimula”, finalizou o agrônomo. ▶

Cem mil novilhos gordos para o Brasil

Nunca tantos novilhos gordos uruguaios foram parar, na forma de bife, na mesa do brasileiro. Com a estiagem do fim do ano passado em São Paulo e no centro do País e o aumento de consumo do real, mais o final da entressafra da carne, de 50 a 60 mil reses marcharam para o abate no Brasil. Extra-oficialmente, o mercado aponta a exportação de 100 mil cabeças, num negócio que jogou cerca de US\$ 40,5 milhões nos bolsos dos pecuaristas “hermanos”. Há 15 anos trabalhando no escritório Nes-

tor Birriel Cal Negócios Rurais, em Rocha — um dos maiores do país, com sede em Montevideu—, o vende-



dor de gado Wilson Carrero (foto) informou que não se lembrava de ter feito tantos negócios para o Brasil anteriormente.

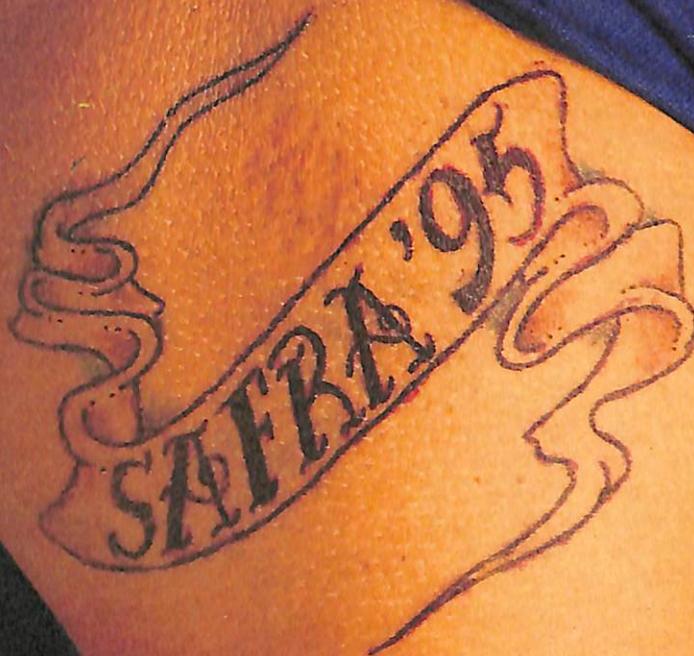
Só no início de dezembro, Carrero estava fechando a venda de 500 vacas gordas e novilhos para um frigorífico de Bento Gonçalves, e outros 500 para um frigorífico de Rio Grande, a um preço de US\$ 0,90 por quilo de peso vivo. Os animais eram hereford ou cruzas. Até o final daquele mês, ele esperava fechar a venda de outras 500 reses para abatedouros brasileiros.

Em todo o ano passado, o escritório estimava exportar mais de 3.000 cabeças. E com o Mercosul, “a tendência é dobrarmos as vendas”.

**MUTIRÃO DE
SAFRA 95**



MASSEY FERGUSON
PRODUZIDO POR IOCHPE-MAXION S.A.



**Sua colheita
é nossa idéia fixa. Por isso,
a Massey vai ficar**

100 DIAS

SÓ

**PENSANDO
NAQUILO**



Oitocentos mil ventres à espera de compradores

Gado leiteiro abre espaço

Nem só arroz e gado de corte atraem brasileiros nos 176 mil quilômetros quadrados do território uruguaio. Cada vez mais, laticínios, cooperativas, produtores e até mesmo governos estaduais do Brasil estão interessados na tecnologia leiteira do menor dos parceiros do Mercosul, fabricante de produtos lácteos reconhecidos internacionalmente pela qualidade e dono de um rebanho de 800 mil vacas de Primeiro Mundo.

É o caso do empresário porto-alegrense Guilherme “Guga” Stumpf, que está transformando sua Estância La Madruga, em Lascano, a 90 quilômetros da fronteira brasileira, num verdadeiro entreposto de exportação das valorizadas novilhas holandesas do Uruguai. O esquema montado por Guga em 1989 é simples: vender ao Brasil vacas de boa qualidade e em grande volume. Para tanto, ele adquire as novilhas PC (puro por cruz) de cinco fornecedores, cria os animais em aproximadamente metade dos 9.030 hectares da Madruga, insemina-as com sêmen de touros PO (puro de origem) campeões na Exposição do Prado, em Montevidéu, e exporta-as para o Brasil, através da empresa Sulexport. No início de dezembro passado, ele “hospedava” 3.000 cabeças, a maioria fêmeas sendo preparadas para o envio.

Desde 1990, ele estima ter exportado uma média de 2.000 cabeças ao ano, com destaque para 94, quando esperava comercializar 4.000 fêmeas, ao preço

médio individual de US\$ 700,00. A carteira de clientes possuía, no final do ano passado, nove clientes de todo o Brasil (RJ, ES, MG, SC, PR e RS), onde sobressaía a Cooperativa Central Gaúcha de Leite (CCGL), comprando 2.000 vacas para serem distribuídas a produtores de 30 cooperativas filiadas. Guga compra os animais com recursos financiados pelo Banco da República do Uruguai, numa linha de crédito de três anos para pagar — seis parcelas semestrais após seis meses de carência e juros de 10,25% ao ano. “No Brasil, nosso projeto seria inviável, devido aos juros de 7% ao mês. Aqui, temos juros de 1% ao mês.”



Experiência anterior — Atualmente, o proprietário acredita dominar de 25% a 30% do mercado de exportação de gado leiteiro, mas, para chegar a tanto, contou com uma larga trajetória em negócios internacionais, iniciada em 1978. Anteriormente, Stumpf foi sócio da empresa El Pelegrino, de Melo, que chegou a deter 70% desse mercado e mandou mais de 25 mil cabeças de gado holandês para o Sul do Brasil.

Antes de ser adquirida, La Madruga era utilizada para gado de corte, sobretudo aberdeen angus, e mantinha sete funcionários cuidando de um rebanho de 7.000 cabeças. Hoje, possui 20 pessoas na parte de pecuária e outras 80, entre empregos diretos e indiretos, cuidando do segmento de arroz. Nessa área, ele arrenda 2.000 hectares para cinco produtores (dos quais quatro brasileiros), e fornece toda a infra-estrutura mais a água, em troca de uma participação de 25% na produção. Os lavoureiros são integrados à Saman, mas o fundamental é mesmo fornecido pelo arrendatário, que investiu cerca de US\$ 1,5 milhão, para transformar o antigo campo de corte e banhados numa bem estruturada lavoura de arroz.

Foram construídos 17,5 quilômetros de diques, para evitar enchentes, uma represa com 200 mil metros cúbicos, para garantir água abundante, e 60 quilômetros de estradas internas, que demandaram 1.500 caminhões de cascalho. “Teve épocas em que chegamos a ter 200 pessoas trabalhando por aqui”, lembrou Stumpf, contabilizando um maquinário que inclui duas retroscavadeiras, duas escavadeiras, uma *drag-line*, quatro colhedoras, três tratores agrícolas e um rodoviário, todos importados do Brasil. “Tudo isso para garantir que os parceiros consigam uma boa produtividade (de até 8.000 quilos por hectare) e possam escoar os 220 mil sacos de arroz produzidos aqui”.

Entre as vantagens de produzir no Uruguai, Guga destacou a qualidade das terras de aluvião, para o arroz, e dos campos nativos (grama forquilha, capim flexilha, azevém e trevo nativos, babosa e alfafa nativa), para o gado. Além disso, o custo do dinheiro é inferior ao do Brasil, e os produtos veterinários chegam a ser de 10% a 20% mais baratos. As únicas dificuldades são o elevado custo da mão-de-obra (que se dilui no custo da produção) e a ainda rarefeita frota de caminhões graneleiros. Sobre isto, aliás, ele aconselha a empresários brasileiros do ramo a pensarem no assunto. ▶

Stumpf: faltam caminhões no pico da safra

MUTIRÃO DE SAFRA 95



MASSEY FERGUSON
PRODUZIDO POR IOCHPE-MAXION S.A.

DET. PROPAGANDA



Treinamento

Todos os mecânicos da rede treinados direta e recentemente pela fábrica para resolver todo e qualquer problema durante a colheita.

Estoque Agilizado

Toda a rede Massey Ferguson a postos com as peças de reposição que você precisar, em ligação direta com a fábrica para qualquer emergência.

A fábrica no campo

Representantes de Pós-Venda estrategicamente colocados no campo para estar ao lado do agricultor durante toda a safra.

100 DIAS
SÓ
PENSANDO
NAQUILO

Plantão 24 horas

Plantão de atendimento de serviço no campo 24 horas por dia, 7 dias por semana. A rede em alerta para uma grande safra 95.

Mecânicos fazem a festa

Nesta época do ano, o mecânico gaúcho Paulo Arinos Meireles Farias (foto), dono da Hidroserv Equipamentos Hidráulicos Ltda., fecha sua oficina de Santa Vitória do Palmar/RS e atravessa a fronteira uruguaia, para fazer consertos em propriedades estrangeiras. "É vantajoso por três motivos: no Uruguai se paga à vista (enquanto, no Brasil, o pagamento costuma ser faturado, com prazo de um mês), é um mercado em expansão, pois falta gente especializada em bombas hidráulicas, e quase não conseguimos atender aos pedidos de visita, pois um cliente fala para o vizinho, e este, para outro", explica



Farias, que, desde maio do ano passado, arruma equipamentos agrícolas em terras uruguaias, cruzando a fronteira no mínimo uma vez por semana.

Se o mercado é favorável para mecânicos brasileiros e para reparos e manutenção de máquinas uruguaias, também é bom para a área de serviços que envolvem a chegada dos brasileiros neste período. É o caso do Hotel Continental, em Lascano, onde o proprietário, José Urrutia, informa que dos dez quartos disponíveis sete são ocupados por brasileiros, sejam safristas para as lavouras de arroz, sejam

agrônomos, técnicos em implementos agrícolas ou comerciantes de insu- mos. "Não podemos nos queixar, pois todo o comércio acaba se beneficiando desse movimento temporário", diz. No resto do ano, o velho Continental passa quase que vazio, longe dos circuitos turísticos e das rotas de maior tráfego do interior uruguaio.

O movimento de brasileiros pelas "rotas" é atestado também nas estações de serviços, como são chamados os postos de abastecimento das rodovias uruguaias. Fernando Arrabal, frentista na estação Ancap de Trinta e Três, confirma que de cada dez veículos quatro são brasileiros, a maioria da fronteira. Os circulantes não são turistas, mas transportadores, caminhoneiros, vendedores de produtos, agenciadores de mão-de-obra safrista e empresários rurais.

Novas raças na paisagem

Introdutor de diversas raças no Uruguai, o pecuarista gaúcho Milton Nascimento chegou ao país vizinho fazendo um percurso inverso da maioria dos brasileiros que lá se instalam. Descendente de uma antiga família de Rio Grande/RS, que por mais de 150 anos teve vínculos e negócios no Uruguai, Nascimento pode ser considerado como um investidor de origens uruguaias que veio para o Brasil, nas décadas de 60 e 70, e que agora retorna ao antigo lar.

Na Estância Mariscal, departamento de Lavalleja, a 220 quilômetros de Montevidéu e 100 da fronteira brasileira mais próxima, no Chuí, ele investe

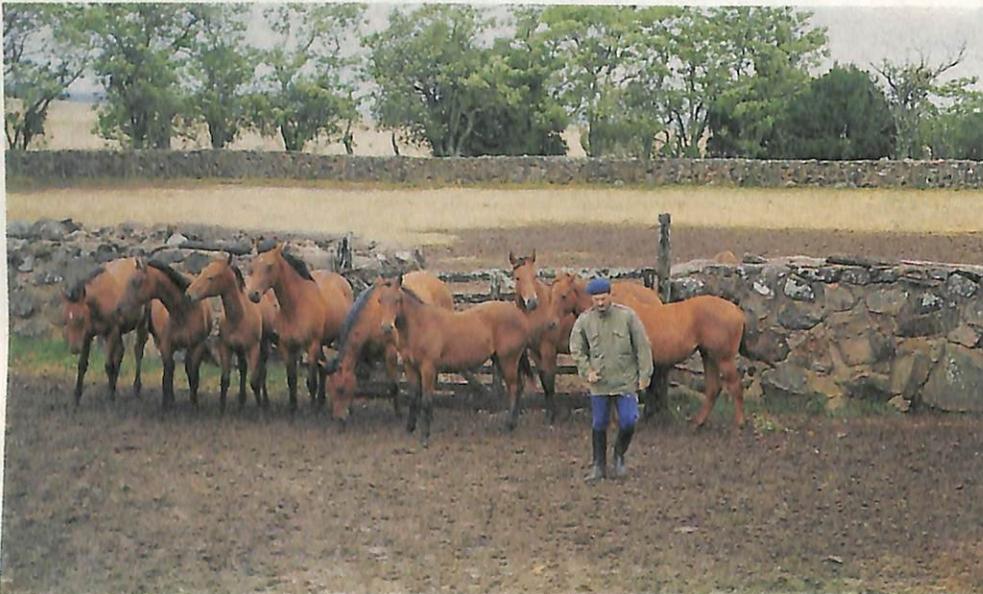
pesado para modernizar a criação de gado de corte e se empenha em difundir suas raças prediletas, o bovino sintético santa gertrudis e os cavalos quarto de milha e appaloosa, introduzidos no Uruguai por ele mesmo, respectivamente em 1981, 1980 e 1988.

Mariscal, explicou o engenheiro-agrônomo Juan Pablo Barreto, administrador do estabelecimento, chegou a ter 100 mil hectares de campos na região que se estende de Rocha ao Chuí, há um século e meio atrás, quando pertencia a Bernardo Riet Correa, um tio de Guido Correa do Nascimento, pai de Milton. "Eram somente campos e gado

solto, e o que hoje é a sede da propriedade só possuía uma mangueira de pedra. Guido herdou-a em 1928, já então com 7.000 hectares, construiu a atual sede e começou a plantar bosques de eucaliptos, somando 250 hectares de matas artificiais, a maior área desse tipo em toda a região", contou ele. Ao tomar a fazenda, Guido levou a família, e os filhos, Milton e Miriam, acabaram passando toda a infância no Uruguai.

Mais tarde, ao redor da década de 70, já capitalizado pela atividade pastoril, o fazendeiro adquiriu terras no Brasil, a Cabanha Douradilho, em Barra do Ribeiro/RS e a Fazenda do Brejo, em São Lourenço/RS, destinando-as a diferentes finalidades: a primeira, para a criação de santa gertrudis e quarto de milha, aos cuidados de Milton, e a outra, para gado comercial, sob o comando de Miriam. Com o falecimento de Guido, há três anos, Milton, que já vinha administrando a Mariscal de forma esporádica, retornou ao Uruguai, onde a família possui outra propriedade, o Haras El Anastácio, a 8 quilômetros do balneário José Ignácio, departamento de Maldonado. Nos dois estabelecimentos, o pecuarista vem dedicando-se à criação de suas raças prediletas: bovinos santa gertrudis e cavalos quarto de milha.

Novilhos para a praia — Nos atuais 5.700 hectares da Mariscal — o nome vem da esposa do "mariscal" (uma antiga patente do Exército, ►



Barreto: quarto-de-milha vem com tudo

**MUTIRÃO DE
SAFRA 95**



MASSEY FERGUSON
PRODUZIDO POR IOCHPE-MAXION S.A.

DEE PROPAGANDA



Alô-Maxion Especial

(051) 800 4198

Canal aberto, direto e gratuito com a fábrica para
qualquer sugestão ou reclamação do agricultor.

Ligue que a Massey vai estar

100 DIAS

SÓ

**PENSANDO
NAQUILO**

equivalente a marechal) Javier de Viana, Dona Iolanda, que, segundo consta, mandava em toda a região por volta de 1750 —, o proprietário abandonou o antigo sistema de cria, recria e engorda e passou apenas a criar. O rebanho original era composto por gado cruzado, em tricíros, com as raças hereford, normando e charolês, mas há quatro anos vem sendo padronizado com a cruzada hereford x santa gertrudis.

“A família Nascimento tem mais de 30 anos de seleção de santa gertrudis no Brasil. Milton trouxe os primeiros exemplares em 1981 (dois touros e uma vaca), para participar da exposição do Prado, e abriu o livro de registros da raça no País”, relatou Barreto.

Hoje, o rebanho possui 4.500 mil cabeças, das quais 2.200 vacas entoadas ou inseminadas anualmente. Há um plantel de santa gertrudis puros (50 ventres e dez touros), e os novinhos são vendidos aos seis meses, com uma média de 190 quilos, para frigoríficos da região, que distribuem a carne nos sofisticados balneários uruguaios. “Vendas de lotes com 600 a 700 bezerros são frequentes”, informou o agrônomo.

Conforme o administrador, que trabalha com os Nascimento há quatro anos, os compradores dos bezerros cruzados, especialmente do departamento de Cerro Largo, costumam pagar 15% a 20% a mais sobre os preços de mercado pela produção da Mariscala. No Uruguai, diz ele, há uma grande oferta de bezerros hereford (cerca de 80% dos negócios são de produtos dessa raça), o



Sede da Mariscala: no passado, 100 mil hectares

que provoca uma crescente procura por derivados de outras raças. Na Mariscala, onde o índice de natalidade varia de 73% a 82%, e a lotação média vai de 0,75 a 0,80 Unidade Animal (U.A.) por hectare no inverno, em campos totalmente cobertos por pastagem nativa (azevém e trevos nativos), são criados ainda 3.500 ovinos corriedale e 150 cavalos de trabalho, para consumo e uso dos 12 trabalhadores fixos da propriedade.

Entre as melhorias introduzidas, Barreto menciona novos embarcadores e mangueira, além de cercas e estradas internas, somando um investimento de aproximadamente US\$ 100 mil, nos últimos quatro anos. Há também algumas novidades, como a implantação de poteiros com lótus rincón e experimentos para fixar o padrão de um novo grupo sintético, o *hertrudis* (ver box).

No manejo sanitário, ele lembra que não existe carrapato, berne, fasciola ou aftosa, na Mariscala, e que o controle da mosca-dos-chifres é rígido, com banho anual (em novembro), especialmente as vacas solteiras.

Paixão por cavalos — Mas se o trabalho de Nascimento para a pecuária bovina uruguaia foi fundamental — estima-se que existam, hoje, cerca de 20 a 30 criadores usando santa gertrudis puros ou cruzados, no País —, a grande contribuição foi a introdução e o fomento do cavalo quarto de milha, em 1980, quando, junto com outros dez criadores, importou um lote de 50 exemplares da Califórnia, numa operação repetida em 1987, só que, dessa vez, do Texas.

“Houve uma verdadeira explosão no quarto de milha uruguaio, com cavalos usados no trabalho de campo, em corridas e na reprodução, mudando o panorama do criatório equino local”, admitiu o administrador, ao lembrar que o país sempre foi reconhecido como forte na criação de cavalos crioulos e puro-sangue inglês, a exemplo da vizinha Argentina.

O plantel quarto de milha se concentra no Haras El Anastácio, em Maldonado, onde existem 45 éguas em cria e onde os filhos do garanhão El Sucessor costumam ser vendidos, com menos de um ano, para todo o Uruguai, para serem usados como reprodutores, em exposições ou treinados para futuras corridas.

Depois, em 1988, coube ainda a Nascimento introduzir o cavalo appaloosa em território uruguaio, dispondo, hoje, de um plantel de dez éguas puras em cria, também no El Anastácio. 

Nasce o “hertrudis” em Lavalleja

A Estância Mariscala, em Lavalleja, não se destaca apenas pela qualidade de seus rebanhos comerciais, mas igualmente pelas experiências que vem realizando em duas áreas: a definição de um novo grupo bovino sintético, o *hertrudis*, 5/8 hereford e 3/8 santa gertrudis, e o uso da leguminosa lótus rincón em plantio direto. De acordo com o administrador do estabelecimento, agrônomo Juan Pablo Barreto, já existem 100 ventres com composição sanguínea *hertrudis*. “No Uruguai, não precisamos de vacas com muita cobertura de carne ou gor-



dura, para passar o inverno, como são as vacas de raças britânicas, pois nosso inverno não é tão rigoroso e existe disponibilidade de pasto para seu suporte. Precisamos, no entanto, de vacas precoces, como as sintéticas, em especial a santa gertrudis”, justifica ele.

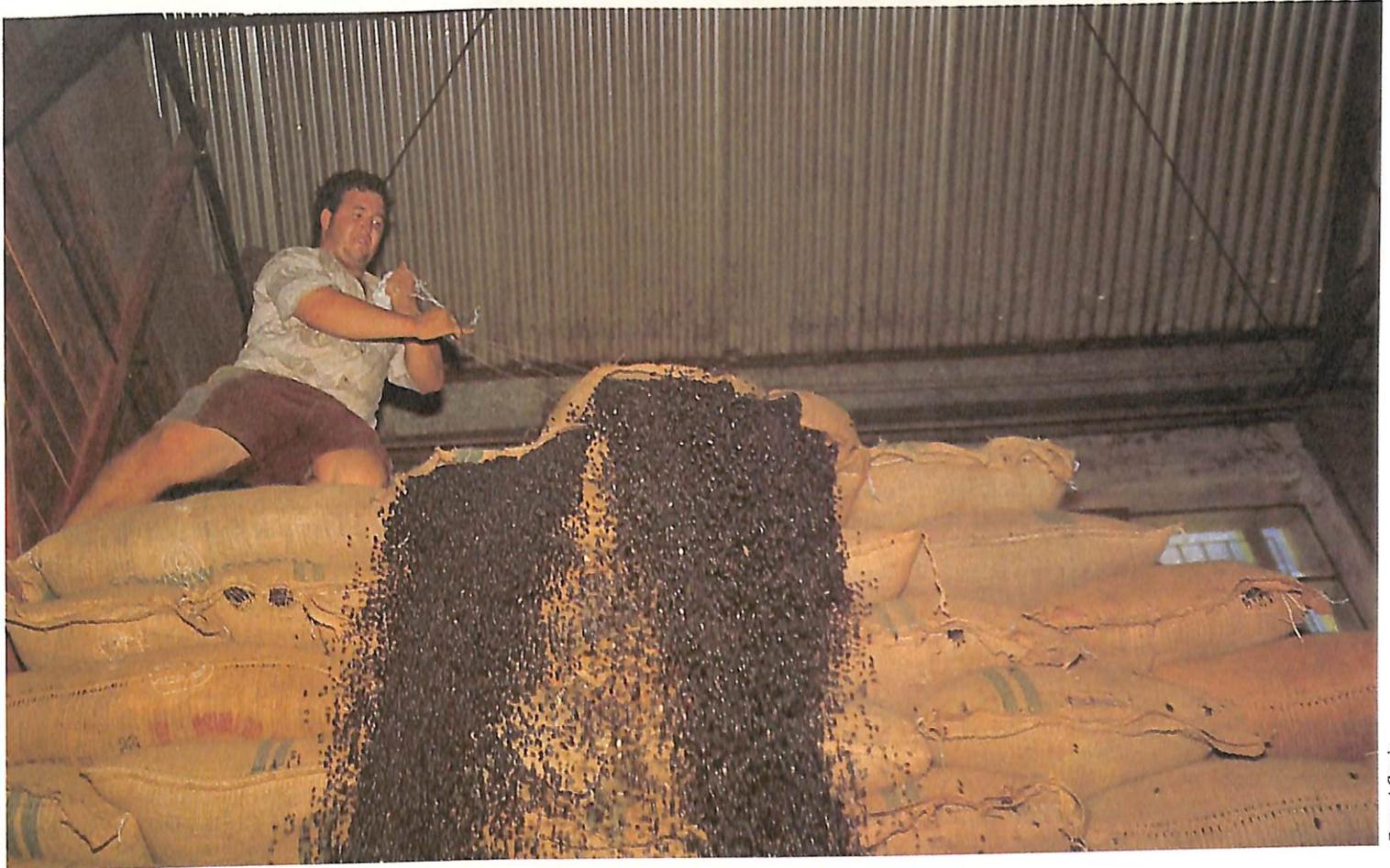
Quanto ao lótus rincón, uma leguminosa anual de primavera-verão, trata-se, segundo o administrador, de

uma forrageira rústica, de fácil cultivo, e que se adapta a qualquer manejo de pastoreio quando semeada em plantio direto, junto com aplicações de fósforo. Conforme Barreto, a Mariscala começou a implantar o lótus em 1993, com 150 hectares, num projeto que visa atingir 600 hectares em

dois a três anos. A variedade, diz ele, suporta uma lotação de 30% a 40% superior à lotação habitual dos campos nativos uruguaios. “Além disso, é uma forrageira barata, por ser implantada com semeadura a lanço, e que não custa mais do que US\$ 50,00 por hectare, enquanto, para plantar uma pastagem tradicional, gasta-se em torno de US\$ 100,00 por hectare”, concluiu ele.

FEIJÃO

Produtor baiano na corda bamba



Fotos: A Granja

Os produtores do maior pólo feijoeiro do Brasil, Irecê, vêm sentindo na pele e no bolso o efeito devastador da falta de chuvas e da redução de crédito oficial

João Gonçalves

P principal propulsor da economia de Irecê, na Bahia, o feijão (*Phaseolus vulgaris L*) deverá ter uma queda de 30% na área plantada nesta safra, devido a complicações climáticas e dificuldades no financiamento da produção. O recomendado para o plantio é, no mínimo, 80 milímetros de precipitação hídrica, mas até o dezembro do ano passado, não havia chovido suficientemente em Irecê. Os técnicos acreditam que a estiagem resulta do fenômeno *El Niño*, um aquecimento das massas atmosféricas que começa no

oceanos Pacífico e está associado ao regime de chuvas no Brasil. Mas os produtores baianos, apesar dos riscos, já engrenaram suas máquinas, fazendo prever que a área cultivada somará 250 mil hectares, ocupando 70% do território regional dos 19 municípios que compõem o chamado “pólo nacional do feijão do semi-árido nordestino”. A produção, na melhor das hipóteses, deve chegar a 2 milhões de sacas.

Ainda será muito pouco comparado à maior safra já produzida na região. A colheita recordista da história ireceense

ocorreu na safra 1991-92, quando foram colhidos 5,7 milhões de sacas, ou 342 mil toneladas. De qualquer forma, será maior que a problemática safra 1990-91, quando foram colhidas somente 250 mil sacas (ou 15 mil toneladas), devido à forte seca que se abateu na Região Nordeste naquele período. Cabe lembrar, no entanto, que, mesmo naquela safra complicada, foram cultivados 300 mil hectares, sendo 200 mil em plantações solteiras e 100 mil em plantações consorciadas com milho ou mamona.



Produção irrigada em Irecê: produtividades acima de 3.000 kg/ha

Uma história feijoeira— Inicialmente tratado como cultura de subsistência, o feijão passou a ser produzido em escala comercial em Irecê nos idos de 1960, quando o governo injetou recursos, subsidiando os custeios agrícolas, para aumentar a produção e abastecer os grandes centros consumidores, principalmente o eixo Rio—São Paulo. O governo apostou no solo fértil e neutro de Irecê, que, apesar das prolongadas estiagens, garante uma das maiores produções de grãos do País, tendo o feijão, a mamona e o milho como principais produtos.

Duas décadas após iniciada a política de subsídios agrícolas, muitas coisas mudaram. As transformações começaram em 1983, quando o governo deixou de subsidiar a agricultura de Irecê, por imposição do Fundo Monetário Internacional (FMI), credor das autoridades brasileiras na questão da dívida externa. “Mesmo sem o apoio oficial, os produtores continuaram a plantar em grande escala, pois estavam acostumados a 20 anos de cultivos subsidiados”, relatou o agricultor Fernando Dourado. Hoje, o próprio modelo agrícola adotado na região está sendo contestado, pois acredita-se que a infra-estrutura implantada para escoar as safras feijoeiras já está ultrapassada. Além disso, lembra o vice-presidente da Cooperativa Agropecuária Mista da Microrregião de Irecê (Copirecê), Washington Luiz da Silva, o tamanho das áreas cultivadas está diminuindo sensivelmente. Segundo ele, 92% dos produtores da região já se enquadram como minis e pequenos, signi-

ficando aí a redução da capacidade produtiva com fins comerciais. Essa modificação no tamanho das áreas também contribui na dificuldade de acesso dessa categoria a financiamentos.

Entretanto, muitos produtores não atribuem os problemas do setor ao fim dos subsídios imposto pelo FMI, preferindo acreditar em que, apesar de ser bastante lucrativa, a cultura do feijoeiro é de alto risco, especialmente nas regiões semi-áridas, onde depende substancialmente de condições climáticas e meteorológicas favoráveis. E, no sertão, lembra o produtor Agnaldo Dourado Matos, clima favorável é raro, e o comum são prolongadas estiagens. “A cada dez anos, três são de safra ruim, quatro são razoáveis e apenas três são efetivamente satisfatórios do ponto de vista climático”, ensina ele. Por essa razão, produtores e técnicos da região estão recomendando cada vez mais a diversificação e a irrigação. “O problema é que as técnicas de irrigação demandam grandes investimentos, e somente 5% dos produtores regionais possuem condições econômicas para adotá-las”, sustenta Matos.

Walter Ney Dourado, presidente da Copirecê, afirma que as lavouras em plantio tradicional apresentam um rendimento médio de 1.200 quilos por hectare, em anos de chuvas satisfatórias, e 810 quilos/hectare, em anos de insuficiência hídrica. Quando a rentabilidade é baixa, destaca ele, os prejuízos para os agricultores e para a região como um todo são incalculáveis. Em comparação, os plantios com irrigação garantem uma

produtividade que varia de 2.500 a 3.300 quilos por hectare, de acordo com as técnicas de manejo adotadas por cada produtor.

Menos financiamento — A série de dificuldades climáticas e o lento, mas inexorável, empobrecimento dos agricultores da região acabaram fazendo com que, nesta safra, apenas 1.300 contratos de custeio do Banco do Brasil tenham sido atendidos, ante os mais de 3.000 contratos assinados em 1993, como revela o gerente da instituição em Irecê, Júlio Cesar. Ele salienta, porém, que, se caiu o número de contratos, o volume total de recursos disponibilizados dobrou, passando dos R\$ 4 milhões, da safra passada, para R\$ 8 milhões, nesta safra. Ao mesmo tempo, segue o gerente, o banco vem realizando há dois anos um zoneamento de culturas em toda a área. O trabalho — em convênio com produtores, cooperativas e empresas de assistência técnica — visa exatamente estimular a diversificação, já que muitas áreas foram consideradas impróprias para a leguminosa. “Foi assim que o algodão passou a despertar o interesse de alguns produtores, e já começa a apresentar índices importantes, em substituição ao feijoeiro”, lembra Júlio Cesar.

Mesmo assim, a escassez de recursos para a maioria dos produtores, classificados como mini e pequenos — e que, portanto, deixaram de receber apoio oficial por não apresentarem garantias de cobertura aos financiamentos — será sentida em toda a porção centro-oeste baiana. As reclamações dos agricultores fundamentam-se no fato de o custo da produção valer R\$ 310,00 por hectare, enquanto o Valor Básico de Custeio (VBC), estabelecido pelo Ministério da Agricultura, é de R\$ 198,00/hectare. Além disto, a nova moeda, o real, acabou provocando uma supervalorização da semente, fazendo 1 quilo chegar a valer R\$ 2,00, enquanto os cálculos da Embrapa para a fixação dos VBC estimaram o preço do insumo em R\$ 0,57/quilo.

De qualquer forma, os produtores estão esperançosos de que uma boa chuva venha transformar o sertão num “tapete verde”, podendo ser visto desde satélites distantes. “Sofrer secas de graves consequências já faz parte da rotina do sertanejo e, por isso mesmo, comemoramos tanto, quando conseguimos arrancar da terra uma boa safra”, depõe, animado, o agricultor Fernando Dourado, enquanto olha o céu em busca de nuvens.



PERDAS NA COLHEITA: A SOLUÇÃO ESTÁ EM NOSSAS MÃOS.

O Brasil perde, a cada ano, cerca de 10% de sua produção de grãos, nas várias etapas do processo produtivo e de comercialização.

Soja, trigo, arroz e milho contabilizaram na última safra prejuízos de US\$ 2,34 bilhões, ou seja, 10% do PIB agrícola brasileiro, que gira em torno de US\$ 30 bilhões.

Somente com relação à soja, números da EMBRAPA - Centro Nacional de Pesquisas da Soja (Londrina - PR), indicam que as perdas foram de 1 milhão e meio de toneladas, na última colheita.

OS PREJUÍZOS NO RS.

No Rio Grande do Sul, um estado que tem na agricultura um dos pontos fortes de sua economia, a situação não é diferente, o que confirma a dramática realidade nacional.

Agora mesmo, a EMBRAPA/Passo Fundo está retomando um projeto de quantificação de perdas de grãos nas lavouras de trigo, enfocando unicamente a questão das perdas durante a colheita.

O mais preocupante: perdas de 8,26% (somando as de pré-colheita, as de plataforma e perdas de trilha e separação) na lavoura colhida com 26% de umidade.

Entretanto, os resultados foram uma perda de 0,36% na pré-colheita, 1,92% na plataforma, e de 4,68% na trilha e separação, na lavoura colhida com 18% de umidade. A perda total caiu para 5,3% (isto significa uma redução de 61% nas perdas, pelo fato do trigo ter sido colhido na época mais adequada).

SUCATEAMENTO DA FROTA.

Os técnicos da EMBRAPA e EMATER constataram ainda que, além dos descuidos com as máquinas em termos de manutenção e operação, o sucateamento da frota nacional repercute significativamente na produtividade, já que 70% das colheitadeiras em atividade no Brasil têm mais de 10 anos de funcionamento.

Tal situação deverá melhorar a médio prazo, pois os produtores estão animados com a boa safra do ano passado e com as excelentes perspectivas da atual, o que possibilitará capitalizar o setor para investimentos na mecanização da lavoura.

É PRECISO MUDAR AGORA A SITUAÇÃO DIFÍCIL DAS PERDAS.

Reverter esta situação é uma necessidade urgente. Existem soluções práticas, capazes de conter o desperdício.

Se nada for feito, não adiantarão solo fértil e bom tempo, pois a produção de grãos continuará escorrendo entre os dedos do agricultor.

A SLC, que sempre se preocupou com a produtividade, acredita que a direção a ser seguida para conter a perda de grãos está nas mãos de todo o setor.

Nas próximas páginas deste artigo, estão indicações seguras para reduzir os prejuízos.

SAIBA COMO EVITAR OS PREJUÍZOS AUMENTANDO SEU RENDIMENTO.

| CAUSAS | RECOMENDAÇÕES |
|---|---|
| Imperícia do Operador | <p>É fundamental que o operador esteja habilitado para operar a colheitadeira e que saiba realizar corretamente os ajustes e serviços diários de manutenção. É importante, também, que ele saiba identificar e quantificar as perdas.</p> <p>Aqui duas recomendações:</p> <p>1.^a) O operador deve dominar o conteúdo e, sempre que necessário, buscar informações no Manual de Operação, pois ele contém orientações importantes sobre como conduzir, regular e realizar a manutenção da colheitadeira.</p> <p>2.^a) O operador deve, ainda aperfeiçoar seus conhecimentos assistindo, periodicamente, palestras e cursos realizados pelos fabricantes, órgãos e entidades agrícolas.</p> |
| Regulagens, Manutenção e Conservação inadequadas da colheitadeira. | <p>É recomendável a realização de uma revisão em Concessionário Autorizado, com boa antecedência ao início da safra. Esta medida, além de evitar perdas de grãos, também evitará paradas e perdas de tempo na colheita. Durante a colheita é preciso realizar corretamente os serviços de manutenção recomendados pelos fabricantes e contidos no Manual de Operação.</p> <p>As colheitadeiras são de construção resistente, mas devem ser operadas com cuidado e atenção. A operação incorreta produz desgaste e danos. A operação é complexa e não se deve trabalhar por instinto. É necessário que o operador tenha o maior conhecimento sobre a operação para que possa obter o máximo rendimento da colheitadeira.</p> |
| Condições impróprias da lavoura | <p>Além da atenção ao preparo do solo, é importante planejar o plantio, estudando a melhor configuração em função da forma do campo e, ainda observar o espaçamento correto entre linhas, de modo a permitir a facilidade de manobra com a colheitadeira. Também é recomendável o controle das plantas daninhas. Elas proporcionam o acúmulo de material verde sobre os saca-palhas e peneiras, impedindo que o grão seja separado da palha e dificultando a trilha.</p> |

Continuação

O nível de teor de umidade para uma melhor colheita de soja e trigo é de 13%. Para o milho é inferior a 15%.

Muito ou pouca umidade podem representar mais grãos perdidos, preço menor e maior custo para armazenagem.

Alta velocidade de avanço

A velocidade de avanço depende, essencialmente, das condições do produto e do terreno. Deve-se considerar, principalmente, o volume e umidade do produto, o limite de perdas aceitável (não superior a 5%) e o grau de limpeza dos grãos colhidos.

A velocidade excessiva da colheitadeira é ainda uma das causas principais de perdas na colheita no Brasil. Em muitos casos isso se deve à necessidade de se colher grandes extensões com um número reduzido de colheitadeiras.

Temos, no Brasil, praticamente, uma colheitadeira para cada 400 hectares. Nos Estados Unidos, por exemplo, tem-se uma colheitadeira para cada 100 hectares. Assim, eles não ultrapassam a velocidade de 6 km por hora.



COMO CLASSIFICAR AS PERDAS.

PERDAS PRÉ-COLHEITA - Grãos, vagens ou espigas que caem ao solo antes do início da colheita, devido a condições climáticas como ventos e chuvas ou pragas.

PERDAS NA PLATAFORMA DE CORTE - Grãos, vagens ou espigas caídos no solo em decorrência de uma velocidade excessiva da colheitadeira, barra de corte danificada, molinete e sem-fim desregulados. E, ainda, as vagens ou espigas deixadas na planta devido a um corte muito alto, plataforma desnivelada ou pneus descalibrados.

PERDAS NA UNIDADE DE TRILHA - As vagens ou espigas não trilhadas que saem para fora da colheitadeira através dos saca-palhas e peneiras. Estas situações podem ser motivadas pela abertura excessiva entre côncavo e cilindro, baixa velocidade do cilindro, desalinhamento entre côncavo e cilindro ou ve-

locidade excessiva da colheitadeira.

PERDAS NOS SACA-PALHAS - Grãos trilhados e soltos que não conseguiram ser separados da palha e que saem pelos saca-palhas para fora da máquina. Estas perdas são causadas pela extensão do côncavo desajustada, lona incorretamente inclinada sobre os saca-palhas, côncavo muito fechado e velocidade excessiva da colheitadeira.

PERDAS NAS PENEIRAS - Grãos que saem pelas peneiras para fora da máquina devido à alta velocidade do ventilador, direção incorreta do fluxo de ar, peneira superior muito fechada, côncavo muito fechado ou cilindro com velocidade excessiva.

PERDAS POR FUGAS - Ocorrem em qualquer ponto da colheitadeira, devido a vedações danificadas ou janelas imprópria-mente fechadas.

OS 10 MANDAMENTOS PARA REDUZIR PERDAS E OBTER MELHORES RESULTADOS.

1. Para alcançar os mais altos níveis de desempenho, a colheitadeira deverá, antes de tudo, estar revisada e em perfeitas condições de trabalho. Durante a colheita, realizar os serviços periódicos de manutenção recomendados pelo fabricante e contidos no Manual de Operação.
2. Ao iniciar a colheita, a máquina deverá ser operada em baixa velocidade, para que a colheitadeira seja sentida e dominada. A velocidade deve ser aumentada gradualmente, mas sempre com a verificação dos resultados, até que seja encontrada a mais adequada. A velocidade adequada é aquela que proporciona níveis de perdas aceitáveis.
3. Realizar os ajustes que se fazem necessários na colheitadeira. Deve-se ter uma razão definida para realizá-los, fazendo somente uma regulagem por vez. O resultado da medida deve ser verificado antes da realização de outro ajuste.
4. Verificar frequentemente os grãos no tanque graneleiro, a retrilha e a palha nos saca-palhas, para comprovar se a ação trilhadora está apropriada. Se necessário, ajustar a velocidade do cilindro e a abertura do côncavo.
5. Sempre que houver alteração nas condições da lavoura, é necessário reajustar a colheitadeira e comprovar as perdas de grãos.
6. Quando houver produto caído, manter a plataforma o mais baixo possível, reduzindo também a velocidade de avanço da colheitadeira.

7. Manter ajustadas a altura, posição e velocidade do molinete, de acordo com as condições do produto e a velocidade da colheitadeira.

8. Ajustar o ventilador e/ou peneiras sempre que houver perdas nessa área, ou quantidade excessiva de material na retrilha, ou, ainda, grãos sujos no tanque graneleiro.

9. Não sobrecarregar a colheitadeira operando com velocidade muito rápida, já que isso aumentará consideravelmente as perdas.

10. Quando a operação se dá em condições adversas, como em colheita com abundância de ervas daninhas ou em terrenos inclinados, reduzir a velocidade de avanço e verificar frequentemente o funcionamento das unidades da colheitadeira.



Para conhecer as perdas, só existe uma forma: medi-las. Deve-se usar um método para tal. Nunca usar apenas o método visual ou aquele do "eu acho". Recomendamos usar o método desenvolvido pela SLC ou EMBRAPA. Para receber maiores informações e materiais sobre este trabalho, escreva para SLC S.A. - Indústria e Comércio DCPV - Rua Duque de Caxias, 333 - Horizontina - RS - CEP 98920-000 - Fax: (055) 537 1544 ou EMBRAPA - Londrina/PR pelo Telefone: (043) 320.4166 - Ramal 158.



Seu melhor investimento.

Tá na hora de pensar na colheita



É na entressafra que o produtor deve revisar bem a sua colhedeira, para que tudo se engrene no campo

Carolina Bahia

A colheita da safra de verão se aproxima. As lavouras estão em boas condições, não houve problemas de clima ou de pragas. Todo o quadro promete alta produtividade. Mas por onde anda a colhedeira? Se ela estiver dentro do galpão, limpa e bem cuidada, com certeza as expectativas positivas se confirmarão. Entretanto, se a máquina estiver abandonada, debaixo de uma laranjeira, servindo de ninho para os pássaros e de habitat para o

crescimento de inços, a quebra de rendimento será fatal. Além disso, o prejuízo também se traduz em estrago de máquinas que são um verdadeiro patrimônio. A atual ordem do dia é manter as colhedeiças como novas, pois elas estão cada vez mais sensíveis. E os gastos com assistência técnica e falta de atendimento imediato somados ao descuido com a manutenção das máquinas podem levar à breca o trabalho de toda uma safra.

As colhedeiças são fabricadas para funcionarem perfeitamente por 20 anos. Entretanto, a frota brasileira, que hoje é de 50 mil máquinas, tem uma média de 15 anos mal vividos. A boa colhedeira trabalha em torno de 10 horas/dia e apresenta um rendimento de 2.000 sacos por hectare. Mas para que isso aconteça, quando termina a safra o produtor deve voltar sua atenção imediatamente para a manutenção dos equipamentos.

Segundo Mário José Rebolledo Pino, assistente-técnico de produto da New Holland, de Curitiba/PR, há 20 anos no ramo, a entressafra é o melhor período de colocar a colhedeira em dia. Primeiro, porque ela não pode ficar mais de seis meses parada, sem passar por uma limpeza completa. Segundo, porque as peças de troca e os serviços de manutenção costumam baixar de preço fora da correria habitual da pré-colheita.

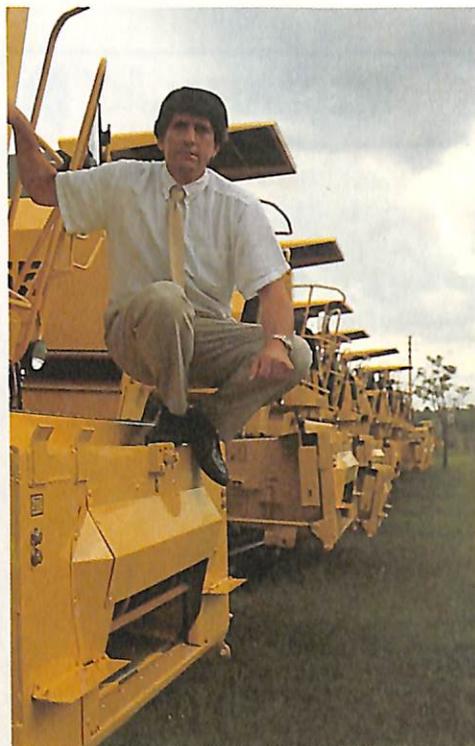
Faxina completa — Com o fim da safra, a máquina entra na época de inverno. Antes de ser colocada no galpão, precisa ser levada a um posto de gasolina para limpeza, ou lavada na propriedade. Se isso acontecer, o seu interior e exterior devem ser limpos, com a remoção de todas as tampas de proteção e inspeção. Depois disso, o indicado é colocá-la em lugar inclinado, para que esorra a água que tiver permanecido nas engrenagens do interior.

Alguns componentes móveis precisam ser retirados, pois exigem maiores cuidados devido ao contato direto com a palha. O bandeirão, as peneiras e a caixa de peneiras passam por uma lavagem à base de água, vapor quente ou água quente.

Para retirar as peças, Pino afirma que não é necessária a presença do distribuidor. Depois da lavagem, esses componentes passam por um tratamento antiferrugem, com tinta vermelha (a melhor contra a corrosão). A plataforma também é retirada, e as correntes devem ser lavadas com óleo diesel, permanecendo, durante todo o período de inverno, mergulhadas em óleo lubrificante. As correias precisam ser mantidas soltas para evitar o desgaste do tensionamento desnecessário.

Uma vez lavada e seca, a máquina é colocada em um galpão limpo, o que quer dizer livre de qualquer tipo de depósito de grãos, adubos e inseticidas, que atuam sobre o material ferroso ou podem atrair animais, como ratos. É importante deixá-la sobre cavaletes, para diminuir o peso nos pneus. Na pintura de toda a máquina, deve ser utilizada a cera protetora, para manter a tinta e devolver o brilho. Pino aconselha que todos os pontos da colhedeira onde a tinta original tenha se desgastado sejam lixados e cobertos pela tinta antiferrugem.

Este também é o momento de trocar aquelas peças que sofreram durante a colheita, por estarem em contato direto com a cultura. As que mais se desgastam são as facas de barra de corte (que duram uma média de 200 horas), os de-



Pino, da New Holland: na mão do proprietário, a máquina dura mais

dos da barra, os dedos retráteis, a barra da esteira alimentadora, a barra do cilindro e a barra do côncavo. Geralmente, esses equipamentos são trocados ao fim de cada safra e já devem entrar no orçamento como gastos fixos.

E de que modo saber se essas peças estão estragadas? Pino explica que tudo depende de algum conhecimento mecânico e, principalmente, da observação na lavoura. No caso das facas que perdem o fio, as perdas no corte evidenciam-se quando o talo apresenta fibras desfiadas. Já a barra de corte depende da regulagem, que não deve passar de quatro dedos de espaço, o que o próprio produtor pode providenciar. Além disso, todos os grampões têm de estar completos. Segundo o assistente-técnico da

New Holland, só há duas maneiras de aprender a identificar essas problemas: ou o dono da máquina se mantém informado sobre a manutenção, ou contrata um operador especializado em colhedei- ras. “O trabalhador preparado consegue identificar qualquer sinal de aparelho danificado, e troca a peça ou faz o ajuste antes que possa haver maiores problemas. Entretanto, nós temos notado que, quando o produtor toma conta pessoalmente das suas colhedei- ras, elas duram bastante mais”, conclui Pino.

Diesel armazenado em embalagem de agrotóxico “envenena” a máquina

Cuide do motor — Apesar de não apresentar muitos problemas, o motor também exige alguns cuidados. Como os demais equipamentos, ele merece uma limpeza, com trocas de filtros de ar e óleo diesel, se necessário. “Um motor com filtro de ar obstruído é como uma pessoa com a boca tapada”, compara, já que esse equipamento permite a compressão do pistão e a explosão suficiente para fazer a máquina funcionar. A própria colhedeira indica quando a troca do equipamento deve ser realizada. Mas, atenção! O operador zeloso demais tem o costume de retirar o filtro todos os dias, para limpeza com ar comprimido.

O resultado de tanto capricho é papel estragado. Cada seis limpezas é igual a uma troca de papel. Outro filtro que não pode ficar obstruído é o de diesel, pois isso reduz a potência do motor, provocando queda de rotação e afetando o sistema industrial da colhedeira. O pró-



Filtro de ar: se estiver entupido, o motor é que sofre



Facas da barra de corte: vida média de 200 horas

prio consumo de diesel está ligado à manutenção do motor.

Pino aproveita para alertar que os produtores rurais que utilizam antigos tanques de venenos para armazenar o diesel estão, efetivamente, envenenando as suas máquinas. "Com o tempo, o motor rateia, e a bomba injetora apresenta problemas, por ter sido contaminada com água ou pesticida." Na verdade, esses latões nunca devem ser reutilizados. O proprietário atento reserva tanques especiais para o combustível, mantendo-os sempre em posição inclinada para contenção de água, com torneira-dreno.

Nessa limpeza, o operador precisa fazer funcionar o motor até a temperatura normal de operação, drenando o óleo e reabastecendo com uma mistura de lubrificante e óleo anticorrosivo a 10%. Ele deve aproveitar para encher o tanque de combustível com uma mistura de anticorrosivo a 10%. Outro item que merece atenção é o armazenamento de palha na volta do motor. Dentro de temperaturas elevadas, ela pode entrar em combustão, causando sério acidente. A água sob pressão também é utilizada para limpar o radiador, que deve permanecer com uma mistura de óleo diesel até a véspera da safra. Essa medida evita a corrosão das partes internas do motor e do radiador.

Outro assunto que preocupa os produtores são as baterias, que podem mesmo durar uma vida inteira, se bem cuidadas. Aproveitando o ritmo da faxina geral na máquina, elas entram na limpeza. Antes de serem armazenadas em lugar seco e arejado, são carregadas, de

preferência a cada oito ou dez semanas, por um período de 24 horas.

Todos esses conselhos são indicados para colhedeiças velhas, que estão há algum tempo no campo. Para as novas, Pino reserva outras dicas. Antes de serem entregues pelo operador autorizado, as máquinas passam por ajustes técnicos. Quando no campo, o técnico da concessionária acompanha a primeira hora de trabalho. A garantia é de um ano, a partir da primeira safra do equipamento. Depois disso, o produtor precisa pedir socorro, quando necessário. "Isso significa sempre que ele não tiver meios de resolver o problema sozinho", observa o assistente-técnico da New Holland.

Cada aniversário que a colhedeira comemora, aumenta seu custo de manutenção. Se depois da primeira safra o agricultor quiser que permaneça como nova, deve encaminhá-la para uma revisão pós-safra. Na concessionária Equagril Palotina, no município de Palotina/PR, os gastos saem em torno de R\$ 400,00 em serviços, R\$ 300,00 em peças (média), e o seguro cobre até R\$ 800,00, o que totaliza R\$ 1.500,00.

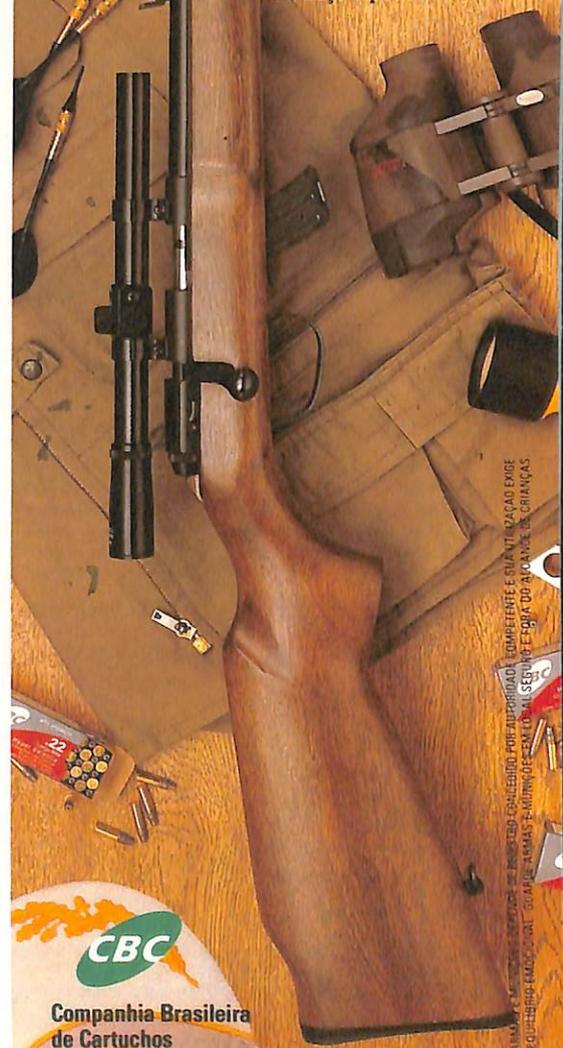
De acordo com o gerente de serviços da concessionária, Paulo Dias de Oliveira, até o quarto ano da máquina, esse total pode ser multiplicado por dois. Depois disso, o desgaste apresentado aumenta tanto que a conta é feita por quatro. A revisão completa de uma máquina antiga (mais de seis anos) cobra-se em sacas de soja. Nesse caso a mão-de-obra sai por 70 sacas de 50 quilos, e as peças não saem por menos de R\$ 1.500,00.

JÁ VEM COM LUNETAS
"BUSHNELL" IMPORTADA.

SNIPER .22 CBC

A SNIPER é para quem tem prazer em atirar. Além da excelente precisão e do baixo custo da munição .22 e da própria arma, a SNIPER praticamente não dá recuo e tem reduzido estampido no disparo. A SNIPER é a mais apropriada opção de

lazer para sítios e fazendas. Ela pode ser muito divertida para o "tiro à lata". Mas é totalmente eficiente na caça a pequenos animais, especialmente com a munição .22 CBC Hyper Velocity. Já disponível nas lojas de caça e pesca.



CBC
Companhia Brasileira
de Cartuchos

Av Humberto de Campos 3220
09400 000 Ribeirão Pires SP
Tel 011 742 7500
Fax 011 459 1933
Telex 11 44007 CBCA BR

A AQUISIÇÃO DE ALMOCOR E O USO DE ALMOCOR EM MOTORES SÃO PROIBIDOS POR LEGISLAÇÃO FEDERAL. TEMPERANTE E QUANTO MAIOR FOR O TEMPERAMENTO, MAIOR SERÁ O RISCO DE ACIDENTE. NÃO SE ENRIQUEÇA COM A MÃO ALTRUISTA. NÃO SE ENRIQUEÇA COM A MÃO ALTRUISTA.

Hora da colheita — Mas se chegou a hora da colheita, e o produtor não tomou nenhuma dessas medidas e tem apenas uma vaga idéia do estado de sua máquina, cuidado! Na verdade, resta muito pouco a fazer. Mas se ainda é possível contar com um mês pela frente, o proprietário pode começar por uma revisão efetivada na própria fazenda. Pino assegura que um dos problemas mais comuns são as paradas de rolamentos durante as operações, o que atrasa os trabalhos. E, como se diz, a lavoura não espera por acertos de última hora.

Para quem teve o cuidado de organizar as suas máquinas adequadamente, esse mês que antecede a colheita é tranquilo e adequado para fazer os últimos ajustes. Antes da safra, a colhedeira pode ser baixada dos suportes, para a verificação da pressão dos pneus e o aperto das porcas das rodas. Deve-se aproveitar para fazer o exame da tensão de todas as correias e correntes, incluindo elevador de palhas e elevador de grãos e retilha. Na verdade, a melhor época para começar as observações com calma é dezembro, aproveitando a parada dos operadores.



Ganha quem está sempre atento

Antes de colher não esqueça:

- * ajuste e manutenção do molinete;
- * ajuste e manutenção do sem-fim da plataforma (alimentador e dedos retráteis);
- * ajuste e manutenção da esteira alimentadora;
- * ajuste e manutenção do cilindro de debulha;
- * ajuste e manutenção do côncavo da debulha;
- * limpeza do bandeirão;
- * ajuste e manutenção do batador de limpeza e ajuste das peneiras superior e

inferior;

- * inspeção e ajuste do ventilador das peneiras;
- * limpeza dos sem-fins de alavanca de grãos e retilhas;
- * tensionamento e inspeção das correntes transportadoras de grãos e retilhas;
- * limpeza e funcionamento dos saca-palhas;
- * inspeção, balanceamento e rotação do picador de palhas;
- * manutenção e revisão do motor da colhedeira;

As montagens recomeçam com a retirada do óleo de proteção das peneiras e instalação na máquina, colocação das baterias e análise atenta da lubrificação dos seguintes componentes: caixa de acionamento de navalha, caixa de tração, redutores finais, reservatório de fluido de freio, reservatório de óleo hidráulico, cárter de motor, compressor de ar e lubrificadores pneumáticos. Nesse momento, o operador já pode ligar o motor e fazê-lo funcionar até atingir temperatura normal de operação e, em seguida, drenar a mistura de óleo mais anticorrosivo. É o momento de trocar o óleo e o filtro de óleo de motor, e ainda de movimento a colhedeira, observando o funcionamento do equipamento hidráulico e dos freios. Depois disso, basta parar a máquina e analisar se tudo está em ordem, instalando todas as tampas e coberturas que tenham sido removidas. A colhedeira precisa ser lubrificada, mas com o cuidado de não aplicar graxa em excesso.

Todos esses serviços podem ser feitos na propriedade. São atividades básicas, que geralmente estão descritas de maneira bem clara nos manuais do operador. Porém, para concretizá-las, é essencial que o produtor mantenha a oficina de campo. Em um galpão arejado, se ele tiver em mãos utensílios, como compressor de ar, caixa de ferramentas universais, morsas, bancadas e prateleiras, consegue atender às manutenções preventivas e até mesmo sanar um defeito inesperado. Geralmente, é na primeira meia hora de trabalho na lavoura que o operador consegue detectar falhas controláveis, em termos de cortes, limpeza e perdas de sementes. Nesses casos, os ajustes mais comuns são feitos no molinete de rotação e altura, na rota-

ção de cilindro, nos ventiladores de ar, nas peneiras e no côncavo.

Apesar de tantos conselhos, Pino se mantém pessimista quanto à mudança de postura dos produtores. O que ele tem observado nas suas andanças pelas propriedades são colhedeiros sujas de terra e resíduos de colheita, enfiadas no galpão ou simplesmente largadas no campo. As correntes, enferrujadas, provocando desgastes, e o bandeirão, um componente caro da máquina, acaba estragando rápido. “Já encontramos ninhos de animais domésticos deteriorando um componente que não sai por menos de R\$ 250,00”, critica. Entretanto, Pino ressalva que alguns proprietários já tomaram consciência da importância de manter sempre nova uma máquina que custa aproximadamente R\$ 100.000,00. Há cerca de um mês, Pino esteve na Argentina e no Uruguai, onde constatou que poucas vezes os agricultores “hermanos” precisam investir em grandes trocas de peças ou manutenções caras de última hora, conservando as máquinas em bom estado.

Muitas vezes, proprietários conseguem destruir esse equipamento em uma semana, conta o técnico, pois com a tecnologia e o progresso dos painéis, as colhedeiros precisam ser mantidas longe da exposição desnecessária ao sol, tendo em vista que, com botões no lugar de alavancas, o ferro é trocado pelo plástico na fabricação dos componentes. Como as máquinas tornaram-se mais sensíveis, também os operadores têm a obrigação de conhecer melhor seu instrumento de trabalho. As colhedeiros evoluíram para proporcionar mais produtividade, e os que delas fazem uso precisam acompanhar essa evolução. ■

INFORMÁTICA RURAL

É AQUI



PEC
2000
For Windows
VERSAO 1.0

Software para
Controle de Rebanhos
e dados individualizados
dos animais.

ADM
Rural
Versão 2.0

Software para
Administração Rural
e Confeção de
Custos de Produção.

SGO
VERSÃO 1.0

Sistema Gerencial
de Orçamentos de
Lavouras.

HARAS
PLUS
VERSÃO 1.0

Controle Reprodutivo e
Sanitário, Campanha e
Cadastro completo

planejar

Rua 15 de Janeiro, 481/303 Canoas - RS - CEP 92010-300
Fone: 051-472.1168 / 051-4724896 - Fax: 051-472.7700

CADASTRAMOS REPRESENTANTES

Soluções caseiras para o motor

Se o motor não dá partida, a causa provável é insuficiência de combustível no tanque. Nesse caso, basta abastecer. Terminais das baterias podem estar sujos ou desconectados, o que exige limpeza, conexão e proteção dos terminais com vaselina. Cabos de bateria, relé do motor e motor de partida podem estar danificados. Então, o único remédio é substituí-los ou concertá-los. O pré-filtro do combustível, se estiver entupido, pede troca. O filtro de combustível entupido também exige substituição. E, para combustível contaminado, o ideal é drenar e limpar o tanque e, logo após, encher com combustível limpo.

Se o motor não fornece potência máxima, atenção para o filtro de ar sujo, que merece limpeza imediata, e injetores sujos ou danificados têm de ser testados. A restrição na tubulação de escape pede limpeza ou troca da tubulação. Ponto de injeção incorreto só precisa ajustar, assim como folga nas válvulas incorreta. Pode ainda tratar-se de respiro obstruído na tampa do tanque de combustível, que só precisa de uma limpeza, ou, mais uma vez, o problema pode ser de contaminação do combustível.

Se o motor dá a partida e pára, os filtros de combustível devem estar obstruídos e exigem substituição, a bomba alimentadora está danificada e precisa ser reparada, e a bomba injetora desregulada precisa de teste de bomba.

Caso a bateria não carregue, os terminais podem estar soltos ou corroídos, e, nesse caso, necessitam de aperto ou substituição. A correia do alternador deve estar frouxa, e é hora de tensionar ou substituí-la, e ainda o alternador ou regulador de tensão podem estar com defeito. Neste caso, resta testar o alternador. (Fonte: Manual do Operador New Holland)



TECNOLOGIA NA INDUSTRIALIZAÇÃO DE POSTES DE MADEIRA

É o que a ICOTEMA emprega no tratamento da madeira do eucalipto para postes e mourões com todas as dimensões e padrões. Consulte-nos



INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE TRATAMENTO DE MADEIRAS LTDA.

Matriz - Av. Eng.º Gianni Palanga, 191 - Itu - São Paulo
Telex 11 79815 - Fax: (011) 783-0269 - Tel. (011) 409-2611

Escritório - São Paulo - SP - Tel. (011) 826-5188

*DDG a granja

DISCAGEM DIRETA GRATUITA

Das 8:30 às 20:30

► DISQUE

051 800 21 06

ENTRE EM CONTATO COM A GENTE

Você tem dúvidas sobre sua assinatura?

*** MAIS UMA VANTAGEM EXCLUSIVA PARA O ASSINANTE**

Quer saber algo sobre pecuária?

Agricultura? Exposições?

Alguma sugestão?

LIGUE PARA A GRANJA E TENHA A SUA RESPOSTA

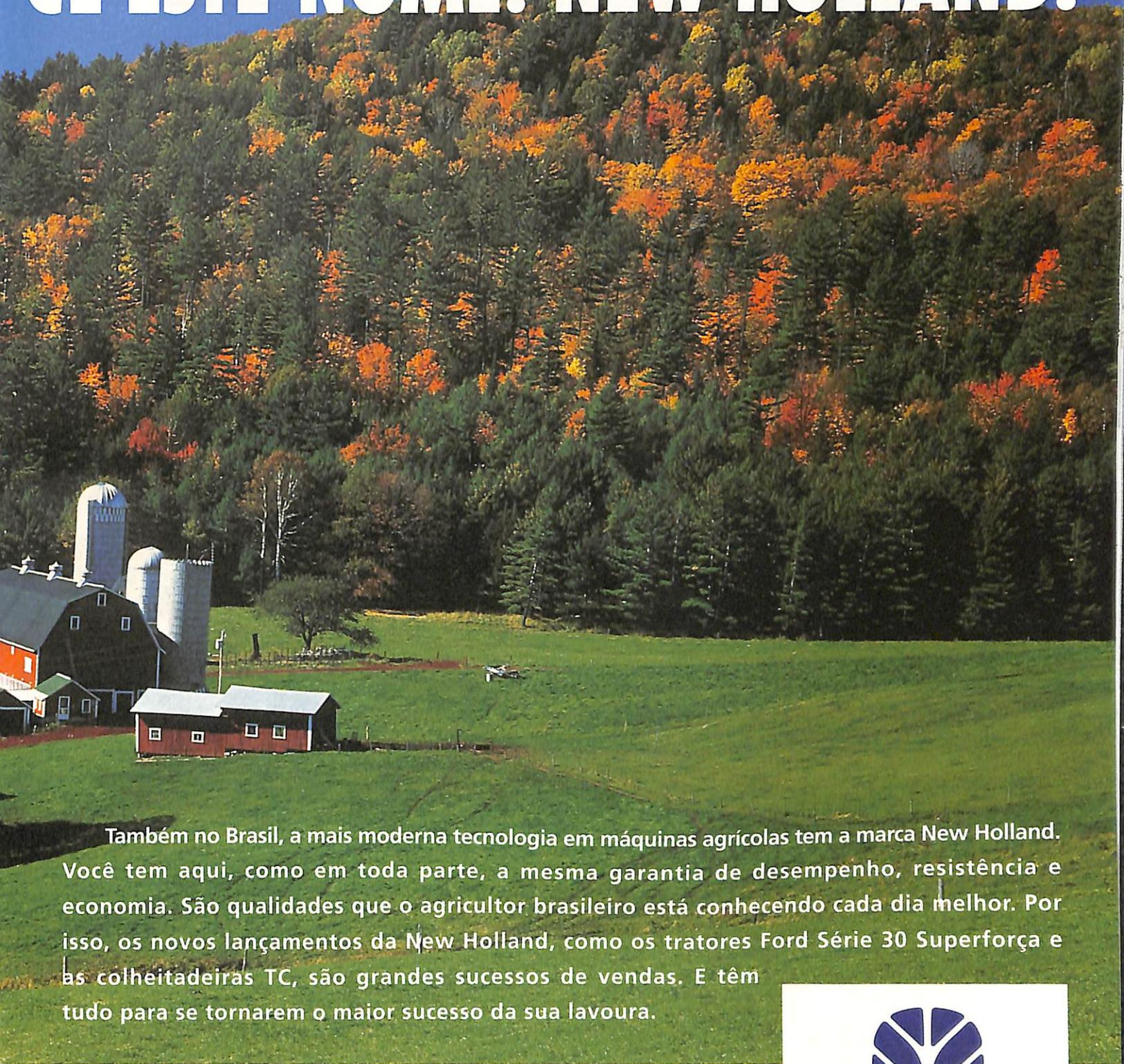
NO MUNDO ONDE O HOMEM PLANTA CRES

A população do planeta dobrou nos últimos 100 anos, e vai dobrar de novo nos próximos 50. Mas a fonte de alimentação continua a mesma: a terra. Cada vez mais, a humanidade precisa multiplicar a produtividade.

A New Holland é líder mundial em máquinas agrícolas, produzindo os mais avançados equipamentos.



INTEIRO, CE ESTE NOME: NEW HOLLAND.

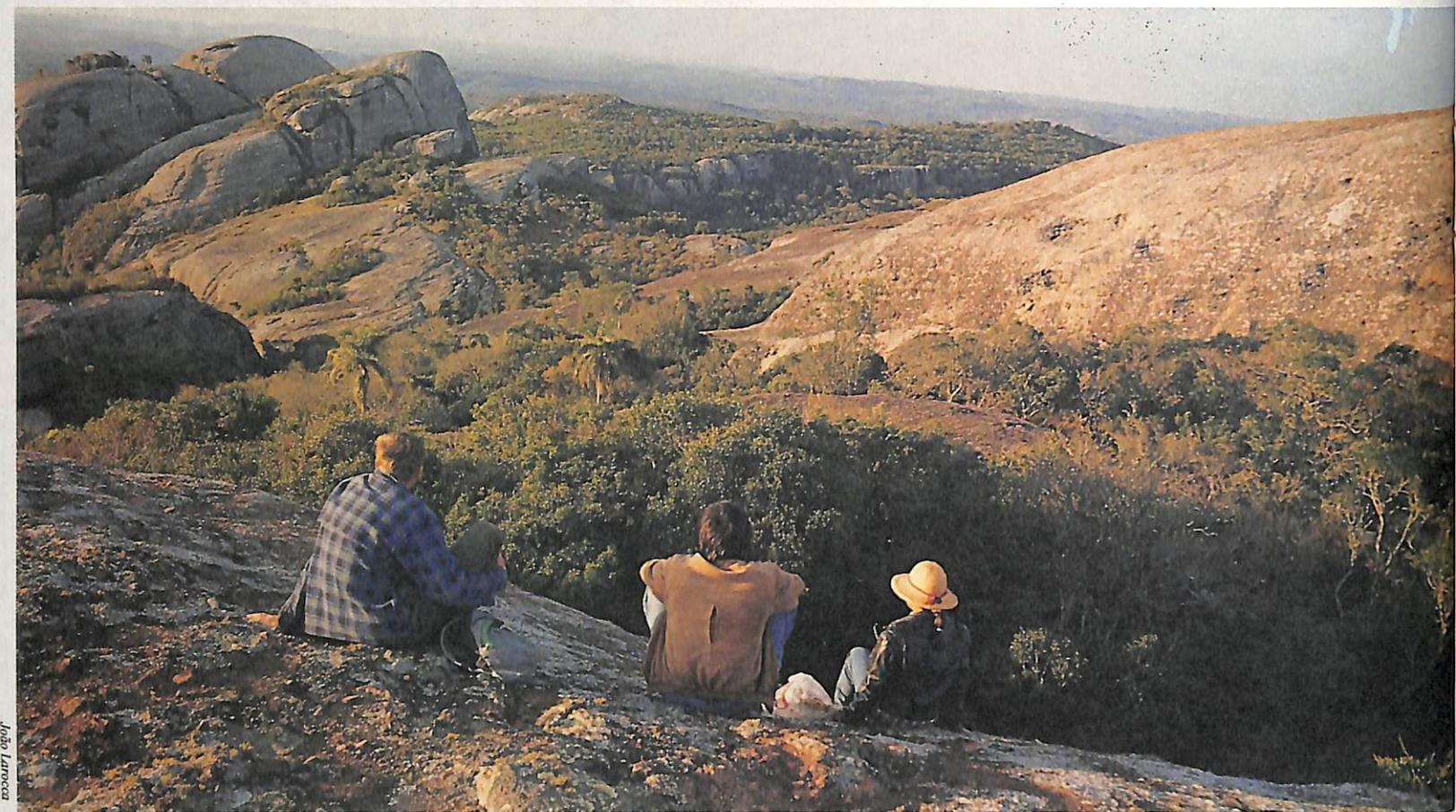


Também no Brasil, a mais moderna tecnologia em máquinas agrícolas tem a marca New Holland. Você tem aqui, como em toda parte, a mesma garantia de desempenho, resistência e economia. São qualidades que o agricultor brasileiro está conhecendo cada dia melhor. Por isso, os novos lançamentos da New Holland, como os tratores Ford Série 30 Superforça e as colheitadeiras TC, são grandes sucessos de vendas. E têm tudo para se tornarem o maior sucesso da sua lavoura.



NEW HOLLAND

*O time vencedor.
No mundo inteiro.*



Preservar é legal. E

Preservar plantas e animais nativos não é apenas um ato de consciência ecológica. Quem for dono de uma área com características que justifiquem o interesse em conservar ou recuperar os ecossistemas locais pode também ganhar dinheiro com isso. Ainda pouco conhecido, apesar de ter quase cinco anos, um decreto do governo federal criou as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) e assegurou aos proprietários, entre outras vantagens, uma que atinge diretamente o bolso: a isenção do pagamento do Imposto Territorial Rural (ITR) sobre a área transformada em reserva.

Publicado em janeiro de 1990, o Decreto 98.914 ainda não ganhou muita popularidade pelo interior brasileiro. Até o final do ano passado, só foram registradas junto ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Natu-

rais Renováveis (Ibama) 61 RPPNs, com uma área total de 181 mil hectares. "O Ibama não promove adequadamente o programa, não divulga as vantagens e não assessora os interessados em fazer suas reservas", afirma José Truda Palazzo Júnior, da representação brasileira da Coalizão Internacional da Vida Silvestre (IWC/Brasil).

No Rio Grande do Sul, os números são ainda menos expressivos. Até agora, apenas duas áreas receberam certificados de RPPN, uma em Júlio de Castilhos e outra no município de Humaitá, enquanto três ainda estão em fase de análise dos requerimentos. Preocupados com o pequeno interesse na criação de RPPNs, Truda e o biólogo João Larocca, da Fundação Gaia, montaram o Projeto Rio Grande Vivo. Entre várias propostas para incentivar a preservação dos ecossistemas gaúchos, eles divulgam o programa

Maria Lúcia Badejo

Além de ficar isento do imposto territorial, o produtor ainda pode explorar a área preservada com o turismo ecológico. Quem tem terras no litoral também sai ganhando



Celso Oliveira

também muito rentável

de reservas particulares junto aos proprietários rurais e orientam para o encaminhamento do registro das áreas.

Abandono — A intenção de Truda e Larocca é percorrer o interior gaúcho para expor o programa, distribuir material de divulgação e debater a legislação sobre RPPNs. “Nossa atenção está voltada para o Rio Grande do Sul porque é uma área com muitos ecossistemas diferentes, que não estão preservados”, esclarece Larocca. O Rio Grande do Sul, com suas peculiaridades geográficas e geológicas, tem grande importância, por receber influências tropicais, com espécies vindas do Brasil Central, do Norte e da Mata Atlântica, e devido a ter semelhanças com ambientes como a região andina, por exemplo, o que favorece a existência de espécies vegetais que não ocorrem no resto do País.

Truda considera o Rio Grande do Sul

praticamente esquecido pelo governo e pelas entidades internacionais, quando o assunto é preservação ambiental. “O único interesse é na Amazônia e na Mata Atlântica e, mesmo assim, só se pensa na do Sudeste”, reclama. O jeito, conclui, é apostar na conscientização do produtor rural, para garantir que áreas de mata nativa, banhados, campos, ambientes ruprestres, vegetação de restingas, margens de rios e lagoas permaneçam intactas, ou, ao menos, algumas amostras desses ecossistemas. “Existem espécies ainda nem catalogadas, e cada morro encontrado no interior é uma ilha de biodiversidade”, garante Larocca.

Vantagens — Inicialmente, o projeto prevê visitas aos proprietários de locais com grande riqueza biológica, interesse paisagístico natural ou que abriguem espécies ameaçadas de extinção. Ambicioso, o plano tem como objetivo visitar to-

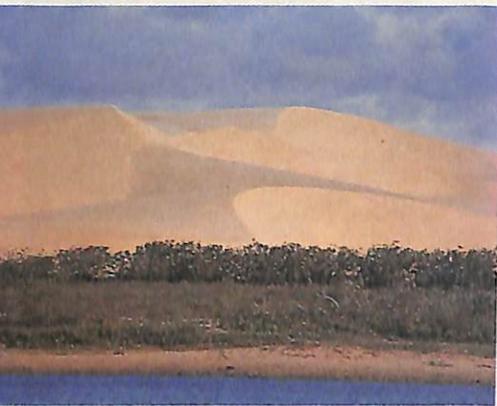
das as áreas rurais do Estado, promovendo o contato com os proprietários por meio de entidades locais, como os sindicatos rurais. “Fala-se muito em manter as tradições gaúchas, mas isto também significa preservar os campos e as matas, senão logo vamos estar andando a cavalo no asfalto”, alerta Truda.

Além de não pagar mais ITR sobre a área transformada em reserva, o produtor rural tem a possibilidade de tirar proveito do turismo ecológico, abrindo o local à visitação. Pela legislação, a RPPN pode ser utilizada livremente, desde que não sejam alteradas suas características. São proibidos o desmatamento, as queimadas, caça, pesca ou captura de animais, e o proprietário é responsável pelo cumprimento dessas normas, contando com a colaboração do Ibama. As reservas particulares têm assegurada a mesma proteção dispensada pelas autoridades públi-

cas às florestas de preservação permanente e às áreas cuja conservação seja de interesse público.

Para encaminhar ao Ibama o pedido de reconhecimento da área como RPPN, além de uma série de documentos, o interessado deve justificar sua solicitação. Ou seja: não é qualquer paisagem que pode ser enquadrada na legislação, e o proprietário precisa convencer o órgão de que o local que pretende transformar em reserva tem as condições para ser tratado como área de preservação permanente. Neste ponto, João Larocca e José Truda Palazzo Júnior acreditam poder facilitar o trabalho, elaborando gratuitamente um diagnóstico da região para servir de justificativa e agilizando o processo junto ao Ibama.

Por enquanto, o Projeto Rio Grande Vivo está à espera de um patrocinador disposto a investir cerca de US\$ 80 mil



Ceará: dunas preservadas

para os dois primeiros anos de trabalho. Nesta fase, deverão ser feitos o levantamento da importância biológica das áreas a serem preservadas e a avaliação dos problemas locais, inclusive quanto ao aspecto legal. Também é prevista a divulgação dos problemas existentes e de propostas para resolvê-los junto às comunidades envolvidas. “As pessoas têm de se dar conta de que a preservação não é um luxo. Ainda que indiretamente, o ser humano é beneficiado”, observa Larocca.

Os cálculos da economia — O dono de uma RPPN, além da isenção do Imposto Territorial Rural sobre a área, poderá contar com o mesmo tratamento dado pelas entidades públicas às florestas de preservação permanente e às áreas de conservação de interesse público. O mais importante é que a transformação de uma área em RPPN não coloca em risco o direito de propriedade, assegurado no Decreto 98.914. Pelo contrário: como passam a ser tratadas

como as demais áreas de preservação permanente, as RPPNs tornam-se imunes à desapropriação, de acordo com o Código Florestal Brasileiro (Lei 4.771, de 15 de setembro de 1965).

Se houver, por exemplo, uma área de 200 hectares avaliada em R\$ 150 mil, com uma taxa de utilização de 50% a 65%, o dono economizará R\$ 450,00 com o ITR. Esse valor pode ser ainda maior, dependendo da área, do valor do imóvel e da porcentagem de aproveitamento. O proprietário rural que decidir transformar sua área ou parte dela em RPPN deve fazer um requerimento, endereçado ao superintendente do Ibama na unidade da Federação onde estiver situado o imóvel. Junto com o requerimento, é preciso enviar ao Ibama cópias do título de propriedade, registrado em cartório, e da carteira de identidade do proprietário e a prova de quitação do ITR do ano em curso. São necessárias ainda a planta do imóvel, com indicação das propriedades limítrofes, e a definição da área a ser preservada, quando for apenas uma parte do total.

Como fazer — Para obter o registro, o interessado deve justificar seu pedido, comprovando a existência de condições naturais primitivas, semiprimitivas, recuperadas ou cujas características justifiquem ações de recuperação, por seu aspecto paisagístico ou para a preservação do ciclo biológico de espécies da fauna ou da flora nativas do Brasil. Protocolada a documentação, o Ibama tem 60 dias para fazer a vistoria do imóvel e emitir laudo e parecer sobre o pedido. Se for favorável, o órgão e o proprietário assinam um termo de compromisso, prometendo cumprir o que determina o Decreto 98.914, onde está a legislação sobre as RPPN.

Nesta fase, o processo é encaminhado à Diretoria de Ecossistemas e termina com a publicação no Diário Oficial da União de uma portaria do presidente do Ibama reconhecendo a área como

Reserva Particular do Patrimônio Natural. O proprietário recebe um certificado e a incumbência de averbar uma das vias do termo de compromisso no cartório de registro de imóveis.

Larocca, da Fundação Gaia: Ibama não ajuda



RPPN: também em capoeira e cerrado

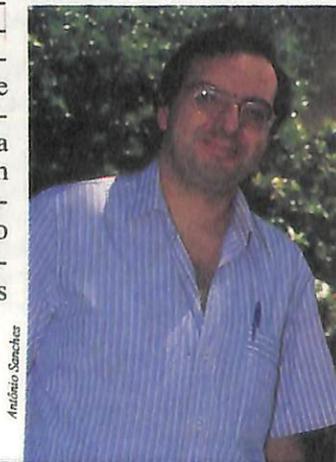
Ecofazendas — Macacos, lobos-guará, onças-pintadas e cervos são apenas uma amostra da fauna existente na Fazenda São Luiz, trans-

formada em RPPN em outubro. Bem perto da cidade, a 28 quilômetros de Cuiabá/MT, a fazenda é uma das paixões do casal de psicólogos e professores universitários José Dirceu e Geny Cauduro, que adquiriram a área, de 660 hectares, em 1989, para ocupá-la com pecuária de corte. Com a abundância de espécies vegetais e animais existentes na fazenda, muitas em extinção, não foi difícil conseguir convencer o Ibama de que a área merecia ser considerada de preservação permanente.

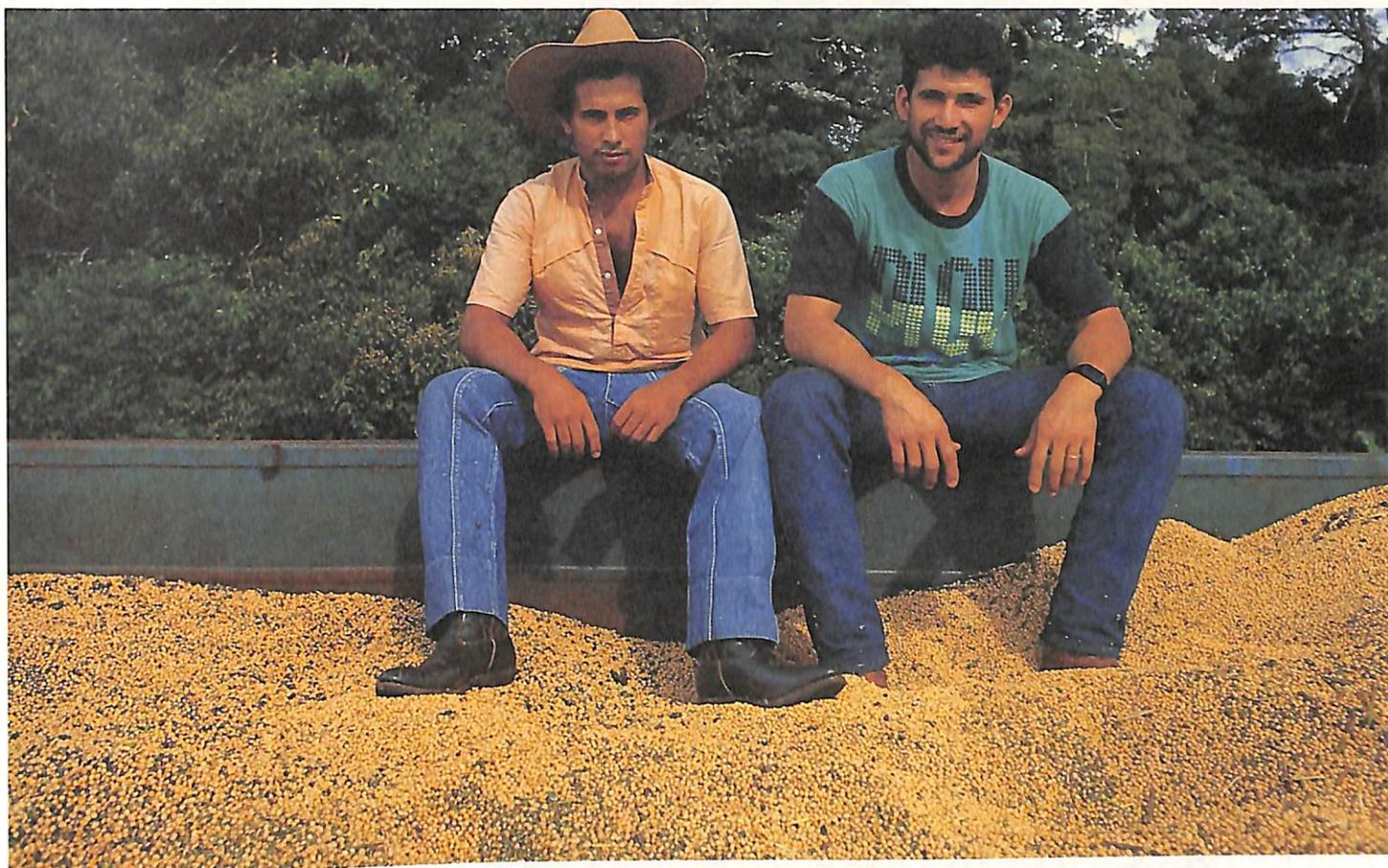
Entre o ingresso do requerimento e a publicação da portaria, passaram-se quase dez meses. “Poderiam ter sido 60 dias, mas houve problemas porque eram duas escrituras e neste meio tempo ocorreu mudança do presidente do Ibama”, explica José Dirceu Cauduro. A área transformada em reserva pelos Cauduro tem 200 hectares. Lá se encontram árvores em extinção, como timbó, angico, baunilha, guatambu, ipê-roxo e amarelo, além de vários tipos de orquídeas.

Nas areias do Ceará, duas RPPN protegem dunas, coqueirais, aves e répteis nos municípios de Amontada e Itapipoca, 200 quilômetros a oeste da capital. As duas áreas somam pouco mais de 500 hectares e pertencem ao empresário Júlio Trindade, dono do *Pirata*, um das casas noturnas mais conhecidas de Fortaleza. Com uma história que começa em Portugal, de onde saiu com 18 anos, Trindade, hoje com 46 e há 13 no Brasil, quer evitar o que chama de “perigo iminente de loteamentos e especulação predatória”. Uma das áreas transformadas em reserva, de 50 hectares, ele comprou em 1991, justamente para evitar que ali fosse instalado um loteamento. Na outra, ele isolou dois núcleos onde plantou mais coqueiros e está criando ovelhas.

Para conseguir o registro das duas reservas, Júlio Trindade levou mais de um ano. “Elas são vizinhas a uma área que o Incra desapropriou para reforma agrária, e isso causou muitos problemas, pois tivemos de provar que o Incra estava desapropriando dunas móveis e uma área de preservação permanente”, conta Trindade, que conseguiu não só que as reservas fossem oficializadas, como também que a desapropriação da área vizinha fosse suspensa.



Antônio Sanchez



A Granja

Parcerias que rendem mais grãos

Em Uberaba/MG, a nova modalidade atrai produtores de todo o País, num casamento perfeito entre terra, trabalho e capital

Ana Paula Damas

Joint-ventures são associações permanentes realizadas entre empresas, para a exploração de determinados negócios. Essas uniões temporárias são muito comuns no meio urbano e visam sempre ampliar a capacidade de produção. No setor agropecuário também se faz joint-venture, só que com um nome menos pretensioso: parcerias rurais. A partir de meados da década de oitenta, os profissionais do setor encontraram nas parcerias uma ma-

neira eficaz de ampliar seus negócios, sem necessidade de grandes investimentos, permitindo que se mantivessem na atividade rural, em épocas de crédito escasso e preços baixos. Por meio das parcerias, os produtores rurais passaram a se associar e a dividir os riscos e os lucros do empreendimento.

A agropecuária brasileira sofreu profundas transformações nos últimos anos — passando da monocultura voltada para o mercado externo e da cultura de

subsistência para a produção em escala comercial, em áreas sem fertilidade natural. Essas mudanças exigiram maior profissionalização do setor e a busca de aproveitamento adequado e racional dos recursos disponíveis. Foi nesse contexto que os produtores rurais se associaram em joint-ventures.

As parcerias no Brasil Central — As parcerias rurais começaram a ser realizadas de forma organizada e sistemática a partir da implantação da Bolsa de

Semente peletizada também é o chão da CRA

A partir de agora conte com toda a qualidade e facilidade das Sementes Peletizadas CRA.

É mais produção e mais rentabilidade com certeza.

Linha de Sementes Peletizadas CRA:

Alfafa Crioula • Cornichão • Trevo Branco • Trevo Vermelho • Trevo Vesiculoso



Semente é o nosso chão

CENTRAL RIOGRANDENSE DE AGROINSUMOS

distra 051 800 4159 Est. da Arroeira, 90 F: (051) 481 3377
Fax (051) 481 3838 - Cx. Postal 30
gratuita CEP 92990-000 - Eldorado do Sul - RS



Van Ass e Bernardo: uma parceria com terra e outra com trabalho

Cristina Silva

Parceria e Arrendamento Rural, do município de Uberaba, em Minas Gerais. Primeira instituição do gênero no País, a Bolsa de Terras de Uberaba foi criada em 1985, por meio de um convênio com o Banco do Brasil e a prefeitura. O programa foi realizado e coordenado pelo empresário José Humberto Guimarães, na época funcionário da Carteira Rural do BB. Ele explica que as parcerias são instrumentos legais que permitem associar proprietários de bens, como terras, instalações, máquinas ou animais, em empreendimentos conjuntos.

A Bolsa de Parceria intermediou a realização dessas uniões, mantendo a estrutura necessária para o desenvolvimento pleno da proposta. "Os proprietários de terras do município e da região, em sua maioria, dedicavam-se exclusivamente à bovinocultura. Em suas propriedades, havia grandes quantidades de pastagens degradadas e de áreas totalmente inexploradas", conta Guimarães. Essas áreas foram cadastradas na Bolsa, que também registrou as pretensões dos agricultores que tinham condições materiais e profissionais de desenvolver empreendimentos comerciais, mas não dispunham de capital para imobilizar na compra de terras.

A Bolsa atraiu principalmente agropecuaristas do interior de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que, sem espaço para crescerem em suas regiões de origem, encontraram nas terras planas e mecanizáveis do Cerrado as condições ideais para desenvolver lavouras comerciais de soja e milho. A transferência desses profissionais mudou a paisagem do Triângulo Mineiro, interferiu nos costumes locais e provocou uma verdadeira revolução agrícola. Nos últimos dez anos, 100 mil

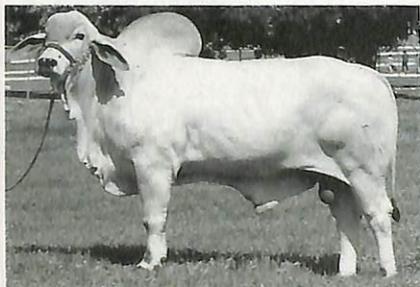
hectares foram incorporados ao processo produtivo, tornando Uberaba o maior produtor de milho e soja de Minas, e a região, a principal fornecedora desses grãos no Estado.

Na safra 83/84, segundo dados da Emater/MG, foram plantados 8,5 mil hectares de soja no município de Uberaba, com produção de 14,8 mil toneladas. Em apenas dez anos, houve incremento substancial: a área plantada passou a ocupar 40 mil hectares, produzindo mais de 90 mil toneladas do grão. Cultivado em sucessão à soja, o milho tem, no município, produtividades médias de 3,6t/ha, o triplo da média nacional. O espaço ocupado com a cultura saltou de 10 mil hectares, em 83/84, para 34 mil hectares na última safra.

A introdução do cultivo comercial de grãos trouxe inegáveis benefícios à economia da região e do País, ressalta Guimarães. Uberaba tem hoje um dos melhores níveis de ocupação produtiva da terra: estima-se que 25% das áreas apropriadas para empreendimentos agropecuários estejam em utilização. Segundo Guimarães, cerca de 70% das terras cultivadas com soja e milho, no município, são hoje fruto de parcerias. Mas a modernização da agricultura não tomou espaço da pecuária bovina na terra do zebu. Pelo contrário, o rebanho cresceu em quantidade e qualidade no município, nos últimos dez anos, passando de 180 mil animais em 1985 para 280 mil em 94. As pastagens, reformadas através de lavouras de grãos, tiveram sua capacidade nutricional aumentada, o que favoreceu o desenvolvimento da produtividade na pecuária.

Prática consagrada — Os bons resultados observados em Uberaba projetaram a proposta em nível nacional. Em

TABAPUÃ



CAMPEÃO DE TODAS AS PROVAS DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL, DESDE 1975.

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO

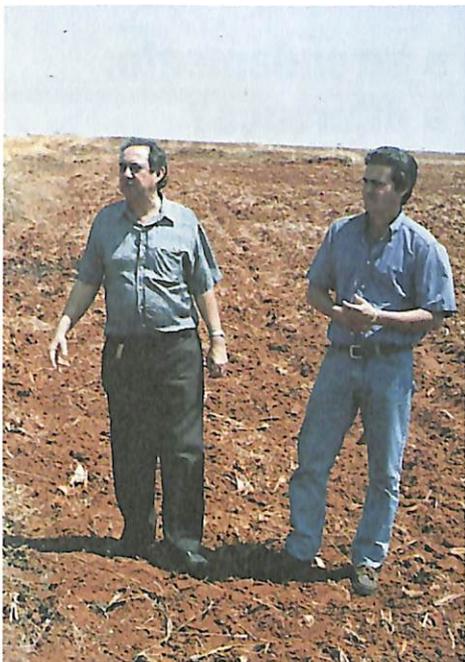
TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL FAZENDA ÁGUA MILAGROSA

Cx. Postal 23 - 15880-000 - Tabapuã - SP
Tel: (0175) 62.1117 - PABX e FAX: 62.1499

89, o Banco do Brasil criou um programa que visava difundir as bolsas de parceria em todas as agências da instituição localizadas em regiões produtoras. Mais tarde, durante a gestão de Antônio Cabrera, tornou-se um programa do Ministério de Agricultura.

O sucesso das parcerias na agricultura inspirou a criação de uma Bolsa de Parceria Pecuária, em Uberaba. É um programa da Nova Índia Genética — empresa que atua no mercado de inseminação artificial e transferência de embriões — coordenado por José Humberto Guimarães. A Bolsa cadastra, de um lado, proprietários rurais que têm pastos formados, infra-estrutura de manejo, confinamento, produção de leite e outros equipamentos subaproveitados e, de outro, registra pecuaristas que, mesmo tendo capital para investimentos na ampliação de seus plantéis, não dispõem de espaço físico. A Bolsa une empreendedores e assessora na elaboração dos contratos. A Nova Índia Genética também faz parceria em transferência de embriões, partilhando os resultados com os pecuaristas que cedem o plantel de matrizes.

Exemplos do sucesso — O desejo de ampliar os negócios, ocupando maiores extensões de terra fez com que o agricultor Antonius Matheus Wilhelmus Van Ass deixasse a fazenda da família, em Panambi/RS, em 1984. Van Ass, um engenheiro-agrônomo de 46 anos, nasceu na Holanda e veio para o Brasil, com pais e irmãos, no final da década de 40. Ele escolheu a região do Triângulo Mineiro para se instalar, por causa da localização geográfica, próxima aos centros consumidores, e da grande disponibilidade



Rezende e Schmitt: 1.300 hectares explorados com milho e soja

de áreas planas, apropriadas para o cultivo de soja e milho.

Inicialmente, ele investiu na compra de terras, e hoje tem uma propriedade de 2.443 hectares entre os municípios de Uberaba e Uberlândia. “A área foi sendo ampliada ao longo dos anos e, quando o custo das terras foi ficando alto, resolvi fazer joint-venture”, conta. Hoje cultiva soja, milho e arroz em 1.700 hectares de área própria e em 700 hectares de parceria.

O primeiro contrato assinado por Van Ass, para o ano agrícola 91/92, previa o

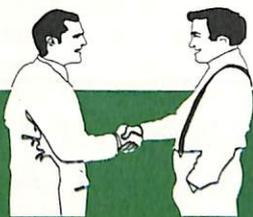
plântio de soja e milho em uma área de 500 hectares, de propriedade do selecionador de bovinos gir Pedro Rocha de Oliveira, na Fazenda Santa Fé do Cedro, a 50 quilômetros de Uberaba. A gleba de pasto nativo está sendo parceirada por cinco anos. O negócio envolve outro personagem, o agricultor Bernardo Adriano Rietjens, 36 anos, que também veio de Panambi, empurrado pela falta de espaço na pequena propriedade da família. Na parceria, as despesas e os lucros são divididos entre Van Ass e Rietjens. “Na verdade”, explica Van Ass, “são duas parcerias, uma com terras e outra com trabalho. Bernardo entra com sua experiência profissional e seus equipamentos, dois tratores e três colhedoras”.

A experiência foi bem-sucedida, e eles decidiram ampliar a área parceirada na Fazenda Santa Fé do Cedro em mais duas glebas: uma de 140 hectares, que entra no segundo ano de cultivo, e outra de 60 hectares, que está sendo aberta nesta safra.

Na safra 93/94, Van Ass produziu 6.711 toneladas de soja, milho e arroz, sendo 70% como semente. A média geral de produtividade do empreendimento foi de 41 sacos por hectare. Cerca de 40% do total de recursos gastos na produção é próprio, e o restante vem de financiamento bancário. A meta de Van Ass é trabalhar apenas com seu dinheiro, o que ainda não foi possível, segundo ele, porque parte substancial do lucro obtido na lavoura é reinvestido em tecnologia. “Para poder produzir cerca de 50 sacos de soja em 1 hectare, é preciso gastar o equivalente a 30 sacos, em proteção, correção, fertilização do solo e tratamentos culturais”, exemplifica. Só nas áreas destinadas à cultura de soja, Van Ass está investindo US\$ 600 mil, nesta safra, com perspectiva de colher US\$ 1 milhão.

Dez anos depois de ter trocado as terras férteis do Rio Grande do Sul pelo cerrado mineiro, o agricultor avalia que conseguiu aumentar dez vezes seu patrimônio. Neste período, ele estruturou um empreendimento de grande porte, e tem hoje 12 tratores, 7 colhedoras, 2 caminhões e unidades de beneficiamento de sementes de soja e arroz. “Se tivesse ficado no Sul, certamente meu capital seria cinco vezes menor”.

Todos aqueles que têm propriedades rurais ociosas devem fazer parcerias com empreendedores que dispõem de conhecimento e tecnologia para aplicar na atividade, utilizando a terra de forma conveniente e fazendo-a produzir. Essa é a recomendação do empresário Gilberto Andrade Rezende, de 60 anos,



JOINT-VENTURE RURAL PRAZOS E PARTILHA

| PROPRIETÁRIO DA TERRA | EXECUTOR DO EMPREENDIMENTO | PRAZO | | PARTILHA | |
|--|--|--------|--------|--|---|
| | | Mínimo | Médio | Safra | Porcentual |
| Gleba inculta, cercada e com acesso rodoviário | Máquinas, limpeza, insumos, custeio da lavoura e mão-de-obra | 5 anos | 8 anos | 1º ano 2º ano 3º ano 4º e 5º ano a partir do 5º ano | 0% 0% a 5% 5% a 10% 10% a 15% 15% a 20% |
| Pastagem degradada | Máquinas, limpeza, insumos, custeio da lavoura e mão-de-obra | 3 anos | 5 anos | 1º ano 2º ano 3º ano a partir do 3º ano | 0% a 5% 5% a 10% 10% a 20% 15% a 20% |
| Parcialmente cultivada | Máquinas, limpeza, insumos, custeio da lavoura e mão-de-obra | 3 anos | 5 anos | 1º ano 2º ano 3º ano a partir do 3º ano | 0% a 5% 5% a 10% 10% a 20% 15% a 20% |

Fonte: Bolsa de Parceria Pecuária



A Granja

Parceria e arrendamento: qual a diferença?

Parcerias e arrendamentos são formas diferentes de uso temporário da terra e outro bens. O arrendamento rural é semelhante ao aluguel. Nessa modalidade de associação, explica o empresário José Humberto Guimarães, o proprietário cede determinado bem e recebe pagamento prefixado sobre seu uso, que pode ser em dinheiro ou em produtos. Independente do resultado do empreendimento, o usuário é obrigado a pagar ao arrendatário, mesmo se a atividade não render o previsto.

Na opinião de Guimarães, o arrendamento nem sempre é um bom negócio, tanto para o proprietário da terra, como para o arrendatário. "Na maioria dos casos, os contratos são estabelecidos com prazos curtos de duração. Se a terra cedida for de pouca fertilidade, não estiver corrigida quanto à acidez, nem com obras de proteção edificadas, o tempo será curto para que o arrendatário faça investimentos buscando produtividade. "Onerado pela obrigatoriedade do pagamento de uma quantia fixa, o produtor não terá condições nem interesse em efetuar esses investimentos.

A terra vai perder progressivamente suas qualidades, estará desvalorizada", disse. Além disso, o proprietário fica fora das decisões que envolvem a condução do empreendimento, e, pior ainda, o arrendamento é considerado como um aluguel, para cálculo do Imposto de Renda, sendo cobradas alíquotas que variam de 10% a 25%.

Já nas parceiras ou joint-ventures, a associação é estabelecida quando seus componentes têm necessidades e objetivos em comum. Um exemplo prático dessa situação: de um lado, um proprietário de terras não tem recursos financeiros, máquinas e implementos, ou mesmo conhecimento e vocação para a atividade agrícola, suas terras permanecendo improdutivas ou subaproveitadas; por outro lado, um agricultor profissional possui recursos materiais e financeiros, mas não dispõe de propriedade rural compatível com sua capacidade. Ambos podem associar-se. Em conjunto, os parceiros passam a utilizar seus bens de forma produtiva, gerando riquezas que serão divididas de forma equilibrada.

Guimarães lembra que esse tipo de associação é muito diferente da antiga "meação", em que o proprietário cede a terra, e o meeiro entra exclusivamente com sua força de trabalho, recebendo parte da produção da fazenda.

dono da Fazenda Rio Claro, que desde 1990 está sendo cultivada em parceria, para a produção de soja e milho, pelo engenheiro-agrônomo gaúcho Mauro Régis Schmitt, de 31 anos. Rezende e Schmitt têm um contrato de joint-venture que prevê a exploração de uma área de 1.300 hectares que estavam ocupados com silvicultura.

Associações dessa natureza não são novidades para Gilberto Rezende, que, na década de 70, montou uma empresa de reflorestamento, a Silvicultura Triflora, responsável pela implantação de 85 mil hectares de eucalipto na região do Triângulo Mineiro, grande parte através de arrendamento. "Em sociedade com a Shell, reflorestamos também cerca de 126 mil hectares na Bahia", lembra o empresário. Com base nos resultados satisfatórios obtidos com os contratos de arrendamento florestal, que têm em média 20 a 25 anos de duração, Rezende decidiu fazer parceria com prazo longo, 12 anos, para o cultivo de grãos.

A área entregue a Schmitt, remanescente da Triflora, começou a ser aberta na safra 90/91, com 200 hectares de soja. O investimento inicial, segundo o agrônomo, foi de US\$ 120 mil apenas para a limpeza da área, sem contar com despesas de correção e fertilização do solo. A previsão é de retorno em três anos, que deve se confirmar na próxima safra. A produtividade média do empreendimento ainda não atingiu os níveis ideais, explica Schmitt, o que é normal quando a agricultura está em implantação em áreas novas. 

GARANTA VIA SATÉLITE O LUCRO REAL DA COMERCIALIZAÇÃO DE SUA SAFRA.

SAFRASNET

O sistema eletrônico em tempo real, via satélite, que veio para revolucionar o planejamento agrícola e o acompanhamento do mercado de commodities e financeiro. Único no Brasil.

Notícias - Comentários - Análises - Cotações do Mercado Físico - Leilões - Bolsas Nacionais e Estrangeiras - Clima - Mercosul Tendências dos Mercados Agrícolas e Financeiros. O dia todo.

✦ soja ✦ milho ✦ trigo ✦ arroz ✦ boi ✦ café ✦ algodão ✦ feijão ✦ frango ✦ suíno
✦ custo do dinheiro ✦ renda fixa ✦ indicadores econômico-financeiros

E tudo isto por um preço sem concorrência.

Ligue e solicite um disquete de demonstração gratuita.



Informações e consultoria agroeconômica.

19 anos de profissionalismo e credibilidade

DDG - Discagem Direta Gratuita: (051) 800-2272

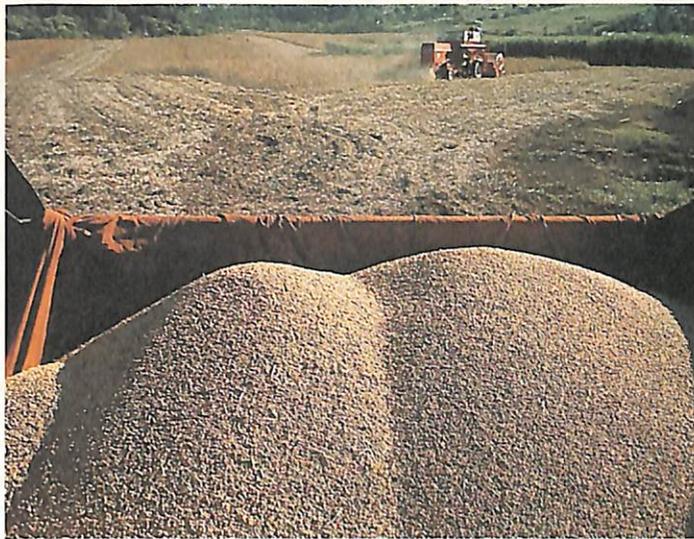
Ligue também Porto Alegre (051) 224-7039 / Curitiba (041) 234-5904 / S. Paulo (011) 889 8092

Clima pode ser o vilão da soja

A no novo, safra nova, governo novo, Mercosul inaugurado, OMC (ex-GATT) começando pra valer e expectativa de grandes mudanças na política agrícola brasileira. A primeira safra de grãos de verão do Plano Real começa plena de incógnitas e esperanças, com perspectivas de grande oferta, mas também de muito consumo. É um quadro ainda incerto, neste momento em que a própria safra brasileira e sul-americana ainda não se definiu, à espera de clima, em que não podem faltar chuvas regulares, da floração até o final da colheita.

Para a soja, entretanto, há algum tempo independente das indefinições da política agrícola oficial, o quadro para 95 já nasce com algumas certezas. Praticamente, só o clima na América do Sul pode mudar o quadro pré-definido para este início de ano, ao que se alia a expectativa de demanda ascendente no Brasil do Real e nos mercados internacionais.

Para avaliarmos com alguma segurança o possível rumo da comercialização e dos preços neste ano, é preciso considerar dois cenários distintos. No primeiro plano, temos o quadro de oferta e demanda nos EUA e mundial, que aponta forte aumento nos estoques finais, em função da safra recorde obtida ou a ser obtida este ano. Neste caso, a menos que experimentemos algum problema na safra da América do Sul, os preços entre janeiro e março apresentarão dificuldades para atingir os US\$ 6,50 médios de 1993 e 1994. A possibilidade de redução na área plantada de soja nos EUA, em 1995, pode ser um fator interessante a partir da divulgação do planejamento de plantio pelo USDA no final de março, e é provável que haja algum repique interessante nos preços em Chicago. Depois disso, vai depender da confirmação, ou não, da redução na área e do próprio



Atenção, sojicultores!

Algumas recomendações podem ser enumeradas para um melhor desempenho comercial em 1995.

1) Em anos de preços com tendência baixista, três são os alicerces de uma boa comercialização: investir em produ-

comportamento climático nos EUA. A princípio, com o aquecimento no consumo, o mercado continua muito sensível a problemas na oferta.

Na outra ponta, olhamos o quadro de oferta e demanda brasileiro para a safra 94/95, cuja estimativa atual também é de recorde, ao chegar a 24,7 milhões de toneladas. Neste caso, haverá pressão forte nas cotações a partir de março, considerando a previsão de aumentos nos estoques finais de 26% e a própria concentração da colheita, em função da estiagem de setembro, que atrasou ou impediu o cultivo da soja precoce. Por esse motivo, é conveniente trabalharmos com preços entre 10% e 15% mais fracos do que em 1994, pelo menos no período de março a maio do ano corrente. Observa-se o fato de que essa confirmação dependerá da própria definição de safra, do fluxo de exportação, que se imagina problemático (em linha com o problema cambial e supersafra nos EUA), e do comportamento dos produtores brasileiros. No último caso, há uma concentração prevista nas vendas a partir de março, uma vez que foi bem menor o volume de soja negociado antecipadamente (até 31 de dezembro, 11%, contra 28% em 1993), embora tudo leve a crer que os produtores terão que adiar ao máximo as vendas, para fugir dos preços baixos na colheita.

tividade, estar bem-informado sobre as flutuações do mercado e possuir uma boa estratégia de comercialização.

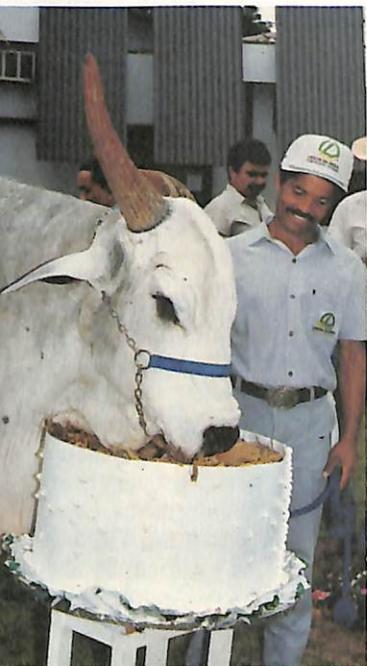
2) Com a concentração do plantio, este ano será maior a entressafra, devendo propiciar momentos interessantes de venda de soja antecipada, principalmente entre janeiro e fevereiro. Uma idéia de venda para o período seria de 15% a 20%, incluindo totais porventura já negociados durante 1994. O objetivo básico é aproveitar oportunidades existentes e fugir da necessidade da venda na colheita.

3) Acompanhar o desempenho da safra na América do Sul. Esse será o diferencial de um mercado frouxo ou firme, no início de 95.

4) Nos meses de março, abril, maio e junho, a venda deve ser uma opção e não uma necessidade. Por isso, a venda antecipada. Com tendência de preços mais baixos, acompanhar a evolução da nova safra norte-americana e o fluxo de comercialização interno e de exportação, para aproveitar os picos que vierem a ocorrer.

5) Se possível, dar preferência para a venda no segundo semestre, com picos prováveis entre junho e setembro, novembro e janeiro.

Silmar C. Müller



Gim de Garça faz 18 anos

Mais de 150 mil filhos e 240 mil doses de sêmen fornecidas, além de inúmeros netos, bisnetos, trinets e até tetranetos. Essa é a contribuição do famoso raçador Gim de Garça à raça nelore e à pecuária brasileira como um todo. Ele completou 18 anos em dezembro (16 de trabalho ininterrupto), e continua prestando seus serviços na estação da Lagoa da Serra Inseminação Artificial (Grupo Bamerindus) em Sertãozinho/SP.

Laticínios se associam

Criada no final do ano passado, a Associação Brasileira das Indústrias de Leites Desidratados (Abild) tem, como principal objetivo, lutar contra as importações de produtos lácteos, altamente subsidiados em seus países de origem e que entram no País com preços muito inferiores aos similares nacionais. Sua primeira missão será criar um banco de dados, para dar suporte aos associados, analisando a evolução dos custos e preços, bem como sua influência nos índices inflacionários. Entre os sócios, empresas como a Nestlé, Parmalat, Mococa, Itambé, Leite Sol e Fleischmann Royal. O presidente é Wilber Marques Antunes, da Nestlé, e a sede fica na praça Dom José Gaspar, 30, 11º andar, São Paulo/SP. Informações adicionais na assessoria de imprensa da Nestlé, com Elizabeth ou Sérgio, pelo telefone (011) 534-2370.



E viva o frango!

US\$ 1 milhão. Esse foi o investimento da União dos Produtores de Frango — que reúne várias entidades do setor — para veicular sua campanha publicitária institucional “Quem vive comendo frango, vive melhor” em São Paulo, no final do ano passado. A campanha foi idealizada pela Rino Publicidade, da capital paulista, e poderá ser extrapolada para todo o País. Conforme o superintendente da Associação Paulista de Avicultura (APA), José Carlos Teixeira da Silva, as propagandas ressaltam a qualidade nutricional da carne de frango, “tão importante quanto o preço acessível, para que o produto atingisse a liderança na preferência do consumidor brasileiro, entre todas as carnes”. Segundo ele, 33% do consumo nacional de proteínas animais referem-se a carne de aves, sendo o frango o produto que mais cresceu entre 1970 e 1994, passando de 2,3 quilos/habitante/ano para 18,5 quilos, no período.

Milho da Embrapa na Bolívia

Primero foi o milho, mas a porta também está aberta para sementes de tomate, cebola, cenoura, alface, brócolis, rabanete e beterraba. Essas são as culturas que poderão ser produzidas na Bolívia, com tecnologia brasileira, a partir do contrato internacional de franquia assinado em novembro, entre o Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo (CNPMS), da Embrapa, em Sete Lagoas/MG, e a Granos/Semillas Cordillera, de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. Trata-se, na verdade, do primeiro contrato internacional de franquia da Embrapa, e visa produzir e comercializar os híbridos duplos de milho BR-201, BR-205 e BR-206 em terras bolivianas. O acordo determinou que o Serviço Regional de Certificação de Sementes de Santa Cruz fará o controle de qualidade dos produtos multiplicados pela Granos/Semillas. Os híbridos brasileiros, testados durante dois anos pela pesquisa oficial boliviana, apresentaram grande tolerância ao estresse hídrico e a doenças, e ganho de produtividade expressivo sobre os cultivares mais usados no país andino. O BR-206, por exemplo, teve um rendimento médio de 7.600 quilos/hectare (15% acima dos milhos bolivianos), enquanto os BR-201 e 205 renderam, em média, 6.900 quilos/hectare (5% acima dos milhos locais).



Força ao plantio direto

Perto de US\$ 150 mil serão investidos por cada uma das sete empresas que participam do Projeto Metas, que visa estimular a pesquisa e a difusão do plantio direto na região sul do Rio Grande do Sul. Os recursos, disse Osmar Bergamaschi, diretor de Agricultura da Monsanto do Brasil e idealizador do Projeto Metas, serão aplicados em treinamento de pessoal, preparo de lavouras de testes e desenvolvi-

mento de pesquisas em fertilizantes e corretivos, culturas de cobertura de solo, controle de plantas daninhas e aplicação de herbicidas. Fazem parte do projeto Monsanto, as empresas Adubos Trevo, Agroceres, Semeato, Cia. Agrícola Extremo Sul, Jaco e Calcário Fida/Irmãos Ciocari, além da Embrapa, Emater-RS e Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).



Parmalat entra em Santa Catarina

Coletando e resfriando 10 mil litros de leite ao dia, fornecidos por 350 produtores, a Parmalat inaugurou, no final de 1994, seu primeiro posto de coleta e resfriamento em Santa Catarina. Instalado em Capinzal, no meio-oeste catarinense, a unidade consumiu US\$ 280 mil da Lacesa S/A Indústria de Alimentos, de Porto Alegre, responsável pelas operações da Parmalat na Região Sul. Para implantar o posto, foram abertas

linhas de crédito direto para os produtores catarinenses adquirirem equipamentos e matrizes leiteiras, com financiamentos que já somaram R\$ 100 mil nesta etapa inicial. Com o ingresso no mercado produtor de Santa Catarina, a ser consolidado com a abertura de outros postos futuramente, a empresa, com matriz em Parma, Itália, já atua em 12 Estados brasileiros.



ExpoChacra 95 pronta

A Fazenda La Magdalena, em Pergamino, Argentina, está praticamente pronta para a maior mostra agrícola da América Latina com máquinas em movimento, de 16 a 19 de março. A área total da exposição ocupará 60 hectares, e 16 novas

máquinas de plantio e colheita deverão ser exibidas em funcionamento. Em um dos campos demonstrativos ocorrerá plantio direto aéreo, como no ano passado (foto). Outras informações pelo fone (00541) 331-4590 ou fax 331-3272.

Lumberbrás bate concorrentes americanas

A Lumberbrás, de Antonina/PR (uma empresa do grupo Montana Química), está com toda a sua produção, de 3.000 metros cúbicos por mês de madeira tratada de pinus, comercializada para o mercado norte-americano. O diretor, Roque Zatti, informou que, para a conquista do filão, a Lumberbrás teve de bater muitas usinas locais, cujos processos de tratamento não eram "ambientalmente corretos". A unidade paranaense, que hoje exporta 10 mil metros cúbicos de madeira serrada, ao mês, para Israel, Europa, Marrocos e Estados Unidos, faturando US\$ 1,3 milhão mensais, opera com um sistema fechado de contenção e recuperação de resíduos dos mais modernos e seguros do mundo, o que lhe abre boas perspectivas no setor.

Uva por máquina

Em troca de 65 máquinas e implementos agrícolas das marcas Agrale, Lavrale e Yanmar, sócios da Cooperativa Viti-Vinicola Pompéia, de Bento Gonçalves/RS, começam a entregar uvas a partir desta safra. O sistema de financiamento é inédito, explica o presidente da cooperativa, Lourenço Ferrari, "pois baseia-se na equivalência-produto". O valor dos equipamentos soma R\$ 300 mil, com recursos liberados pelo Finame Rural, e cinco anos para pagamento, sem correção pela TR.

Curtas

PREOCUPADA com o pós-venda, a Valmet do Brasil elaborou um vídeo VHS explicando o funcionamento de seus tratores. A fita possui 50 minutos de duração, e pode ser obtida pelo telefone (011) 461-2200.

JÁ ESTÁ em funcionamento a Federação de Associações de Fabricantes de Alimentos para Animais do Mercosul, reunindo o setor dos quatro países do bloco. Detalhes no Sindirações, cujo presidente, Fernando Dias, também dirige a nova entidade. Fone (011) 816-0963.

O CATÁLOGO 95-96 dos cursos de especialização por tutoria à distância da Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior (Abeas) está pronto. Dados sobre os nove cursos pelo fone (061) 225-5928.

Anote aí

EM MARÇO iniciam os cursos de suinocultura e gerenciamento na integração de frangos de corte ministrados pelo grupo Supre Mais, de Valinhos/SP. Detalhes através do fone (0192) 69-2288.

JOVENS de 16 a 26 anos que queiram conhecer melhor a vida rural dos Estados Unidos podem buscar informações no ICCE — Intercâmbio Cultural e Cursos no Exterior. Fone para contato: (011) 575-4664.

O HOTEL Glória, em Caxambu/MG, sediará três importantes eventos, de 12 a 17 de março: o 15º Congresso Brasileiro de Entomologia, o 2º Simpósio de Manejo Integrado de Pragas e 6º Encontro Nacional de Fitossanitaristas. Informações pelo fone (035) 829-1287 ou fax 829-1100.

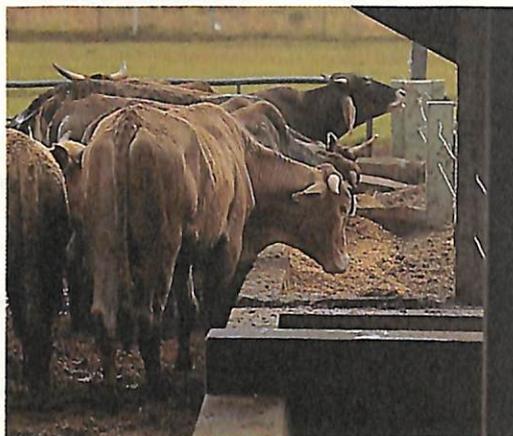
Nabo forrageiro vai bem no MS

E época de plantar nabo forrageiro no Mato Grosso do Sul, uma excelente alternativa para a cobertura do solo, em rotação de culturas, e também indicado na produção de matéria verde para ensilagem, ou de palha para plantio direto. De acordo com a Fundação MS para Pesquisa e Difusão de Tecnologia, nos plantios do início de abril ao final de maio, a produção de massa verde pode chegar a 50 toneladas/hectare. Para a produção de sementes, o indicado é o cultivo a partir de maio. O espaçamento entre linhas varia de 20 a 30 centímetros, com 20 a 40 sementes por metro linear. Em média, são utilizados 15 quilos de sementes/hectare. As plantas começam a florescer com 50 a 70 dias, quando deve ser feito o corte ou a incorporação ao solo, para evitar a ressemeadura espontânea e a infestação da área. Mais detalhes, pelo telefone (067) 454-2631, na Fundação MS.

O bom mineral feito em casa

Superfosfato triplo é uma boa alternativa para substituir o fósforo no sal mineral do gado de corte. E, para formular uma mistura mineral na propriedade, levando em conta seu custo e as necessidades de cada região, já existem receitas prontas. Pecuaristas interessados em conhecê-las, especialmente os criadores do Brasil Central, podem solicitar o comunicado técnico nº 68 do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC), da Embrapa, em Planaltina/DF.

O telefone é (061) 389-2579, e o fax, 389-2953.



Campanha gaúcha adere ao confinamento

Diversas entidades ruralistas da Campanha gaúcha, junto à fronteira uruguaia, vão investir R\$ 1,5 milhão, até 1997, num programa de pesquisa e difusão do confinamento de bovinos na região. No final do ano passado, foi iniciado o levantamento do perfil produtivo de 60 propriedades, visando instalar 20 projetos-pilotos para servirem como campos de testes e demonstração dessa técnica, que vem crescendo rapidamente em todo o País.

Segundo Júlio Barcellos, coordenador da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), também participante do programa, os dados coletados nos acompanhamentos de casos vão gerar um manual sobre confinamento, que será distribuído para pecuaristas gaúchos, buscando intensificar a produção dos campos rio-grandenses.

Produtores interessados no assunto, especialmente na região de Bagé e Dom Pedrito, podem solicitar outras informações no Sindicato Rural de Bagé, através do telefone (0532) 42-5262.

Literatura leiteira

Interessados em publicações sobre produção leiteira dispõem de quatro novos textos elaborados pelo Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite (CNPGL): os livros *Leite em números* e *Capim-elefante — produção e utilização*, e os anais do workshop sobre o potencial forrageiro da alfalfa nos Trópicos e do 2º simpósio sobre capim-elefante. Pedidos pelo fone (032) 215-8550, ramal 169.

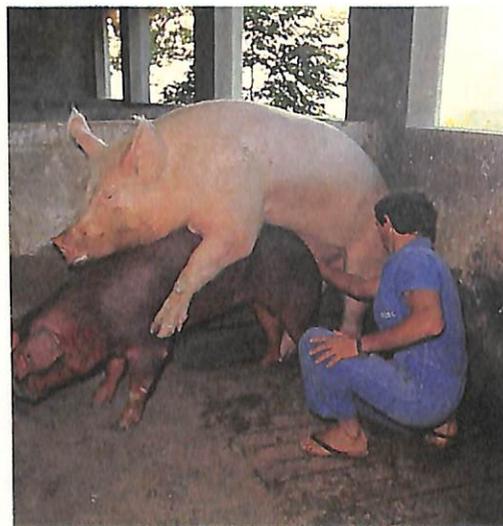
“Ver” o cio é fundamental

Perceber e diagnosticar corretamente o cio é essencial para obter bons resultados na inseminação artificial das porcas. É preciso observar regularmente as fêmeas, duas vezes por dia, após o desmame, de preferência pela manhã e à tarde. Não se deve buscar o diagnóstico do cio durante os horários reservados para a alimentação ou no momento da realização de outras atividades no pavilhão de gestação. A presença do cachaço facilita a identificação e a determinação do cio em porcas e leitoadas. Em geral, ele ocorre sempre da mesma forma, obedecendo os seguintes estágios:

* pré-cio: como o nome diz, é o período que antecede o cio e dura, em média, 48 horas em porcas, mas pode estender-se até cinco dias em leitoadas. Os sintomas mais evidentes do período são inquietude da fêmea, falta de apetite, vulva edemaciada e hiperêmica (cheia de sangue), especialmente em leitoadas. As fêmeas montam, mas não permitem ser montadas pelas companheiras.

* cio: dura, em média, 48 horas. A fêmea apresenta reflexo de tolerância ou de imobilização, o que é o sintoma mais seguro de que ela está em condições de ser inseminada.

* pós-cio: é a etapa que sucede ao cio, e a fêmea deixa de aceitar o cachaço. A vulva apresenta-se murcha, pálida e seca, não havendo mais chances para a fecundação. Para mais detalhes, contatar com a Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul (ACSURS), pelo telefone (051) 712-1014.





Feijão novo na praça

O IAC lançou, no final do ano passado, mais dois cultivares de feijão para o Estado de São Paulo: o IAC-bico de ouro e o IAC-carioca pyatã. O primeiro apresentou produtividade média de 1.775 quilos por hectare e teor de proteína de 26,30% nas sementes, enquanto o pyatã rendeu 2.234 quilos/ha, em média, com teor de proteína de 25,12% nas sementes. O grupo de controle para comparação, formado com lavouras de carioca 80SH, por exemplo, teve rendimento médio de 1.976 quilos/ha e 23,60% de teor protéico nas sementes. Os experimentos indicaram ainda que o pyatã é próprio para o plantio das águas, da seca e de inverno, ao passo que o bico de ouro é mais adequado para cultivo das águas e de inverno. Informações adicionais, com o serviço de divulgação do IAC, pelo telefone (0192) 31-5422, fax 31-4943, ou diretamente na sede do instituto, na Avenida Barão de Itapura, 1.481, CEP 13020-902, Campinas/SP, Caixa Postal 28.

Palmas para o feromônio!

Pela primeira vez no Brasil, foi testado o uso do feromônio sexual e de agregação do *Rhynchophorus palmarum*, principal praga do dendê, coco e de outras palmáceas, na América Latina e no Caribe. E o resultado não poderia ter sido melhor, pois a captura de insetos adultos aumentou seis vezes, com o uso do feromônio. Os pesquisadores da Comissão Executiva da Lavoura Cacaueira (Ceplac) e da Universidade Federal de Viçosa/MG, que desenvolveram a técnica em conjunto, ensinam o método aos interessados: basta colocar 35 pedaços de cana-de-açúcar, com cerca de 40 centímetros de comprimento, devidamente amassados, em

baldes de 50 litros de capacidade. O feromônio *Rhynchophorus*, que vem em tubos plásticos de 3 milímetros cada, é colocado dentro dos baldes e irá durar de três a quatro meses, em condições de campo. Após a colocação das canas e do feromônio, os baldes são tampados e, sobre as tampas, são adaptados quatro funis equidistantes entre si. Atraídos pelos odores da cana e do feromônio, os insetos, ao pousarem nas tampas, escorregam através dos funis e ficam presos dentro das baldes, que devem ser colocados nas bordas da plantação, distantes 1 quilômetro um do outro. A cada 15 dias, faz-se a troca das canas, e os insetos capturados deverão ser eliminados. Mais detalhes, com os pesquisadores Evaldo Ferreira Vilela e Esilda Tiglia, do Departamento de Biologia Animal da UF-Viçosa, pelo telefone (031) 899-2242 ou 899-2243.



Vermelhão assusta

Cotonicultores paranaenses e paulistas devem ficar atentos, nesta época, à manifestação de uma estranha doença constatada na safra do ano passado, denominada de vermelhão, bronzeamento ou murchamento avermelhado do algodão. A moléstia, como o nome indica, se caracteriza pelo avermelhamento das plantas, seguido de murcha e de uma drástica queda na produção. Ainda não são conhecidas as causas ou as formas de tratamento para o problema, mas os técnicos do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) recomendam deixar uma maior densidade de plantas no desbaste (pelo menos uma ou duas plantas a mais, por metro linear), fazer as roçadas superficiais (para evitar danos ao sistema radicular) e manter, sob um rígido controle, a população de pragas, como pulgões e tripses, que podem ser os vetores da anomalia. Outros detalhes podem ser obtidos com o pesquisador Ruy Yamaoka, no Iapar, através do telefone (043) 326-1525 ou fax 326-7868.

Excesso de manganês

Excesso de manganês nas lavouras de soja de São Paulo, chegando a provocar a queda de até 50% na produtividade, é possível de ser contornado com a seleção de uma linhagem da variedade IAC-Foscarin-31 feita por técnicos do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) e da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq).

A linhagem tolerante ao elevado teor de manganês poderá ser utilizada nos programas de melhoramento genético, em que os melhoradores cruzam diferentes genes, para obter as variedades mais resistentes a pragas e doenças.

A nova linhagem está sendo testada pelo IAC em campos experimentais da Alta Mogiana e da Alta Taquarense, com resultados promissores, afirmam os técnicos do instituto. Para mais informações, contatar com os pesquisadores Hipólito Mascarenhas e Roberto Tanaka, no IAC, através do fone (0192) 41-5110.

Batata no PR

Henk Beukema, pesquisador do Centro Internacional de Agricultura (IAC) de Den Haag, Holanda, e reconhecido como um dos maiores especialistas mundiais em batata, será um dos palestrantes do 1º Seminário Latino-Americano da Cultura da Batata, de 7 a 10 de março no Parque Castelo Branco, em Curitiba/PR.

Mais informações, pelo fone (041) 224-8032 ou fax 243-6486.

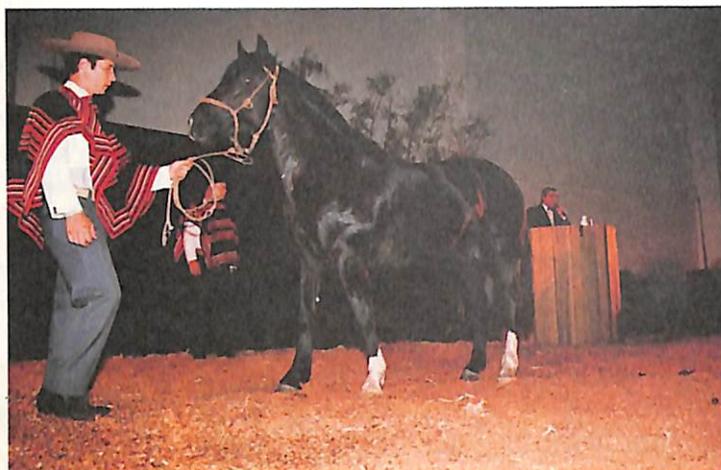
Crioulo chileno bate recorde

O garanhão Pozo Azul Deslinde, de três anos, estabeleceu novo recorde para a raça crioula ao ser vendido, em dezembro passado, por R\$ 60 mil, no remate internacional do Criadero Pozo Azul, do Chile, no Swan Tower Residence Hotel, em Novo Hamburgo/RS. O animal foi adquirido pelo empresário Cláudio Strassburger, da Cabanha Intã, de Campo Bom/RS, que justificou o investimento alegando “a satisfação de ter no plantel um exemplar dessa qualidade”.

Deslinde foi comercializado junto com outro garanhão e mais 21 éguas, todos importados do renomado estabelecimento chileno, localizado em Melipilla, a 70 quilômetros de Santiago do Chile. No total, o remate apurou R\$ 378 mil, registrando médias gerais de R\$ 16,4

mil. Nas fêmeas, a média foi de R\$ 13,8 mil, enquanto, nos machos, ficou em R\$ 43,2 mil.

Strassburger também comprou a égua mais cara do leilão, Santa Isabel Esfinge, mãe de Deslinde, por R\$ 36 mil, além de outro ventre, Idahue Soltera, por R\$ 8,4 mil. O remate foi conduzido pelo Escritório Trajano Silva, com pagamento em cinco parcelas ou apenas uma em 16 de novembro de 95, indexada por produto agrícola, e o proprietário do Pozo Azul, Carlos Noguera Echenique, revelou que



O crioulo Pozo Azul: recorde na raça

pretende fazer um novo leilão, ainda sem data definida. Segundo ele, o mercado brasileiro para crioulos chilenos é promissor. “Deveremos trazer não só animais para serem vendidos como também para competir em provas funcionais gaúchas”, finalizou.

Haras Patrícia oferece domados e importados

O recém inaugurado Rancho Clube de Laço de Dourados/MS abre suas portas, no dia 25 de março, para receber mais de 1.500 convidados do 2º Leilão Anual do Haras Patrícia, de Domingos de Souza Medeiros, que abre oficialmente a temporada comercial deste ano no quarto de milha. O Patrícia localizado em Dourados tem 26 anos de seleção nessa raça e, no leilão do ano passado, vendeu todos os 40 lotes ofertados (15 puros e 25 mestiços), somando US\$ 84.283,00 (preço médio geral de US\$ 2.107,00). O preço mais elevado (US\$ 7.750,00) foi pago pela égua Deduina KRB, adquirida pelo criador

José Amar, igualmente de Dourados.

Para esta edição, Medeiros acredita que as cotações deverão ser 20% a 25% superiores às de 94, estimuladas pela estabilização econômica, pelas facilidades de pagamento (possivelmente oito parcelas, sendo duas no ato e as restantes mensais, sem correção), e também pela qualidade dos animais. A oferta, explicou ele, será de 45 lotes (30 fêmeas e 15 machos), “com a metade já pronta para uso, domados e que entrarão em pista montados; o restante será fêmeas prenhas ou com potro ao pé”.

Entre os destaques, o garanhão Mr. BadgerPar PH, finalista do Potro do Fu-

turo de Apartação e também campeão de conformação. Além dele, o importado Sugars Conclusion, proveniente do Texas/EUA. Medeiros acrescentou ainda que mais de 5.000 convites foram distribuídos para todo o País e para criadores do Paraguai, de onde veio o maior comprador de 94, Francisco Xavier Gonzalez, que investiu US\$ 10 mil, ao adquirir quatro animais. O evento deste ano contará, paralelamente, com provas de tiro de laço e concorrentes do Mato Grosso do Sul e São Paulo, enquanto a parte comercial ficará aos cuidados do escritório Leiloboi. No martelo, Nilson F. Genovesi.



Destaque no calendário internacional

A temporada de eventos agropecuários se destaca, neste início de ano, com promoções internacionais. De 26 de fevereiro a 5 de março, acontece o Salão Internacional de Agricultura de Paris. Mais informações sobre o salão — que costuma reunir, a cada ano, mais de 150 mil criadores e técnicos do setor, no parque de exposições da Porta de Versailles — podem ser obtidas no Promosalons-Brasil, através do Serviço Comercial da Embaixada da França em São Paulo. O telefone é (011) 881-1255, fax (011) 280-0333. Mais

tarde, de 16 a 19 de março, é a vez da ExpoChacra 95, em Pergamino, Argentina. Detalhes pelo telefone (00541) 331-4590 ou fax 339-2438.

Mas o roteiro de grandes exposições internacionais avança pelo ano, com dois eventos nos Estados Unidos: o Farm Progress Show, em Terre Haute, Indiana, de 27 a 28 de setembro, e a World Dairy Expo, em Madison, Wisconsin. Informações sobre ambos na Lactus Marketing Rural, em São Paulo, pelo telefone (011) 62-3129 e fax (011) 62-1470.

NOVIDADES NO MERCADO



■ Inseticida avançado

O Fury 180 EW é um piretróide de terceira geração que tem como princípio ativo a zeta-cipermetrina. O novo inseticida faz um controle eficiente das pragas do algodão (curuquerê, lagarta-da-maçã, lagarta-rosada e bicudo), milho (lagarta-do-cartucho) e café (bichomineiro). Com sua inovadora formulação, à base de água, o Fury não tem solvente e, por isso, causa menos irritação e não entope o bico do pulverizador. Comercializado em embalagens de 1 litro e 250ml. FMC do Brasil Ind. e Com. Ltda., Av. Dr. Moraes Sales, 711, 2º e 3º andares, CEP 13010-001, Campinas/SP, fone (0192) 32-8999, fax 32-8147.

da involução uterina. Possui dupla ação luteolítica e uterotônica, além de apresentar vida média mais longa e maior tolerância. Disponível em embalagens com seis ampolas de 2 ml. Virbac do Brasil, Rua Sena Madureira, 137, CEP 04021-050, São Paulo/SP, fone (011) 574-6533, fax 570-0984.



■ Esta faz (quase) tudo com os grãos

A amachadora de aveia Imack amacha (amassa) o grão com casca, para melhor aproveitamento e digestão de equínos, ovinos ou bovinos. O equipamento também pode ser usado para quebrar e moer milho, arroz, trigo ou outros grãos, e é fabricado em modelos para 1.000, 1.500 e 2.000 quilos por hora. Imack Indústria de Máquinas Agrícolas e Industriais Ltda., Rua das Indústrias, 81, Vila Vera Cruz, CEP 99042-300, Passo Fundo/RS, fone/fax (054) 312-2260.

■ Ventilação natural

Utilizando um método natural de ventilação baseado na movimentação das correntes de ar quente e frio, o sistema Robert's de ventilação e exaustão dispensa o uso de energia elétrica e operadores, além de colaborar no aumento da iluminação interna dos prédios em que é instalado. Pode ser adaptado em coberturas de duas águas, em arco, auto-portante, sheds ou em pré-

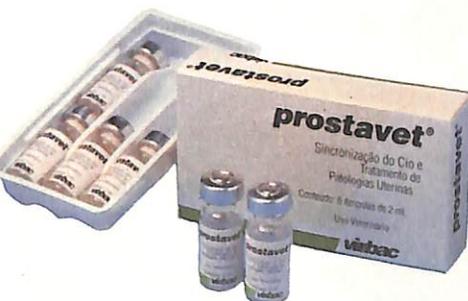


moldados. Especialmente recomendado para silos graneleiros, onde evita a umidade, a concentração de gases, o aparecimento de fungos e insetos. Disponível em três linhas e nove modelos com dimensões e usos diferenciados. Sistemas Robert's de Ventilação Industrial, Rua José Antônio Coelho, 644, CEP 04011-061, São Paulo/SP, fone (011) 572-0874, fax 571-4396.



■ Nutriente no padrão

O Rhodimet TLM NP99 é o único tipo de DL metionina fabricado no País, usado na composição de rações balanceadas de aves, suínos e animais domésticos de companhia. Além disso, o componente vitamínico acaba de receber o ISO 9002, sendo o primeiro certificado de acordo com as normas internacionais ISO 9000 obtido no mundo pelo setor de nutrição animal do grupo Rhône-Poulenc (matriz francesa da Rhodia). Rhodia do Brasil, Avenida Maria Coelho Aguiar, 215, bloco B, 3º andar, CEP 05804-902, São Paulo/SP, fone (011) 545-4097.



■ Nova prostaglandina para as vacas

Prostavet é uma nova prostaglandina sintética para bovinos, resultante das últimas pesquisas bioquímicas da França. O produto pode ser usado para sincronização de cios ou como terapêutico nas principais patologias uterinas, tais como metrites, retenção placentária e retardo



| | MODELO | CV | Nº Cilindro | PREÇO |
|--------------|----------|-----------|--------------|--------------|
| AGRALE | 4100 | 91 | 1 | R\$ 9.356, |
| | 4300 | 30 | 2 | R\$ 16.769, |
| AGRALE/DEUTZ | BX-60 | 57 | 3 | R\$ 30.225, |
| | BX-4.60 | 57 | 3 | R\$ 38.798, |
| | BX-90 E | 83 | 4 | R\$ 39.747, |
| | BX-4.90 | 83 | 4 | R\$ 51.744, |
| | BX.100 | 91 | 4 | R\$ 46.976, |
| | BX-4.110 | 103 | 4 | R\$ 59.865, |
| | BX-4.130 | 123 | 6 | R\$ 68.166, |
| | BX-4.130 | 123 | 6 | R\$ 62.713, |
| | BX-4.150 | 140 | 6 | R\$ 81.408, |
| | BX-4.150 | 140 | 6 | R\$ 74.895, |
| CASE | 580H AX | 75,1 | 4 | R\$ 86.380, |
| | W 18D | 106 | 6 | R\$ 127.006, |
| | W 20D | 146 | 6 | R\$ 141.832, |
| | W 36D | 215 | 6 | R\$ 248.682, |
| | W 30D | 180 | 6 | R\$ 303.306, |
| | 888 CKE | 120 | 6 | R\$ 219.090, |
| CATERPILLAR | D4E-SR | 80/125DP | 4 | R\$ 113.647, |
| | D5E | 105 | 6 | R\$ 143.383, |
| | D6E | 155/216DP | 6 | R\$ 199.267, |
| CBT | 8240 | 81 | 04 | R\$ 45.557, |
| | 8440 | 81 | 04 | R\$ 46.504, |
| | 2105 | 126 | 06 | R\$ 50.544, |
| | 8060 | 126 | 06 | R\$ 73.046, |
| | 8450 | 100 | 04 | R\$ 63.804, |
| | 8060 | 120 | 06 | R\$ 56.816, |
| | 8260 | 118 | 06 | R\$ 73.048, |
| | 8240 | 81 | 04 | R\$ 38.571, |
| | 8440 | 81 | 04 | R\$ 39.602, |
| | 2105 | 126 | 06 | R\$ 47.511, |
| FORD | 4630 | 63 | 3 | R\$ 30.943, |
| | 5630 | 80 | 4 | R\$ 36.276, |
| | 5630 | 80 | 4 | R\$ 48.846, |
| | 6630 | 90 | 4 | R\$ 39.306, |
| | 6630 | 90 | 4 | R\$ 51.417, |
| | 7630 | 103 | 4 | R\$ 47.299, |
| | 7630 | 103 | 4 | R\$ 59.786, |
| | 7830 | 112 | 6 | R\$ 68.872, |
| 8030 | 112 | 6 | R\$ 73.348, | |
| FIATALLIS | 7D | 92 | 3 | R\$ 85.469, |
| | FD9C0 | 110 | 3 | R\$ 117.463, |
| | FR10B | 110 | 3 | R\$ 90.168, |
| | F880 | 77 | 3 | R\$ 53.219, |
| | 14CTC0 | 160 | 3 | R\$ 151.467, |
| FR14CT | 156 | 3 | R\$ 148.484, | |
| KOMATSU | D50A | 91 | 6 | R\$ 150.305, |
| | D60E | 167 | 6 | R\$ 195.863, |
| | D60F | 189 | 6 | R\$ 211.708, |
| | D65E | 167 | 6 | R\$ 205.974, |
| | D73E | 193 | 6 | R\$ 228.867, |
| MAXION | MF 265 | 65 | 4 | R\$ 25.693, |
| | MF 265 E | 65 | 4 | R\$ 24.923, |
| | MF 265/4 | 65 | 4 | R\$ 34.543, |

| | MODELO | CV | Nº Cilindro | PREÇO |
|-------------|------------|-----|-------------|--------------|
| MAXION | MF 265/4 E | 65 | 4 | R\$ 33.519, |
| | MF 275 | 75 | 4 | R\$ 29.270, |
| | MF 275/4 | 75 | 4 | R\$ 37.678, |
| | MF 275/4 E | 75 | 4 | R\$ 36.478, |
| | MF 272 | 75 | 4 | R\$ 28.981, |
| | MF 290 | 85 | 4 | R\$ 34.468, |
| | MF 290/4 | 85 | 4 | R\$ 43.482, |
| | MF 290RA | 85 | 4 | R\$ 27.945, |
| | MF 292 | 97 | 4T | R\$ 37.383, |
| | MF 292/4 | 97 | 4T | R\$ 46.116, |
| | MF 297 | 110 | 6 | R\$ 40.807, |
| | MF 297/4 | 110 | 6 | R\$ 48.921, |
| | MF 299 | 126 | 6T | R\$ 47.223, |
| | MF 299/4 | 126 | 6T | R\$ 58.507, |
| | MF 630 | 110 | 6 | R\$ 58.257, |
| | MF 640 | 120 | 6 | R\$ 64.808, |
| | MF 660 | 150 | 6T | R\$ 77.703, |
| | MX 9150 | 150 | 6T | R\$ 69.993, |
| | MX 9170 | 160 | 6T | R\$ 75.875, |
| MÜLLER | TM 14 | 152 | 6 | R\$ 76.444, |
| | TM 14 | 152 | 6 | R\$ 83.316, |
| | TM 16 | 155 | 6 | R\$ 82.532, |
| | TM 16 | 155 | 6 | R\$ 87.640, |
| | TM 17 | 180 | 6 | R\$ 87.532, |
| | TM 17 | 180 | 6 | R\$ 92.218, |
| | TM 25 | 210 | 6 | sob consulta |
| | TM 25 | 210 | 6 | sob consulta |
| | TM 31 | 290 | 6 | R\$ 141.296, |
| | TM 31 | 290 | 6 | R\$ 146.081, |
| STA MATILDE | SM 370 | 44 | 03 | R\$ 39.719, |
| | SM 400 | 66 | 04 | R\$ 29.315, |
| | SM 500 | 72 | 04 | R\$ 31.315, |
| VALMET | 685 ECO | 62 | 3 | R\$ 19.814, |
| | 685 F | 62 | 3 | R\$ 23.655, |
| | 685 C | 62 | 3 | R\$ 25.213, |
| | 685 4 F | 62 | 3 | R\$ 31.245, |
| | 685 4 C | 62 | 3 | R\$ 32.795, |
| | 785 F | 75 | 4 | R\$ 27.774, |
| | 785 C | 75 | 4 | R\$ 29.729, |
| | 785 4 F | 75 | 4 | R\$ 35.409, |
| | 785 4 C | 75 | 4 | R\$ 39.069, |
| | 885 4x2 | 84 | 4 | R\$ 35.287, |
| | 885 4x4 | 84 | 4 | R\$ 45.245, |
| | 985 4x2 | 90 | 4 | R\$ 39.482, |
| | 985 4x4 | 90 | 4 | R\$ 51.110, |
| | 985 4x4 S | 105 | 4 | R\$ 51.800, |
| 1180 4x4 | 113 | 6 | R\$ 57.428, | |
| 1280 | 126 | 6 | R\$ 43.277, | |
| 1280 4x4 | 126 | 6 | R\$ 59.729, | |
| 1580 4x4 | 145 | 6 | R\$ 72.700, | |
| YANMAR | TC 11 | 13 | 1 | R\$ 9.754, |
| | 1040 STD | 40 | 3 | R\$ 26.442, |
| | 1050D STD | 40 | 3 | R\$ 29.820, |



| | MODELO | TIPO | CV | PREÇO | | MODELO | TIPO | CV | PREÇO | |
|-----------------|---------|-------------------|------|-------------|---------------|--------------------------|-------------------------|-------------|-------------|--|
| IDEAL | 9070 | grão | 120 | R\$ 65.713, | N. HOLLAND | TC 55 | arroz irrigado | 135 | R\$ 74.570, | |
| | 9070 | arrozeira | 120 | R\$ 62.552, | | TC 55 | trigo e soja | 135 | R\$ 75.648, | |
| | 9075 | grão | 120 | R\$ 73.029, | | TC 57 | arroz irrigado | 170 | R\$ 84.428, | |
| | 9075 | grão turbo | 145 | R\$ 77.053, | | TC 57 | trigo e soja | 170 | R\$ 85.669, | |
| | 9075 | arroz | 120 | R\$ 74.144, | | | | | | |
| | 9075 | arroz turbo | 145 | R\$ 78.230, | | | | | | |
| LAVRALE | L 300 | arrozeira/direto | 52,5 | R\$ 48.559, | SANTA MATILDE | 5105 | | 95 | R\$ 47.512, | |
| | L 300 | p/cereais | 52,5 | R\$ 49.031, | | 1200 | | 95 | R\$ 44.511, | |
| | L 300 | p/milho | 52,5 | R\$ 56.329, | | | | | | |
| LEILA | LEILA 2 | esteira | M790 | R\$ 34.671, | SLC | 6300 | versão básica (S/PC) | 135 | R\$ 56.517, | |
| | LEILA 2 | roda | M790 | R\$ 31.329, | | 7300 | versão básica (S/PC) | 135 | R\$ 59.022, | |
| | LEILA 1 | esteira | M790 | R\$ 30.077, | | 7500 turbo | versão básica (S/PC) | 165 | R\$ 68.010, | |
| | LEILA 1 | roda | M93 | R\$ 28.406, | | 7700 turbo | versão básica (S/PC) | 165 | R\$ 69.772, | |
| MASSEY FERGUSON | 3640 | arrozeira | 120 | R\$ 63.591, | | 6300 | versão arrozeira (S/PC) | 135 | R\$ 57.261, | |
| | 3640 | grão | 120 | R\$ 62.050, | | 7300 | versão arrozeira (S/PC) | 135 | R\$ 59.934, | |
| | 5650 | grão | 120 | R\$ 65.490, | | 7500 turbo | versão arrozeira (S/PC) | 165 | R\$ 66.237, | |
| | 5650 | arrozadeira | 120 | R\$ 66.033, | | Série 300 | plataformas | | | |
| | 5650 | grão turbo | 145 | R\$ 70.897, | | PC 314R | cutte 14 pés rígida | | R\$ 9.917, | |
| | 5650 | arroz turbo | 145 | R\$ 69.487, | | PC 316R | cutte 16 pés rígida | | R\$ 10.152, | |
| | MX 90 | grãos | 120 | R\$ 75.419, | | PC 314F | cutte 14 pés flexível | | R\$ 10.445, | |
| | MX 90 | grãos turbo | 145 | R\$ 78.572, | | PC 316F | cutte 16 pés flexível | | R\$ 10.932, | |
| | MX 90 | arrozadeira | 120 | R\$ 75.862, | PC 319F | cutte 19 pés flexível | | R\$ 12.831, | | |
| | MX 90 | arrozadeira turbo | 145 | R\$ 78.990, | PM SLC 204 | p/milho 4 linhas regul. | | R\$ 13.065, | | |
| | 6845 | grão | 120 | R\$ 75.419, | PM SLC 205 | p/milho 5 linhas regul. | | R\$ 14.472, | | |
| | 6845 | grãos turbo | 145 | R\$ 78.572, | PM SLC 206 | p/milho 6 linhas regul. | | R\$ 16.968, | | |
| | 6845 | arrozadeira | 120 | R\$ 75.862, | CE SLC | conjunto de esteiras 6 R | | R\$ 15.779, | | |
| | 6845 | arroz turbo | 145 | R\$ 78.990, | | | | | | |

OBS: 1) Os preços são posto-fábrica, fornecidos em janeiro. 2) Preços para as regiões Sul e Sudeste.

PREPARE TERRENO PARA UMA SUPER SAFRA

TM16 FullTraction



Uma lavoura lucrativa se faz com força e determinação. O produtor se depara com fatores incontornáveis como as condições climáticas e a economia do País. Entretanto, a escolha de um trator produtivo e confiável já é meio caminho andado para o sucesso da lavoura.

Pensando nisso, a Müller projetou o TM16 FullTraction, o trator que oferece além de maior produtividade em sua faixa de potência, conforto e visibilidade totais ao operador.

Com 155 CV, motor Cummins ou MWM, chassi articulado, eixos iguais, rodado simples ou duplo e cabine opcional, é o equipamento ideal para as mais duras tarefas do preparo do solo.

Fale com um distribuidor Müller e conheça o seu mais novo parceiro.



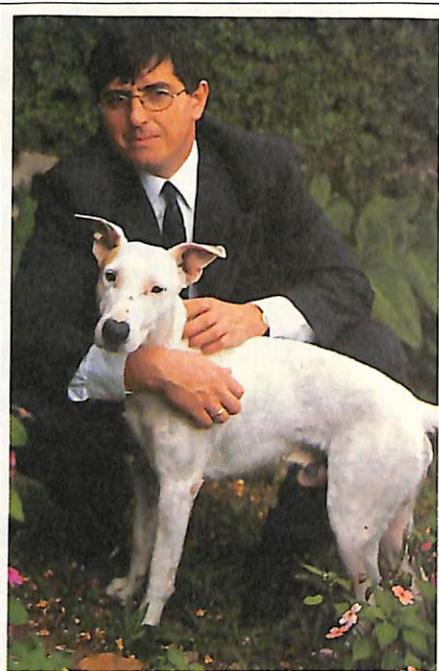
(021) 452-2000

Fim ao sofrimento dos animais

No final de 94, tive a oportunidade de coordenar, em Porto Alegre, o 1º Seminário Latino Americano sobre Bem-Estar Animal, talvez o primeiro desse gênero no continente, e a principal conclusão foi que, com a erradicação da febre aftosa e peste suína clássica (PSC), a competitividade brasileira na disputa do mercado internacional de carnes ficará comprometida pela falta de legislação para minimizar o sofrimento dos animais durante o transporte e abate.

Tenho acompanhado o trabalho de marketing da indústria de carne da Argentina, onde os empresários perceberam, já há algum tempo, a necessidade de adequar a legislação às exigências européias. Junto com o Chile, eles não só têm áreas livres de aftosa como também implementaram leis na área de bem-estar animal para garantir a permanência no comércio mundial de carnes. E o reconhecimento por este trabalho é grande. Em julho passado, um artigo de quase meia página no jornal de maior circulação do Sul da Alemanha (*Süddeutsche Zeitung*) enfatizou a qualidade superior do bem-estar dos animais mantidos na Argentina. Foi destacado o fato deles “permanecerem mamando por oito meses, não serem mantidos em confinamento e se alimentarem de pastagens naturais”.

O assunto, devido ao apelo emocional inerente, tende a polarizar as opiniões e, por isso, admito que esperava uma atitude mais reservada por parte dos colegas brasileiros que trabalham na produção animal. No entanto, a reunião de Porto Alegre me surpreendeu pelo grau de conhecimento e pela sensibilidade dos participantes. Mais de 100 pessoas, 46 das quais ligadas à indústria de carnes, discutiram e enfatizaram a precariedade brasileira no transporte e abate de animais. São raras as vezes em que são carregados e abatidos de forma devida. É inconcebível admitir que sejam submetidos a extenuantes jornadas, muitas delas com duração superior a 72 horas, sem alimentação e descanso.



Adroaldo José Zanella é pesquisador de comportamento e bem-estar animal na Escola de Veterinária de Munique, na Alemanha

Transporte de animais é uma área que tem gerado debates intensos na Europa. Condições mínimas para propiciar o bem-estar dos animais durante o transporte são asseguradas pela diretiva 91 - 496 de 19/11/1991, publicada no Jornal Oficial das Comunidades Europeias. A norma estabelece que “nenhum animal seja transportado sem que esteja apto para realizar a viagem prevista”, e mais: “utilizem meios de transporte adequados” ou, ainda, “não transportem animais nem mandem transportar animais em condições em que estes possam ficar feridos ou ter sofrimentos inúteis”. Também não podem ser transportados por períodos superiores a 24 horas sem receber água e alimentação apropriada. Quais são as diretivas ou leis vigentes no Brasil que tratam do bem-estar dos animais durante o transporte?

Da mesma forma, não dispomos, no Brasil, de dispositivos legais que tornem obrigatório o atordoamento dos animais antes do abate, deixando-os inconscientes antes da sangria. Abater animais sem dessensibilização prévia é

ilegal em todos os países-membros da União Européia (diretiva 74-577/EEC de 18/11/1974, complementada pela diretiva 93-119/CE de 22/12/1993). O atordoamento só pode ser efetuado com equipamentos que comprovadamente rendam o animal inconsciente e com o mínimo possível de sofrimento, como pistola de êmbolo captivo, gás carbônico e descarga elétrica. O uso da marreta, popular em nossos abatedouros, é proibido.

Por que discutir manejo pré-abate, transporte e abate de animais destinados ao consumo humano? Porque as perdas econômicas resultantes de falhas nesta fase delicada do processo produtivo são substanciais em nível mundial. Os resultados desse descaso se refletem diretamente na qualidade do produto final, condenando um produto já acabado, na fase de “empacotamento”. As consequências das mudanças metabólicas resultantes do estresse imposto aos animais durante o transporte alteram as características bioquímicas da carne. Trabalho recente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) demonstrou que 28% dos suínos abatidos no Estado apresentaram a condição PSE (Pallid Soft and Exudative). A carne PSE é de qualidade inferior, pois apresenta coloração pálida e desuniforme, sendo pobre em retenção de água durante o resfriamento. Outro estudo realizado na África do Sul demonstrou que falhas no manejo pré-abate respondem por 90% dos casos de PSE. Qual é o valor que os produtores e industriais brasileiros perdem?

No seminário porto-alegrense, chegou-se à conclusão que, reduzindo em 10% as perdas relacionadas com transporte de bovinos e ovinos, a indústria brasileira de carnes economizaria mais de R\$ 20 milhões anuais. Por essas razões, o momento é propício, no Brasil, para a implementação de leis regulamentando o transporte e o abate de animais, o que minimizará seu sofrimento e resultará em mais produtividade e garantia de competitividade no mercado externo. ■

ESTA SAFRA TEM TUDO PARA SER IDEAL.

**Plantões de atendimento
na revenda e na fábrica**

Estoque de peças agilizado

**Tele-atendimento Ideal
Suas críticas e sugestões
são bem-vindas
Ligue grátis (051) 800-4197**



**MOBILIZAÇÃO
DE SAFRA 95**

Em todo o Brasil, conte com sua revenda Ideal.



O NOSSO COMPROMISSO ESTÁ SELADO.

A SLC sempre participou ativamente do processo de desenvolvimento da mecanização agrícola no Brasil. Neste ano em que comemora os seus 50 anos, reafirma o seu compromisso de entender e atender às necessidades de produtores cada vez mais exigentes. Mas a evolução da agricultura vai continuar avançando. E a SLC também. Juntas, ainda têm um longo caminho pela frente: o futuro de um novo Brasil que está nascendo da agricultura.



Seu melhor investimento.